



Universidade Católica do Salvador
Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação
Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania

GEORGES REBOUÇAS FERREIRA

**OS IMPACTOS DIRETOS E INDIRETOS DO
PROUNI EM TRAJETÓRIAS JUVENIS.
ESTUDO DE CASO COM JOVENS EM UMA IES,
EM SALVADOR**

Salvador

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

GEORGES REBOUÇAS FERREIRA

**OS IMPACTOS DIRETOS E INDIRETOS DO
PROUNI EM TRAJETÓRIAS JUVENIS.
ESTUDO DE CASO COM JOVENS EM UMA
IES, EM SALVADOR**

Dissertação apresentada ao Mestrado de Políticas Sociais e Cidadania da Universidade Católica de Salvador, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre

Orientadora: Profa. Dra. Mary Garcia Castro

Salvador

2009

UCSAL. Sistema de Bibliotecas.
Setor de Cadastramento.

F383i Ferreira, Georges Rebouças

Os impactos diretos e indiretos do PROUNI em trajetórias juvenis. Estudo de caso com jovens em uma IES, em Salvador / Georges Rebouças Ferreira. - Salvador: UCSal. Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação, 2009.
104 f.

Dissertação apresentada à Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Políticas Sociais e Cidadania.
Orientadora: Profª Drª Mary Garcia Castro.

Inclui bibliografia.

1. Programa Universidade para Todos - Prouni - Brasil. 2. Jovens de baixa renda - Educação superior - Acesso. 3. Prouni - Jovens - Auto-estima - Autoconfiança. 4. Capital social - Cultural - Importância. 5. Rede de relacionamento - Aumento. 6. Políticas sociais - Dissertação. II. Universidade Católica do Salvador. Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. III. Título.

CDU 378.014.53((81)(043.3)).

TERMO DE APROVAÇÃO

GEORGES REBOUÇAS FERREIRA

OS IMPACTOS DIRETOS E INDIRETOS DO PROUNI EM TRAJETÓRIAS JUVENIS. ESTUDO DE CASO COM JOVENS EM UMA IES, EM SALVADOR

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Políticas Sociais e Cidadania da Universidade Católica de Salvador.

Salvador 26 de fevereiro de 2009.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Mary Garcia Castro

Profa. Dra. Kátia Siqueira de Freitas

Profa. Dra. Ronalda Barreto

A Deus pela vida, a Georges Hector, meu filho, pelo estímulo de me tornar exemplo. A meus pais, Aristarco e Milza, pelo sonho, que um dia sonharam e que se fez na minha existência e a Tássia Catarina pela amizade e incentivo.

AGRADECIMENTOS

A Mary Garcia Castro, por seu carinho e por ser, depois de mim, a primeira a acreditar no pesquisador que vive em mim.

A Kátia Siqueira de Freitas pela amizade, responsabilidade, entusiasmo e incentivo com a educação e os educadores.

A todos os colaboradores, alunos, professores, colegas e amigos que fizeram parte de ações verificadas para esta pesquisa.

“Qualquer coisa que estejamos fazendo determina o tipo de estímulo que desencadeará certas respostas que estão meramente prontas para expressar-se, e é a atitude em termos de ação que nos determina que estímulo será”.

George Hebert Mead

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo 1 – Metodologia	16
Capítulo 2 – O Prouni como veículo condutor para a mudança de vida	21
Capítulo 3 - A auto-estima e a autoconfiança como combustível vital	32
Capítulo 4 - A importância do capital social e cultural e a rede de Relacionamento	38
Capítulo 5 – A história de minha vida – contada pelos bolsistas Prouni	47
Capítulo 6 – A visão dos Pais e professores	75
Capítulo 7 – Nem tudo é um mar de rosas, o perigo mora ao lado	87
Capítulo 8 – Conclusão	92
Bibliografia	98
Anexo1 Média da sala: Alunos Prouni e Não Prouni	102
Anexo2 Menores notas por sala: Alunos Prouni e Não Prouni	103
Anexo3 Maiores notas por sala: Alunos Prouni e Não Prouni	104

RESUMO

Esta pesquisa mostra que o Programa Universidade para Todos – Prouni proporciona para os jovens de baixa renda, além da educação acadêmica, a elevação da autoestima e autoconfiança desses jovens, em comportamento, dando uma clara demonstração de desenvolvimento de amor próprio e confiança em um futuro melhor. Também discute a importância do capital social e cultural e a criação de redes novas de relacionamentos propiciadas pelo apoio do Prouni. Recorro a um estudo de caso em uma IES em Salvador, sem intenção de generalizações mas como indicação para o debate das hipóteses da pesquisa. Utilizando a técnica de entrevistas, foram feitas as perguntas aos alunos do Prouni juntamente com seus pais e professores onde puderam ser checadas as modificações dos comportamentos destes jovens, antes, durante e depois deles cursarem uma faculdade com uma bolsa do Prouni.

PALAVRAS CHAVES: Prouni, Educação superior para jovens de baixa renda, autoestima, autoconfiança, capital social e cultural, rede de relacionamento.

ABSTRACT

This research indicates that the Brazilian Program '*Programa Universidade para Todos-PROUNI*' is important for low income youth not just because it aims basic academic education but because it proportionates also an upgrade in the self esteem and assertivity. It also collaborates to changes in behavior of those young persons who get engaged in it. Many young students show higher confidence in their future what is related to the Program effects. The research focus such effects as well as the importance of social and cultural capital and networks created through the engagement with the Program . A case study is developed in an IES in Salvador. This experience is used as well as research developed with support of direct interviews with young students of the Program, their parents and teachers in order to discuss life trajectories and changes registered before, during and after the scholarship they get from the PROUNI.

Key words: PROUNI, Graduate Schooling for low income youth, self steem, self respect, social and cultural capital, relationship network.

INTRODUÇÃO

Sou professor universitário há apenas oito anos, apesar de ensinar há mais de vinte anos. Na Instituição de Nível Superior – IES em que fiz o estudo de caso faço parte do corpo docente, desde a sua fundação, no ano de 2004, e tenho tido o privilégio de ser professor do primeiro, quarto e sétimo semestre de alguns alunos, podendo acompanhar as mudanças pelas quais passam, desde quando eles ingressaram na faculdade até sua saída para o mercado de trabalho.

Durante esse período, com o tempo, percebi detalhes mais evidentes em alguns alunos, como: maior dedicação, comprometimento com os estudos, *alegria e otimismo*. Certo dia, conversando com um destes jovens, descobri que muitos daqueles que evidenciavam essas características eram bolsistas do Programa Universidade para Todos – Prouni. Nessa época, muitos colegas professores criticavam o programa, argumentando que o recurso que era destinado para ele, deveria ser utilizado na construção de novas faculdades públicas. Então, eu me perguntava: “será que eles estão certos ou não?” Foi aí que me despertou o interesse pelo tema escolhido para esta dissertação.

Como o meu papel aqui é de “cientista social” (COLOMBO, 2005, p.266), destinei o capítulo 07 desta dissertação para apresentar algumas observações que me cabe apenas como pesquisador. Algumas destas observações são preocupações parecidas às proferidas pelos meus colegas professores, que relatei anteriormente, utilizando outro ponto de vista. Aliás, confesso que todas as observações, que irei apresentar neste capítulo, foram percebidas durante o processo de investigação da pesquisa.

Acho que não é convencional começar uma dissertação com parte de uma entrevista, mas para exemplificar o motivo do meu desejo por esse tema, mostro um trecho de uma entrevista que fiz no dia 26/06/2007, às 21 horas, com um aluno Prouni quando ele cursava ainda o quarto semestre da graduação de Jornalismo na IES que me fixei nesta pesquisa. Apenas a título de informação, após um ano, no dia 06/11/2008, entrevistei uma professora dele, que não sabia que ele era bolsista do Prouni, e também a mãe do aluno, no dia 05/11/2008, podendo fazer comparações

notadas no aluno e no filho durante o curso na faculdade. Trata-se de um dos meus alunos, dentre os quais irei me referir posteriormente, com a entrevista na íntegra.

Pergunta: João, tem gente que critica muito o PROUNI, acha que o governo investe um dinheiro no PROUNI que poderia estar criando novas faculdades. Você acha que o PROUNI modificou sua vida? Como você se sente no PROUNI?

Resposta: O PROUNI mudou totalmente a minha vida. Eu posso falar abertamente que o PROUNI tirou toda aquela carga de dizer que meu pai tirava todo dinheiro dele pra investir em uma faculdade, com toda aquela dificuldade. O PROUNI me deu oportunidade de eu ir buscar fundo, de eu conhecer pessoas com maior profundidade de conhecimentos para passar. Tudo isso o PROUNI me trouxe. O PROUNI me trouxe um novo estilo de vida. Eu posso dizer assim: “olha você foi selecionado, pra você entrar e estudar, por conta do Governo. O Governo agora tem uma responsabilidade com você”. Tudo isso foi por causa do PROUNI. O PROUNI é justo porque eu sou do interior, eu não tenho condições talvez de “debater” com as pessoas que estudaram no Colégio Antônio Vieira, ou Marista, eu que vim de uma escola polivalente, fraquíssima de lá, mas que é a melhor escola de Candeias, porém ela é muito fraca, eu não posso “debater” com outras pessoas. O PROUNI é justo em dizer que “você pode, de igual para igual, debater, que você pode entrar porque foi com seus esforços”. O PROUNI não me pegou lá porque eu sou coitadinho, o PROUNI me pegou porque ele viu que meu nível de conhecimento também está compatível. Então o PROUNI é algo justo ele mudou não só a minha vida, mas também a de toda a minha família, e de tantos outros colegas que tiveram a oportunidade de hoje estar cursando o nível superior.¹

Meu objetivo é mostrar que no universo dos alunos universitários de baixa renda, beneficiados pelo Prouni ocorre, além da formação acadêmica, outros ganhos como: aumento de capital social e cultural, bem como o aumento da auto-estima, autoconfiança e rede de relacionamentos. Tenho como hipótese que as figuras que servem de referência para o processo de modificação são os professores, os colegas de faculdade, os coordenadores de curso, os diretores e o próprio ambiente da faculdade. Para mim, cada um desses componentes modela, direta e indiretamente, as modificações que ocorrem com cada jovem e, na maioria das vezes, com o tempo, se materializa neles, através de diversas formas de comportamento, conforme cada um assimilou.

A fim de esclarecer esse pensamento e poder explicar melhor distribuí essa hipótese em quatro partes:

1 - Além de contribuir com a formação acadêmica, o Prouni está proporcionando a modificação do comportamento, desenvolvimento do capital social e cultural e criação

¹ Trecho retirado do capítulo 5, na pagina 57, desta dissertação.

de redes de relacionamento dos jovens de baixa renda por meio do convívio com pessoas de outras classes sociais.

2 - No processo de modificação dos alunos contemplados pelo Prouni, inicia-se um outro processo, de menor mudança, junto aos parentes e amigos com quem convivem em suas comunidades.

3 – O Prouni, como um programa social de incentivo à educação de nível superior para jovens de baixa renda, influência, direta e indiretamente, os planos destes jovens universitários e fornece motivação para a transformação de suas vidas.

4 - Considerando que o ensino é válvula propulsora de mudança da sociedade, o Prouni contribui para acelerar essa transformação ou o dinheiro utilizado no Prouni poderia ser destinado para outro programa educacional mais urgente?

Segundo Colombo, Melucci, (2005, p.266), “o cientista social é um escritor e um narrador”. Procurei ser o tal cientista que cita Colombo. Desta forma, procurei ser pragmático na pesquisa e utilizei a narração reflexiva, que é, segundo Colombo, Melucci, (2005, p.283), citando Troyer, (1993), um tipo de escrita em que os discursos ocorrem na primeira e na terceira pessoa.

Essa pesquisa está assim distribuída: no capítulo 01, descrevo a metodologia, os delimitadores qualitativos, as amostras (tipos e tamanho), as ferramentas de pesquisa e a forma como foi feita a pesquisa. No Capítulo 02, explico o surgimento do Prouni, as regras de funcionamento, as vantagens, o meio de acesso ao programa, bem como os progressos já alcançados desde a aprovação do Prouni, no ano de 2005, até os dias de hoje. No capítulo 03, apresento um debate sobre conceito de auto-estima e autoconfiança trazendo partes de entrevistas que realizei, construindo associação com as dimensões qualitativas adotadas. No capítulo 04, faço o mesmo com capital social e cultural e rede de relacionamentos; neste momento mostro os impactos que essas dimensões podem causar no futuro e no presente do jovem bolsista do Prouni.

No capítulo 05, reúno todas as entrevistas que fiz com os alunos do Prouni, com respectivos comentários em relação às dimensões qualitativas aqui estudadas. No capítulo 06, comparo os dados dos alunos com as informações coletadas das entrevistas com seus professores e familiares, discutindo minhas hipóteses de pesquisa sobre efeitos do Prouni no plano da subjetividade e orientação de vida dos alunos

assim como de comportamentos. No capítulo 07, apresento as principais críticas ao programa, bem como alternativa do uso das verbas públicas para educação. No oitavo e último capítulo, faço as conclusões sobre o tema escolhido para esta pesquisa.

A riqueza dos programas sociais é que eles proporcionam as modificações aqui pesquisadas, de maneira igual para todos beneficiários, sem nenhuma restrição de raça/cor, sexo ou idade, apenas observando as condições financeiras desses. Segundo Rodrigues², a cidadania ganha sua legitimidade na ação educativa. E é o que vem se realizando, a partir do momento em que jovens com menos recursos financeiros e preparo educacional, que antes não tinham o direito de sonhar com uma melhor forma de vida, estão obtendo, por meio deste programa educacional, a chance de freqüentar o nível superior. Em momento algum poderei afirmar que a titulação de nível superior irá garantir essa mudança de vida, mas, no mínimo, poderá facilitar esse processo de modificação. Não me propus a pesquisar o que ocorre após a conclusão do curso e sim as modificações que são detectadas nesses jovens durante o curso.

Kant afirma que "o homem é a única criatura que precisa ser educada", por isso a educação é fundamental para que o ser humano se constitua. Quando o Governo posiciona-se como um incentivador de serviços educacionais, para a educação de nível superior, para uma parcela da sociedade, historicamente marginalizada, surge a possibilidade de contribuir para uma transformação efetiva.

o homem não se define como tal no próprio ato de seu nascimento, pois nasce apenas como criatura biológica que carece se transformar, se re-criar como Ser Humano. Esse ser deverá incorporar uma natureza em tudo distinta das outras criaturas. Ao nascer não se encontra equipado nem preparado para orientar-se no processo de sua própria existência.³

² RODRIGUES, Neidson. *Educação: da formação humana à construção do sujeito ético*. Educ. Soc., Campinas, v. 22, n. 76, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302001000300013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 Nov 2006.

³ KANT, J. *Réflexions sur L'Éducation*. Introduction, traduction et notes par Alexis Philonenko. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1993. In RODRIGUES, Neidson. *Educação: da formação humana à construção do sujeito ético*. Educ. Soc., Campinas, v. 22, n. 76, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302001000300013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 Nov 2006.

Por esse motivo, o ser humano vive continuamente no processo de aprimoramento, no qual tudo é aproveitado. A partir do momento em que esse ser encontra um celeiro cheio de oportunidades de conhecimento, passa a aprimorar-se cada vez mais, preparando-se para se orientar no processo de sua própria existência, conduzindo, desta forma, a elevação da sua auto-estima e da sua autoconfiança.

Um outro fator importante é a prática do convívio com pessoas de classes sociais diversas, que quase sempre favorece a troca de novas idéias, de novos pensamentos e de novas atitudes, gerando diferentes tipos de aprendizados, que serão absorvidos durante sua permanência na Instituição de Ensino Superior – IES. Além disso, ocorre um aumento do seu capital cultural e a possibilidade da construção de uma rede de relacionamentos.

Segundo Montaigne, "para exercitar a inteligência, tudo o que se oferece aos nossos olhos serve suficientemente de livro: a malícia de um pajem, a estupidez de alguém, uma conversa à mesa" (MONTAIGNE, 1988, p.219). De acordo com o mesmo autor, a delicadeza, a civilidade e as boas maneiras devem ser modeladas ao mesmo tempo que o espírito, "pois não é uma alma somente que se educa, nem um corpo, é um homem: cabe não separar as duas parcelas do todo".

A minha observação, neste caso, é que o capital cultural que o jovem traz quando ingressa na IES sofre ajustes com o "novo mundo", idéia afirmada por Gadamer, quando diz que o homem "simplesmente tem mundo". "Ter mundo quer dizer comportar-se para com o mundo. Mas comportar-se para com o mundo exige, por sua vez, que nos mantenhamos tão livres, face ao que nos vem ao encontro a partir do mundo, que consigamos pô-lo ante nós tal como é" (GADAMER, 1998, p.643). Quando utilizo o pensamento de Gadamer falando de comportamento e de mundo, associo ao que percebo em sala de aula, na mudança de atitude ou adaptação à nova realidade destes jovens.

Ao finalizar esta introdução, utilizo o conceito de identidade. Para Stuart Hall, a identidade é formada e transformada continuamente em relação às maneiras pelas quais somos representados ou tratados nos sistemas culturais que nos circundam. Então, a partir do momento em que Hall conceitua que "o sujeito, que anteriormente tinha experiência de uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado;

composto, não de uma, mas de muitas identidades” (HALL, 1997, p.9) e que a “identidade totalmente segura, completa, unificada e coerente é uma fantasia” (HALL, 1997, p.10), leva-me a crer que quando o jovem bolsista do Prouni conclui o curso superior, na maioria das vezes, surge nele um novo ser social. E é, com esses pensamentos em mente que começo a minha dissertação.

METODOLOGIA

CAPÍTULO 1

Segundo Humberto Eco, existem quatro regras de escolha do tema.

- 1) Que o tema responda aos interesses do candidato;
- 2) Que as fontes de consultas sejam acessíveis, isto é, estejam ao alcance material do candidato;
- 3) Que as fontes de consulta sejam manejáveis, ou seja, estejam ao alcance cultural do candidato;
- 4) Que o quadro metodológico da pesquisa esteja ao alcance da experiência do candidato (ECO, 2003, p.06).

Como já relatei na Introdução, sou professor de IES privada, há 8 anos, considero que possuo os requisitos citados por Eco. Adotei, para esta dissertação, uma forma retórica da narração reflexiva, já declarada na minha apresentação inicial. Para tanto segui o estilo citado por Colombo e Melucci, onde esclarece que.

o narrador reflexivo introduz nos próprios textos a reflexividade. Trata-se de um tipo de escrita em que os discursos na primeira e na terceira pessoa se alternam, de modo a iluminarem-se reciprocamente, cuja a interpretação do pesquisador é continuamente colocada em comparação e testada por outras interpretações (TROYER, 1993), as quais buscam explicitar, com uma consciência nunca alcançada de forma completamente transparente (POLLNER, 1987), sobre o que se diz e o que se cala, no qual busca evidenciar e não ocultar, de onde e para quem se escreve (COLOMBO, MELUCCI, 2005, P.283).

Como a pesquisa é de natureza qualitativa e pretende lançar luz sobre o impacto da mudança nos jovens de baixa renda que se processa pelo PROUNI, utilizei uma bibliografia extraída do campo da sociologia e ciências políticas. Como o assunto é bastante contemporâneo, tive que recorrer, diversas vezes, a conteúdos extraídos da internet.

A partir dos conceitos levantados na literatura, formulei um referencial conceitual que orientou a realização de uma pesquisa empírica envolvendo uma Instituição de Ensino Superior baiana. Dessa forma, inclusive, realizei entrevistas com alunos, familiares dos alunos e professores.

Um dos pontos que Bourdieu mais enfatiza é a vigilância epistemológica.

a tentação sempre renascente de transformar os preceitos do método em receitas de cozinha ou em engenhocas de laboratório, só podemos opor o treino constante na vigilância epistemológica que, subordinando a utilização das técnicas e conceitos a uma interrogação sobre as condições e limites de sua validade, proíbe as facilidades de uma aplicação automática de procedimentos

já experimentados e ensina que toda operação, por mais rotineira ou rotinizada que seja, deve ser repensada, tanto em si mesma quanto em função do caso particular (BOURDIEU, 2002, p.14).

Tive a certeza da observação feita por Booth, a respeito de que “por mais cuidadoso que seja o planejamento, a pesquisa seguirá um caminho tortuoso, dando guinadas imprevisíveis, podendo dar voltas sobre si mesma” (BOOTH, 2000, p.04).

Caminho/método/técnica

Selecionei três amostras (alunos, professores e pais de alunos) de forma arbitrária, ficando com duas unidades de cada. Utilizei o seguinte critério nas escolhas das amostras: um aluno meu e outro aluno fora do meu relacionamento na faculdade, ambos bolsistas do Prouni. Escolhi, também, um professor de cada aluno selecionado. Apesar de ser professor do aluno João que entrevistei, selecionei outro professor desconhecedor do Prouni e também desconhecedor de quem são estes alunos, porém professor do aluno João. Como entrevistei outro aluno fora do meu relacionamento, chamado Pedro, selecionei também um professor deste aluno com visão imparcial em relação ao Prouni, porém professor de Pedro. Meu objetivo esteve sempre na preocupação da vigilância epistemológica citada por Bourdieu, (2002, p.45). Finalmente, para poder investigar as mudanças de comportamento de cada aluno, percebida dentro da comunidade dos alunos selecionados, entrevistei uma pessoa da família de um desses alunos devido à dificuldade de localizar familiares do aluno João. O objetivo era entrevistar os familiares dos dois.

Quando decidi fazer a escolha de um aluno que não conhecia, fiz para evitar a contaminação da intimidade aluno/professor. A intenção de entrevistar outro professor foi a de investigar a visão dele em relação aos bolsistas. Fiz tudo isto preocupado com a vigilância epistemológica. Quando entrevistei a família do aluno, realizei com o intuito de validar as observações obtidas nas entrevistas com os alunos e o professor. Enfim, o meu objetivo, com esses dados, foi poder arrecadar material suficiente para chegar a uma conclusão da minha investigação.

A todo o momento, fiquei vigilante da minha posição de professor, cuidando para não me envolver com meu ponto de vista e agir na cegueira de um burro celado, achando que todos vêm como eu vejo. Como lembra Bourdieu:

o ponto de vista, cria o objeto. Uma ciência não poderia ser definida por um campo do real que lhe pertencesse. Como observa Marx, “a totalidade concreta como totalidade pensada, concreto pensado, é, de fato, um produto do pensamento, do ato de conceber. Tal como aparece na mente como um todo pensado, a totalidade é um produto do cérebro pensante que se apropria do mundo da única maneira possível; ora, essa maneira difere da apropriação do mundo pela arte, religião ou espírito prático. O sujeito real subsiste, tanto depois como antes, em sua autonomia fora da mente” (BOURDIEU, 2002, p.45).

Escolhendo a técnica de pesquisa

Para os delimitadores qualitativos, escolhi a auto-estima, autoconfiança, capital social e cultural e rede de relacionamento. Como já falei na apresentação, foquei nos jovens de baixa renda bolsistas do Prouni. Adotei estes delimitadores porque eram os que mais me chamavam a atenção nos alunos que me estimularam a fazer esta pesquisa, e os que me levaram a identificar a diferença que percebia neles, em relação aos seus outros colegas de sala de aula. Além de serem os aspectos que eu investiguei e que poderia me fornecer dados, estes delimitadores me proporcionaram, também, identificar subsídios teóricos. Confesso que me senti mais à vontade para utilizar alguns destes delimitadores durante minhas leituras para construção do referencial teórico. Neste período, encontrei um estudo de caso realizado por Minayo, (2005) em uma escola no Rio de Janeiro, em seu livro de Avaliação por Triangulação de Métodos, que se assemelhava muito com o meu em algumas observações. Após a escolha dos indicadores, o obstáculo seguinte foi decidir que tipo de técnica iria utilizar para alcançar meu objetivo, o qual, já relatei na introdução. Entre as opções; Entrevista ou Grupo focal. Escolhi a primeira, Entrevista. A técnica de entrevista de investigação avaliativa qualitativa foi mais vantajosa, pela seguinte razão: poderia fazê-la com apenas duas unidades de cada amostra da população em questão. Os alunos do Prouni da IES selecionada e as outras entrevistas com familiares e professores.

Segundo Castro (2004), a técnica de entrevistas individuais semi-estruturadas são as mais difundidas nas Ciências Sociais. Ela afirma que neste tipo de técnica o entrevistador utiliza um roteiro pré-definido para cobrir os diversos aspectos do objeto

de estudo. Ainda de acordo com a autora, “a técnica de entrevista permite ao entrevistado descrever o que considera significativo, usando seus próprios critérios, e palavras, sem ficar restrito a categorias fechadas” (CASTRO, 2004, p.56).

Para Minayo (2005), as entrevistas são definidas de acordo com sua organização e podem ser classificadas como entrevista aberta ou em profundidade. Resolvi adotar uma entrevista aberta. Para ela, neste tipo de entrevista “o informante é convidado a falar livremente sobre um tema e as perguntas do investigador, quando são feitas, buscam dar mais profundidade às reflexões” (MINAYO, 2005, p.91).

A cada reinício do trabalho de pesquisa, ao observar os dados colhidos e analisar cientificamente e empiricamente aquilo que juntava e associava para guiar-me a conclusões, me fixava cada vez mais no estilo da escrita reflexiva que, como cita COLOMBO, neste método é preciso ter “um empenho ético: carregar a responsabilidade que deriva da produção de um discurso sobre o social na consciência do caráter inevitavelmente construído e posicionado por tal discurso”.

Finalmente chegando ao caminho das conclusões, tive de recorrer à análise argumentativa. Usando o próprio argumento de Bauer, Gaskell, (2003, p.220), que esclarecem:

o argumento mais simples toma a forma de uma proposição ou de uma conclusão precedida por fatos (dados) que a apóiam. Mas muitas vezes um qualificador dos dados é exigido: em outras palavras, uma premissa que nós usamos para defender que os dados são legitimamente empregados para apoiar a proposição. Esta premissa é chamada de garantia. Garantias são cruciais na determinação da validade do argumento, porque elas justificam explicitamente o passo que se deu dos dados para proposição, e descrevem o processo em termos de por que esse passo pode ser dado (BAUER, GASKELL, LIAKOPOULOS, 2003, p.220).

Ainda segundo Bauer, Gaskell, Liakopoulos, (2003, p.244), na análise argumentativa “o processo que vai da garantia até a proposição pode muitas vezes ser condicional”. Para este estudo de caso utilizei os argumentos (dados, reivindicações, garantias, apoios e refutações), seguindo os mesmos argumentos citados pelo autor, utilizando partes do argumento de Bernardi & Antolini (1996), e Simosi (1997), que como eles mesmos dizem; adaptados para nossos próprios fins. Para eles, esses argumentos podem ser explicados da seguinte forma:

Proposição: uma afirmação que contém estrutura e é apresentado como o resultado de um argumento apoiado por fatos. Poderão existir numerosas

proposições em uma unidade de análise, mas nosso interesse reside na proposição central que é a parte da estrutura da argumentação. (...)

Dados: fatos ou evidência que estão à disposição do criador do argumento. Os dados podem se referir a acontecimentos passados, ou à situação, ação ou opinião atuais, mas de qualquer modo eles se referem à informação que esta relacionada com a proposição central do argumento. (...)

Garantia: uma premissa consistindo de razões, autorizações e regras usadas para afirmar que os dados são legitimamente utilizados a fim de apoiar a proposição. Ela é o passo lógico que conduz à conclusão, não por meio de uma regra formal, mas pela regra da lógica do argumento específico. (...)

Apoio: uma premissa que é usada como um meio de ajudar a garantia no argumento. Ele é a fonte que garante a aceitabilidade e a autenticidade da razão, ou regra a que a garantia se refere. Semelhante no estilo de dados, ela normalmente oferece informação explícita. (...)

Refutação: uma premissa que autoriza a refutação da generalidade da garantia. Ela mostra a exceção da regra que é afirmada no argumento, ou as condições sob as quais o argumento não possui legitimação e por isso a reivindicação não se sustenta como verdadeira (BAUER, GASKELL, LIAKOPOULOS, 2003, p.220).

Desta forma, encerro a explicação sobre a metodologia aplicada e passo agora a explicar o Prouni e seus impactos na vida dos jovens beneficiados pelo programa bem como as observações em relação a outros programas semelhantes em outros países do mundo.

O PROUNI COMO VEÍCULO CONDUTOR PARA A MUDANÇA DE VIDA

CAPÍTULO 2

“A maranhense Sinara de Souza Nogueira, 20 anos, agora vai conseguir realizar o seu sonho de estudar medicina. Seleccionada pela Universidade Católica de Brasília, com uma pontuação de 95,24 no Exame Nacional do Ensino Médio – Enem” garantiu a bolsa do Prouni para pagar sua faculdade, que hoje lhe custaria R\$ 2.800,00 por mês e ainda vai receber uma ajuda financeira para poder comprar seus livros. Segundo ela, o Prouni lhe deu uma oportunidade única, porque além de entrar para o ensino superior, não vai mais depender do sacrifício dos pais e tios.⁴

Atualmente, o Prouni beneficia mais de 300 mil jovens de baixa renda, fornecendo bolsa de estudos para os cursos de graduação e seqüenciais de formação específica⁵, em instituições privadas de ensino superior, com ou sem fins lucrativos. A título de comparação, “as universidades públicas oferecem 600 mil vagas por ano das quais 330 mil são ocupadas pelos 440 mil vestibulandos oriundos da rede privada de ensino para uma realidade de 270 mil aprovados para 1,3 milhão de postulantes do ensino público”.⁶ Sem entrar no mérito da questão de destinação de verbas públicas para educação, que estarei abordando posteriormente, fica claro que, apesar de tudo, o Prouni tem tido uma grande relevância na vida dos jovens pobres brasileiros.

Desde o final da década passada até o início desta década, houve uma expansão vertiginosa de instituições de ensino superior em todo o Brasil, que continua em várias cidades do país. O número total de instituições de ensino que oferecem cursos de graduação mais que dobrou nos últimos dez anos. Esta proporção de crescimento teve grande impulso das instituições privadas. Neste segmento, especificamente, existiam 696 IES em 1990 e 2.074 IES em 2005, das 2.310 IES existentes em todo país.⁷

⁴ O Programa. *Programa Universidade para Todos*. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: < <http://prouni-inscricao.mec.gov.br/prouni/Oprograma.shtm>>. Acesso em 11/04/2008

⁵ <http://www.mundovestibular.com.br/articles/639/1/CURSOS-SEQUENCIAIS---A-FORMACAO-SUPERIOR-MAIS-PERTO-DE-VOCE/Paacutegina1.html> em 07-07-2008

⁶ <http://www.lpp-uerj.net/olped/documentos/ppcor/0052.pdf> . Acesso em 20-07-2008.

⁷ <http://www.inep.gov.br/informativo/informativo103.htm> Acesso em 07/07/2008

Em relação ao Prouni, já são 1.427 IES privadas credenciadas ao programa⁸. Com todos esses números, segundo o censo, até 2007 existiam 4.453.156 universitários no país, o que representava apenas 10,9% da população de 18 a 24 anos. Segundo estatísticas do MEC, esse percentual poderia ser 5% menor se não fosse o Prouni, já que uma grande maioria de alunos carentes que estão estudando, hoje, não estaria matriculados.

O Programa Universidade para Todos – PROUNI, na medida em que tem por objetivo a concessão de bolsas de estudos integrais e parciais a estudantes de baixa renda, em cursos de graduação e seqüenciais de formação específica, em instituições privadas de educação superior, trabalha com uma visão voltada para estudantes carentes e de cotas sociais⁹. Sua proposta é democratizar o acesso à educação superior. O programa oferece, em contrapartida, isenção de alguns tributos às IES que aderirem ao Programa¹⁰. Para ter acesso ao Prouni, o jovem precisa atender algumas condições básicas necessárias, como explica a nota da página oficial do Prouni:

só pode se candidatar ao Prouni, referente ao primeiro semestre de 2008, o estudante que tiver participado do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) 2007 e obtido a nota mínima de 45 pontos (média aritmética entre as provas de redação e conhecimentos gerais), estabelecida pelo Ministério da Educação. (...) ter cursado o ensino médio completo em escola pública ou ter cursado o ensino médio completo em escola privada com bolsa integral ou ter cursado todo o ensino médio parcialmente em escola da rede pública e parcialmente em instituição privada, na condição de bolsista integral da respectiva instituição ou candidato com deficiência ou ser professor da rede pública de ensino básico, em efetivo exercício, integrando o quadro permanente da instituição e concorrendo a vagas em cursos de licenciatura, normal superior ou pedagogia. Neste caso, a renda familiar por pessoa não é considerada (...) o Prouni reserva bolsas às pessoas com deficiência e aos autodeclarados pretos, pardos ou indígenas. O percentual de bolsas destinadas aos cotistas é igual àquele de cidadãos pretos, pardos e indígenas, por Unidade da Federação, segundo o último censo do IBGE. o candidato cotista também deve se enquadrar nos demais critérios de seleção do programa (...) os estudantes que alcançarem as melhores notas no exame terão maiores chances de escolher o curso e a

⁸ <http://educacao.uol.com.br/ultnot/2007/12/04/ult2738u207.jhtm> 11-04-2008 04/12/2007 - 16h32

⁹ Entrevista com Tarso Genro. *A política de cotas favorece a coesão social*. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <<http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158264377.04word.doc>>. Acesso em 10/04/2008.

¹⁰ O Programa. *Programa Universidade para Todos*. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <<http://prouni-inscricao.mec.gov.br/prouni/Oprograma.shtm>>. Acesso em 10/04/2008.

instituição em que estudarão (...), o candidato a bolsa do Prouni não precisa prestar o vestibular nem estar matriculado na instituição em que pretende se inscrever. Entretanto, é facultado às instituições submeterem os candidatos pré-selecionados a um processo seletivo específico e isento de cobrança de taxa¹¹

O PROUNI foi criado em 2004 e institucionalizado pela Lei número 11.096, de 13 de janeiro de 2005 e no primeiro processo seletivo ofereceu 112 mil bolsas em 1.142 instituições de ensino superior em todo o país. A previsão é de ofertar 400 mil novas bolsas de estudo até 2010. Logo no início, mais de 700 das 1.850 IES do Brasil em 2005 já haviam preenchido o cadastro de adesão. Hoje, em 2008, são mais de 1.427 IES credenciadas ao Prouni, das 2.165 IES privadas existentes no país.¹²

Além dos dados citados anteriormente, também é pré-requisito para usufruir da bolsa do Prouni, a renda familiar. A partir da análise da renda da família, o aluno poderá ter ou uma bolsa integral, com 100% do valor da prestação da faculdade paga pelo Prouni ou uma bolsa parcial com 50% do valor da mensalidade paga pelo Prouni. Os 50% restantes, que são pagos pelo aluno, podem ser concedidos pelo crédito do Fundo de Financiamento ao Estudante de Ensino Superior – FIES, com taxas e prazos para pagamentos diferenciados.

Para calcular a renda familiar, por pessoa, é preciso seguir a seguinte regra, como explica o site do Prouni:

somando-se a renda bruta dos componentes do grupo familiar e dividindo-se pelo número de pessoas que formam esse grupo familiar. Se o resultado for até um salário mínimo e meio (R\$ 622,50), o estudante poderá concorrer a uma bolsa integral. Se o resultado for maior que um salário mínimo e meio (R\$ 622,50) e menor ou igual a três salários mínimos (R\$ 1.245,00), o estudante poderá concorrer a uma bolsa parcial de 50% ou 25%. Entende-se como grupo familiar, além do próprio candidato, o conjunto de pessoas residindo na mesma moradia que o candidato que, cumulativamente, usufruam da renda bruta mensal familiar, e sejam relacionadas ao candidato pelos seguintes graus de parentesco: pai, padrasto, mãe, madrasta, cônjuge, companheiro(a), filho(a), enteado(a), irmão(ã), avô(ó).

Após o preenchimento das condições básicas para ter acesso à bolsa, o jovem precisa se inscrever na página do Prouni, na internet, para concorrer ao benefício. É

¹¹ O Programa. *Programa Universidade para Todos*. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: < <http://prouni-inscricao.mec.gov.br/prouni/Oprograma.shtm>>. Acesso em 10/04/2008.

¹² Inscrição. O Programa. *Programa Universidade para Todos*. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: < <http://prouni-inscricao.mec.gov.br/prouni/Oprograma.shtm> >. Acesso em 10/04/2008.

importante que o candidato esteja atento ao período de inscrição, que não leva mais de 20 dias. No site, o aluno poderá escolher a faculdade e o curso do seu interesse. O critério adotado é o seguinte:

o candidato escolhe até cinco opções de instituições de ensino superior, cursos e turnos, dentre as disponíveis conforme sua renda familiar por pessoa e seu perfil sócio-econômico. É importante ressaltar que essas opções poderão ser alteradas a qualquer tempo, dentro do período de inscrições do programa. Assim, o candidato poderá efetuar sua inscrição e posteriormente acessar novamente a ficha de inscrição podendo fazer alterações, caso desejar. A ficha de inscrição válida para efeito da pré-seleção é aquela com as últimas alterações efetuadas pelo estudante¹³

O Prouni informa, em sua página oficial, os candidatos que ganharam a bolsa. Uma vez que o jovem foi classificado para recebê-la, deverá procurar o coordenador responsável pelo sistema Prouni – SISPROUNI, na IES escolhida, onde passará a conhecer os procedimentos de permanência na bolsa. O Ministério da Educação – MEC torna obrigatório, para toda IES, um coordenador do Prouni. Por intermédio do SISPROUNI, o MEC tem o controle de todos os bolsistas, desde a concessão da bolsa até suspensão, renovação, transferência, encerramento, etc. O sistema é tão importante, que tudo que é lançado no SISPROUNI, precisa ter assinatura eletrônica do coordenador.

Todos os semestres, o aluno é avaliado, por meio dos requisitos de permanência, para continuar recebendo os benefícios do Programa. Para tanto, o aluno precisa comparecer na coordenação do Prouni, com os comprovantes solicitados, para renovação da bolsa. Entre outras coisas, o aluno não pode ter aproveitamento acadêmico, no semestre, inferior a 75%. Além disso, é preciso que, anualmente, o estudante comprove que a renda familiar permanece a mesma.

No caso do universitário ter tido aproveitamento de 50%, poderá apresentar uma justificativa para o mau desempenho. De acordo com a justificativa, a coordenação do curso juntamente com os professores e a coordenação do Prouni na IES pode autorizar uma única vez a permanência do benefício ao aluno. Caso repita o desempenho fraco em um próximo semestre, perde o direito à bolsa.

¹³ Inscrição. O Programa. Programa Universidade para Todos. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: < <http://prouni-inscricao.mec.gov.br/prouni/Oprograma.shtml> >. Acesso em 10/04/2008.

No caso da perda da bolsa, este aluno poderá concorrer, novamente, à outra bolsa do Prouni, quantas vezes for preciso. Não existe restrição quanto ao número de vezes que o jovem usufrui o benefício. A única restrição é não utilizar duas bolsas ao mesmo tempo. O aluno pode retornar ao programa, na mesma IES ou em outra de sua preferência ou escolher um novo curso, seguindo algumas regras específicas do programa. Também é permitido ao bolsista o trancamento do curso, desde que não ultrapasse 18 meses. Outro benefício é a bolsa de permanência no valor atual de R\$ 300,00, que se trata de uma ajuda de custo concedida apenas aos jovens bolsistas que se enquadraram em bolsa integral.

Tentando beneficiar todos os tipos de bolsistas do Prouni, a Caixa Econômica Federal e o MEC firmaram um acordo, citado a seguir:

a Caixa Econômica Federal, que é um banco estatal, reservou duas mil vagas de estágio para alunos de nível superior aos estudantes bolsistas do Programa Universidade para Todos (Prouni). A prioridade aos universitários do Prouni nos estágios é resultado de uma parceria firmada entre o Ministério da Educação e a Caixa. Podem se inscrever alunos a partir do quinto semestre do curso. O estágio é de cinco horas diárias, de segunda a sexta-feira, com duração de um a dois anos. A bolsa mensal é de R\$ 475,00.¹⁴

É importante lembrar que o principal pré-requisito para ter acesso à bolsa do Prouni é ter conseguido uma boa pontuação nas provas do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM que, como o Prouni, tem inscrições realizadas pela Internet e prazos bastante curtos. No caso do exame do ENEM, as inscrições também podem ser feitas através dos correios. A vantagem é que não há restrições de tempo do término do ensino médio ou idade do aluno para poder se inscrever no ENEM e fazer as provas. Não importa se terminou o ensino médio há um, dois ou 10 anos. O que irá valer é a nota que o aluno conseguirá nos exames para qualificação. Segundo o site do MEC, as inscrições podem ser feitas *on-line*,

no formulário preenchido e a cópia de um documento de identidade devem ser enviados ao Inep para verificação dos dados e homologação da inscrição, ao endereço: Inep/Daeb, Exame Nacional do Ensino Médio, SCN Quadra 4, Bloco B, sala 704, Centro Empresarial Varig, CEP 70.714-900, Brasília – DF. Os inscritos ao Enem 2008 receberão até o dia 18 de agosto, no endereço indicado no ato da inscrição, o cartão de confirmação com informações sobre o

¹⁴ http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=10500 em 03-07-2008 as Hrs 22:00

local e horário de realização da prova. Aqueles que não receberem devem acessar a página do Inep e consultar o endereço em que prestará o exame. A prova é composta por 63 questões objetivas de múltipla escolha que abrangem diversas áreas de conhecimento, além de uma redação. Os candidatos terão cinco horas para fazer o teste. Os resultados do Enem são usados no processo de seleção dos bolsistas do Programa Universidade para Todos (Prouni) e também nos processos seletivos de quase 500 Instituições de Ensino Superior (IES).¹⁵

No ano de 2008, o Prouni registrou 855.734 inscrições para o processo seletivo do 1º semestre. O aumento da procura foi 60% maior do que em 2007, levando o secretário de ensino superior, Ronaldo Mota, a acreditar que o Prouni já se consolidou como um programa de inclusão de ensino superior.

Outro dado relevante é que, segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP, os alunos beneficiados pelo Prouni alcançaram médias iguais ou superiores a de seus colegas nas 14 áreas do conhecimento avaliadas, em 2006, pelo Exame Nacional de Desempenho de Estudantes – ENADE, como foi divulgado pela imprensa, conforme texto a seguir:

o bom desempenho dos alunos bolsistas do Prouni, que ingressaram no ensino superior em 2006, está estampado nas notas obtidas por eles no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade). O Enade avalia o aluno sob duas óticas: a formação geral, que verifica como ele está preparado para viver em sociedade e seu grau de cidadania, e na formação específica, que são os conhecimentos adquiridos no curso que está fazendo. As tabelas do Enade elaboradas pelo Inep demonstram que das 14 áreas do conhecimento avaliadas no ano passado, em nove delas a diferença estatística a favor dos bolsistas do Prouni foi significativa, e nas outras cinco áreas, o desempenho também foi superior. Quando se observa, por exemplo, o desempenho dos alunos da área de administração - bolsistas do Prouni em relação a não bolsistas – a diferença a favor do Prouni passa de sete pontos. Neste caso, os alunos do Prouni obtiveram média de 42,3 pontos; os não bolsistas, 34,4 pontos, o que representa uma diferença a favor dos bolsistas de 7,9 pontos. No caso da biomedicina, a diferença é ainda maior entre os dois grupos: alunos do Prouni alcançaram a média de 45,7 pontos e os não bolsistas, 36,7 pontos, com uma diferença de 9 pontos a favor dos bolsistas. As tabelas mostram a média da prova de formação geral, formação específica e a média das duas.¹⁶

¹⁵ http://portal.mec.gov.br/sesu/index.php?option=com_content&task=view&id=10824&interna=6

¹⁶ http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=10199&interna=6 Acesso em 12/04/2008

Talvez pareça que estou querendo induzir o leitor a uma defesa do Prouni. Permita-me esclarecer, que não é esta a minha intenção e sim apenas argumentar o alcance do programa como política educacional e o papel do estado.

o estado, ao reproduzir as relações de dominação presentes na sociedade, reproduz igualmente as tensões que são imanentes às contradições e aos conflitos derivados das desigualdades, na distribuição de poder real entre os atores sociais, associados às diferenças de classe social, cultura política, região, gênero, etnia e geração” (FREITAS, ALBADE, 2003, p.11).

Para os autores, “a política, de um determinado ponto de vista, consiste justamente na atividade pela qual esta mesma sociedade reflexiona e questiona a validade de suas instituições, junto com as normas e comportamentos”. Considerando que o Prouni é uma política educacional voltada para jovens de baixa renda, ou seja, como diz Freitas, “aquilo que o governo opta por fazer ou não fazer, frente a uma situação” que neste caso representa a aceleração da inserção dos jovens de baixa renda no ensino superior e, que tenho como hipótese que, neste processo de inserção, ocorre além da formação acadêmica, outros ganhos se desenvolvem durante a permanência destes jovens nas faculdades.

é óbvio que essa reflexão crítica e transformadora não acontece por mágica e tão pouco é fruto de uma generosa concessão do poderes hegemônicos, mas sim da capacitação dos setores subordinados, os quais, reconhecendo o seu alinhamento, se apoderam dessa capacidade para mudar o seu destino, transformando o seu antagonismo básico em mobilização social. Este é um dos sentidos nos quais se pode falar de política, o que em inglês se traduz como politics, ou seja, a luta pelo poder e a busca de acordos de governabilidade, que atualmente se profissionaliza por meio de técnicos, especialistas e lobistas de interesses. O outro sentido, no qual se pode falar de política, é como programa de ação governamental, policy em inglês, cujas conotações são mais técnicas e administrativas. Obviamente ambas as acepções estão relacionadas e são inseparáveis, mas, por exemplo, não existe nem no espanhol e nem no francês essa diferença, falando-se indistintamente de “política” em ambos os sentidos.

Com base nesta acepção, pode-se tirar várias conclusões úteis:

- A política pública, nome mais utilizado na América Latina, representa aquilo que o governo opta por fazer ou não fazer, frente a uma situação.
- A política pública é a forma de concretizar a ação do Estado, significando, portanto, um investimento de recursos do mesmo Estado.
- Admitindo-se delegar ao Estado a autoridade para unificar e articular a sociedade, as políticas públicas passam a ser um instrumento privilegiado de dominação.
- A política pública, ao mesmo tempo que se constitui numa decisão, supõe uma certa ideologia da mudança social, esteja ela explícita ou não na sua formulação.

- Essa decisão é o resultado do compromisso de uma racionalidade técnica com uma racionalidade política.¹⁷

Não me cabe aqui julgar se o Prouni é ou não uma bem sucedida política de governo. O que vem ao caso aqui é que sempre existiu, como ainda existe, um problema social, bem como soluções possíveis. Mesmo que não seja a melhor solução no sentido permanente talvez, neste momento, seja a melhor. Como cita Freitas e Albade:

agora, para que exista uma política pública como tal, faz-se necessário, segundo Bobbio, que uma situação determinada requeira solução por meio dos Instrumentos de ação política, ou seja, de ação que tem como finalidade a formação de decisões coletivas que, uma vez tomadas, se concertam em vinculadoras de toda a coletividade. (FREITAS, ALBADE, 2003, p.15).

Penso que o Prouni faz parte de um de um esforço mundial de instrumentos de governabilidade democrática, que não diz respeito apenas a um programa educacional brasileiro e sim a uma preocupação com a juventude em todo o globo, desta forma, como diz Freitas e Albade:

as políticas públicas são também instrumentos de governabilidade democrática para as sociedades, tanto em sua acepção mais limitada, referida às interações entre o Estado e o resto da sociedade, como no seu sentido mais amplo de levar á convivência cidadã (FREITAS, ALBADE, 2003, p.16).

Para Castro, Abramovay e Leon, (2007, p. 56), “a escolaridade é destacada no plano de políticas de oportunidades e de estímulo a capacidades, considerando-se um traço marcante em nível mundial, que é o crescimento do número de crianças e jovens na escola”. Para o Banco Mundial, existe uma crescente demanda por educação de nível médio e superior e o baixo nível de preparo para o trabalho e a vida apresenta os seguintes desafios:

a expansão da aprendizagem qualificada para enfrentar as demandas do mercado e da vida. Tal fato é, por exemplo, uma necessidade urgente de países como o Brasil e o México.
O investimento para melhorar as habilidades dos jovens de “fazerem escolhas quanto a oportunidades”, fornecendo-lhes as “informações para tomada de

¹⁷ Políticas Públicas: Juventude em Pauta. Maria Virgínia de Freitas, Fernanda de Carvalho Papa, organização. São Paulo, Cortez, 2003. Miguel Albad. Crítica Política das Políticas de Juventude. Página 14.

decisões”, e colaborar para “amenizar os obstáculos financeiros que eles tem que enfrentar” (Banco Mundial, 2007: 71).

A oferta de uma segunda oportunidade de aprendizagem para os que deixaram a escola e para aqueles que carecem de conhecimentos básicos destinados á vida e ao trabalho (CASTRO, ABRAMOVAY E LEON, 2007, p. 57).

Logo não é difícil entender a criação do Prouni como política educacional brasileira, considerando que “no documento do BM é destacada a importância da parceria pública – privada no campo da educação de nível médio ou superior”. Para o Banco Mundial “no setor privado, são necessários o acompanhamento e a prestação de contas de seus esforços no sentido de garantir educação de qualidade” (CASTRO, ABRAMOVAY E LEON, 2007, p. 57).

Talvez, aqui no Brasil, esse acompanhamento não ocorra na íntegra, isto é, analisando cada faculdade, apesar de já existir o ENADE que se propõe a avaliar os alunos de cada IES. Porém como o Prouni possui regras bastante rígidas para o aluno, acessar e poder manter-se na bolsa, regras essas que já descrevi acima, naturalmente este artifício, ajuda a garantir a qualidade do desempenho do jovem bolsista. Parece que o Brasil vem adotando o modelo do Banco Mundial, que acredita que para educação:

a expansão e diversificação dos sistemas de educação, além do ensino fundamental, podem ser conseguidas com a colaboração do setor privado e o estabelecimento de parcerias público – privadas. O governo deveria encorajar o investimento do setor privado em educação de nível médio e superior, garantindo, contudo, os padrões de qualidade (Banco Mundial, 2007, p.73).

São muitos os programas educacionais espalhados pelo mundo inteiro e o Prouni é apenas um deles. Com o objetivo de mostrar alguns programas educacionais já implementados com sucesso, e vê que o nosso programa não é nenhuma novidade, apresento alguns países com seus programas, relacionados no relatório do Banco Mundial, citado por Castro, Abramovay e Leon, (2007, p. 62,63):

CHILE – Diversificação das fontes de recursos, alocando-se subsídios públicos e fazendo-se parceria com o setor privado, além de mudança no montante de pagamento dos alunos. A contribuição do setor privado foi significativa, aumentando em 42% o nível de matrícula nas universidades. Outro ponto é que as pesquisas nas universidades seguem as prioridades nacionais e regionais, o que as torna publicamente responsáveis por seus resultados e desempenho. Além disso, vale citar que o Chile é um dos países da América Latina com menor

percentagem de recursos públicos na educação em relação ao PNB (Banco Mundial, 2007: 79).

CORÉIA – Expansão do ensino médio sem comprometimento á qualidade desde 1950. Investimento na motivação dos professores, estabelecimento de relações com empresas, participação dos pais por meio de mais contribuição financeira para as escolas (expansão de custos). Nota-se também a ampliação da educação de nível técnico e vocacional. O sistema de exames de admissão foi eliminado, sendo implantado um sistema de loteria para ingresso nas melhores escolas de nível médio. O sistema de vestibular também foi abolido e, levando-se em conta o desempenho dos alunos, estabeleceram-se nexos entre ensino médio e superior. Houve investimento contra as desigualdades de qualidade de ensino no campo e na cidade. Considerando o crescimento do setor manufatureiro, investiu-se em escolas técnicas e vocacionais. Além disso, foram feitas várias reformas no sistema educacional a partir de 1999 e ocorreu um aumento de 7% ao ano de investimento no setor até 2003. Cresceu o controle do governo nas escolas, criando-se os conselhos gestores para facilitar o envolvimento dos pais e dos sindicatos de professores. A reforma curricular introduziu informática e línguas estrangeiras a partir do ensino infantil e enfatizou um sistema de aprendizagem focalizado no aluno (Banco Mundial, 2007: 79)

GUIANA – Investimento especial nas escolas com pior desempenho, reforma curricular, acompanhamento dos estudantes, material didático, preparação dos professores – tudo isso implicou gastos mínimos sem, contudo, onerar os cofres públicos (apenas 6% de aumento no orçamento das escolas).

Programas que contam com a participação ativa dos jovens

ÁFRICA DO SUL – No movimento contra o apartheid, foi fundamental a participação estudantil de escolas e universidades, inclusive em conselhos, na defesa de direitos de estudantes, formando lideranças como Nelson Mandela.

INGLATERRA – Pesquisas indicam que a participação em política estudantil melhora o clima escolar e as relações, proporcionando melhor interação entre professores e alunos e gerando resultados nas habilidades comportamentais dos jovens. O problema é que a direção das escolas comumente quer uma participação formal de fachada, impedindo que os jovens tenham, de fato, voto impacto substantivo nas políticas escolares (Banco Mundial, 2007: 83), (Castro, Abramovay e Leon, 2007, p. 62)

RÚSSIA, IUGOSLÁVIA E MACEDÔNIA - Recentes reformas educacionais na Rússia e em escolas de nível médio na antiga República Iugoslávia e Macedônia ampliaram a participação dos alunos na administração das escolas (cerca de 30% com direito a voto em alguns conselhos universitários). Uma pesquisa com ex-alunos de uma universidade russa indicou que, para muitos, a participação ativa havia sido uma das experiências mais importantes de sua educação. (Banco Mundial, 2007: 84)

CHILE – O salário dos professores dobrou em 1990, o que significou uma contribuição para a melhoria da qualidade de desempenho dos alunos. Destaca-se a implantação de um sistema de prestação de contas considerando o desempenho de professores. Ainda é necessário, no entanto, investir na responsabilidade social, assim como na prestação de contas por parte dos professores para pais, alunos e comunidade em geral, que deve ser combinada com autonomia e oferta de recursos.

VIETNÃ – Investimento em um plano estratégico de desenvolvimento nacional para a juventude com perspectivas até 2010, com consultas a jovens, criação de uma lei dos jovens e de um plano Mestre para a saúde.¹⁸

¹⁸ Juventude: tempo presente ou tempo futuro? Dilemas em propostas de políticas de juventudes, Mary Garcia Castro, Miriam Abramovay, Alessandro de Leon. São Paulo, GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas, 2007, Páginas 62 e 63..

Aqui no Brasil, o Prouni, como programa educacional para jovens de baixa renda, tem abrangência muito pequena, apenas 5% da população dos jovens que estão no ensino superior. Apesar de tudo, seus efeitos já mostram que esses jovens, mesmo não tendo possuído uma boa formação educacional de nível médio e fundamental, devido às deficiências das escolas no Brasil, vem apresentando bons desempenhos no nível superior, segundo as notas obtidas por eles no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes - ENADE. Considerando que a base escolar não foi das melhores, o que é que faz com que estes alunos se tornem bons alunos? Segundo os dados do ENADE, “os alunos do Prouni obtiveram média de 42,3 pontos; já os não bolsistas, obtiveram 34,4 pontos, o que representa uma diferença a favor dos bolsistas de 7,9 pontos”.¹⁹ Com esses dados apresento a minha hipótese de número três, nesta pesquisa “o Prouni, como um programa social de incentivo à educação de nível superior para jovens de baixa renda, influência direta e indiretamente nos planos destes jovens universitários e fornece motivação para a transformação de suas vidas”. No próximo capítulo, que denomino de a “auto-estima e a autoconfiança como combustível vital,” discuto essa hipótese.

¹⁹ http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=10199&interna=6 Acesso em 12/04/2008

A AUTO-ESTIMA E A AUTOCONFIANÇA COMO COMBUSTÍVEL VITAL

CAPÍTULO 3

Existem coisas que ninguém pode fazer por nós, apenas nós mesmos. Porém, as pessoas que nos rodeiam podem contribuir como parâmetro de ajuste que nos serve de guia para o rumo que pretendemos seguir. A professora titular da École des Hautes Études en Sciences Sociales, Denise Jodelet (Paris), em seu estudo sobre o papel das representações sociais, aborda a importância que as coisas, pessoas e fatos possuem em nossa vida cotidiana.

sempre há necessidade de estarmos informados sobre o mundo a nossa volta. Além de nos ajustar a ele, precisamos saber como nos comportar dominá-lo física ou intelectualmente, identificar e resolver os problemas que se apresentam: é por isso que criamos representações. Frente a esse mundo de objetos, pessoas, acontecimentos ou idéias, não somos (apenas) automatismos, nem estamos isolados num vazio social: partilhamos esse mundo com os outros, que nos servem de apoio, às vezes de forma convergente, outras pelo conflito, para compreendê-lo, administrá-lo ou enfrentá-lo. Eis porque as representações são sociais e tão importantes na vida cotidiana. Elas nos guiam no modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária, no modo de interpretar esses aspectos, tomar decisões e, eventualmente, posicionar-se frente a eles de forma defensiva (JODELET, 2001, P. 17).

Como a professora Denise Jodelet afirma, não podemos esquecer que não estamos sós neste mundo de tantos personagens e também não podemos desprezar a influência de tudo isso na nossa auto-estima e autoconfiança. Como já me expressei no início desta pesquisa, observo que além da parte acadêmica, os alunos absolvem o tempo todo a atmosfera dos professores, colegas, coordenadores, diretores e o próprio ambiente da faculdade, e é esse conjunto, que produz, direta e indiretamente, as modificações que ocorrem com cada aluno. A importância da auto-estima e autoconfiança na vida destes jovens universitários, influencia muito fortemente nos aspectos que, por vezes, passam despercebidos por nós, mas que assumem um papel decisivo no destino deles.

Para Vereá ²⁰, quando estamos com a auto-estima esquecida, o mundo nos parece cruel. Segundo ele, a falta de auto-estima nos faz exaltar os problemas e

²⁰ Dr. Vereá é médico psiquiatra pela Faculdade de Medicina e Cirurgia de Milão, Itália, especializado em Medicina Psicossomática e Hipnose Clínica, é presidente da Sociedade Brasileira de Hipnose Clínica e

camuflar, sem perceber, as alegrias, fazendo-nos sempre esperar algo acontecer para sermos felizes. O pior de tudo é que essa felicidade nunca chega.

Segundo Minayo, em seu estudo “Avaliação por Triangulação de Métodos”, podemos traduzir esses delimitadores com os respectivos significados:

auto-estima²¹/ Lidar construtivamente com suas potencialidades e limitações. Ver-se como ser único e especial. Perceber sua experiência como algo pessoal, vivido por ele e com traços de diferença em relação à vida de sua família e amigos.

autoconfiança/ Perceber-se como pessoa em busca de desenvolver suas potencialidades. Perceber-se como pessoa que busca construir para melhorar o mundo. Ter amor próprio, gostar de si mesmo (sentimento positivo). Falar com entusiasmo da própria experiência. Reconhecer as próprias potencialidades e limitações. Ter uma idéia positiva sobre si mesmo (racionalização de auto-estima). Acreditar em si mesmo, confiar no seu potencial. Defender suas idéias na família, na escola e entre os pares” (Minayo, 2004, p.128).

Com esse raciocínio didático, é perceptível que quando uma pessoa está com a auto-estima em baixa, vive rodeado de insegurança, falta disposição para trabalhar e nada a faz feliz, estando sempre insatisfeita com tudo e todos. O inverso desta atitude traz consequências positivas. Segundo o médico Vereza, a pessoa com a auto-estima em baixa passa a viver na expectativa de ser feliz quando conquistar uma relação amorosa, uma casa, um carro, um emprego, etc. E na medida que não conseguir atingir seu objetivo sente-se sempre infeliz. O Médico enfatiza que, enquanto vivermos acreditando que a felicidade depende de um fator externo, mais tempo viveremos infelizes. Ainda segundo o mesmo, enquanto alimentarmos a nossa auto-estima procurando soluções de fora para dentro continuaremos em pior estado, e que, a solução precisa vir de dentro para fora. Em relação aos jovens que estamos estudando, esse estímulo que vem de dentro para fora é um dos pontos que mais se evidenciam nestes alunos. Posteriormente, no capítulo 5, será possível confirmar as afirmativas que aqui antecipo.

membro da CID CNV Instituto di Psicologia Analogica e di Ipnosi Dinamica, SIMP - Societa Italiana di Medicina Psicosomatica, Roma-Italia, The International Society for Medical and Psychological Hypnosis, New York-EUA, ABMP - Associação Brasileira de Medicina Psicossomática e a Sociedade Brasileira de Hipnose.

²¹ A opção de negrito na frase não consta na obra do autor. É opção do autor desta dissertação para enfatizar o discurso.

Tentando ser mais objetivo, o médico faz o seguinte questionamento: “como então trabalhar contra esse mal?” Para Vereia, quem está com a auto-estima em baixa deve procurar um equilíbrio entre o que é e o que gostaria de ser, sem negar ou menosprezar o seu estado atual. Mas, sim, ter a certeza que pode se modificar para alcançar o seu objetivo. Isto é, lutar para não ser dominado pelo monstro da baixa auto-estima.

Segundo Vereia, passamos 90% da nossa vida vivendo mal, porque ou estamos no passado, ou estamos no futuro. “Vou ser feliz quando mudar de emprego, comprar um carro novo, quitar meu apartamento, etc”. Para o médico, se quisermos fortalecer a auto-estima será necessário começar agora, nesse momento, e não quando realizar o sonho. É neste instante que você vai ser feliz. É esse instante que conta, todas as vezes que “a minha estima é atacada” afirma o médico. Para ele, precisamos pensar em cada coisa que fazemos como se fosse o único momento que estamos vivendo. A vida, de uma forma geral, passa ao nosso redor e o indivíduo vive infeliz, porque acredita que a situação que está vivendo seja passageira e fica na espera de momentos melhores.

Covey (1979, p.23) explica que quando estamos com a auto-estima em alta tratamos os outros com respeito, benevolência e boa vontade, pois não os vemos como ameaça. Segundo ele, a auto-estima em alta estimula as pessoas a reagir ativa e positivamente às oportunidades da vida – no trabalho, no amor e no lazer.

Quando me lembro da alegria e satisfação de alguns alunos para os quais tenho o privilégio de poder trocar nossos conhecimentos dentro da faculdade, entendo que a satisfação de alguns e a aspereza de outros tem motivos externos e internos. Compreendo que o que os motiva nestes momentos é o nível em que está a sua auto-estima e autoconfiança. Perguntando um dos alunos entrevistados, sobre convívio social, se algum amigo, ou outro parente, lhe estimulou a estudar, ele respondeu: “pelo fato do meu meio lá do interior, como era distante para mim era distante para eles também. Então não teve aquele que dissesse assim, ‘vá lá fazer a faculdade’ porque todos os que estavam crescendo junto comigo, estavam fazendo a mesma coisa, ir trabalhar no quintal, na roça, plantar alguma coisa, era pegar feira, porque lá a feira é

muito grande, pegar a feira de carro de mão, ser um cobrador de Kombi”. Continuou, afirmando sob seu ponto de vista que “são pessoas que não têm muitas perspectivas pelo fato de ter uma escola degradada, e ter alguns professores conformados, destreinados ou desmotivados que se preocupam apenas em cumprir a carga horária da escola”.

A resposta do aluno João,²² agora com sua auto-estima em alta, mostra como afirma Covey, (1979, p.23), “quando estamos com a auto-estima em alta tratamos os outros com respeito, benevolência e boa vontade”. Aqui João ao colocar o seu ponto de vista em relação ao ensino de sua cidade, fala extremamente preocupado com seus antigos professores do interior, onde ele descreve em sentimentos: “eu também fico na esperança que eles tenham e venham experimentar o que eu estou experimentando hoje”.

Perguntando a João sobre o seu modelo de referência, se ele tinha alguém. Ele responde que sim, e esclarece, “é um professor chamado ‘Caio’, um professor que eu tive no pré-vestibular. Ele se parecia comigo porque ele também era de um lugar muito pobre, e que, no entanto se transformou num grande professor. Então ele além de passar o conteúdo, passava valores da vida, então se tornou uma referência para mim. Eu não tenho mais contato com ele, mas o pouco que ele me passou elevou bruscamente a minha auto-estima. Ele falava para todo mundo, mas, no entanto, parecia que era para mim”.

Apenas para demonstrar minha proposição, levantada anteriormente, com base nos dados da resposta anterior de João. Nesta resposta, é o professor que João relata, que esta também com a auto-estima em alta, quando se predispõe a ajudar o rapaz com conselhos e opiniões próprias de sua vida.

Em referência às necessidades básicas, perguntei sobre moradia. E João disse que acredita que o estudo pode revolucionar sua vida. Segundo ele, já conseguiu muita coisa com o estudo, mas com a questão da moradia, acredita que daqui a algum tempo já poderá construir a própria casa. Ainda segundo ele, hoje já consegue comprar as coisas que precisa, que de acordo com ele já são coisas que o estudo lhe proporcionou.

²² Todos os comentários relacionados aos alunos João e Pedro, estão com base nas entrevistas realizadas, apresentadas nos capítulos 5 dessa dissertação.

Ele acha que pode melhorar a vida na sua casa, já vê a moradia de hoje muito diferente do que era antes. Apesar de achar que não contribui com muito em casa, o pouco que ajuda, já é resultado do estudo que conquistou. E afirma: “em minha casa hoje as pessoas podem ir tranqüilas porque lá é um ambiente muito agradável”.

Com base neste depoimento, tenho a hipótese de que o Programa Universidade para Todos – Prouni pode proporcionar para os jovens de baixa renda, além da educação acadêmica, a elevação da auto-estima e autoconfiança desses jovens, em comportamento, dando uma clara demonstração de desenvolvimento de amor próprio e confiança em um futuro melhor.

Observemos na entrevista com o aluno Pedro²³ que o que muda é apenas os personagens, a mensagem é a mesma, e se observamos o que Jodelet, (2001, P. 17), diz “frente a esse mundo de objetos, pessoas, acontecimentos ou idéias, não somos (apenas) automatismos, nem estamos isolados num vazio social: partilhamos esse mundo com os outros, que nos servem de apoio, às vezes de forma convergente, outras pelo conflito, para compreendê-lo, administrá-lo ou enfrentá-lo”. No caso do aluno Pedro, apenas troca os personagens, sai o professor do pré-vestibular citado pelo aluno João e entra o irmão mais velho de Pedro. Com a mesma pergunta sobre o convívio social em relação ao estímulo para estudar, Pedro diz que o irmão mais velho dele, também passou por algumas dificuldades para entrar na Faculdade, não dificuldade financeira, diz ele, mas, em outro contexto, para ele é seu maior conselheiro, “a gente conversava bastante e ainda conversamos hoje. Estava sempre me estimulando, me mostrando os caminhos que deveria seguir aquilo que seria viável ou não fazer”. Neste momento de vida do aluno Pedro, o irmão dele estava partilhando o seu mundo com o dele e essa partilha era o apoio que o estimulava a continuar a caminhada para uma formação escolar mais avançada. Pedro deixa claro sua inspiração quando afirma; “esse irmão meu, hoje eu vejo que ele conseguiu tudo que ele queria, que ele sempre se esforçou para alcançar. Hoje eu diria que ele está no auge na carreira dele, então é um referencial meu, pretendo conseguir tão rápido quanto ele alcançar aquilo que ele desejou”.

²³ Todos os comentários relacionados aos alunos João e Pedro, estão com base nas entrevistas realizadas, apresentadas nos capítulos 5 e 6 dessa dissertação.

Querendo saber mais sobre seu modelo perguntei se seu irmão foi um estímulo para ele entrar na faculdade e ele não pestanejou em dizer: “com certeza, quando eu terminei meu ensino médio, como meus pais estavam com dificuldade financeira, foi inclusive ele quem pagou meu cursinho pré-vestibular, então é uma pessoa que apostou muito em mim, ele via que eu tinha potencial para entrar numa faculdade”.

Jodelet (2001, P. 17) esclarece que “as representações são sociais e tão importantes na vida cotidiana” e que essas representações “nos guiam no modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária”. Nesse momento o alimentador da auto-estima de Pedro era que se o irmão dele conseguiu vencer ele também poderia conseguir. Desta forma, se definia os aspectos da realidade que ele via.

Para Minayo (2004, p.128), a “auto-estima lida construtivamente com suas potencialidades e limitações”. Segundo o autor, a pessoa ver-se como ser único e especial, percebe sua experiência como algo pessoal, vivido por ele e com traços de diferença em relação à vida de sua família e amigos. Desta forma, é que tenho como hipótese que o Prouni entra, não somente como patrocinador da formação acadêmica do aluno, mas também como balizador de auto-estímulo.

Diante da observação de Minayo, (2004, p.128), concluo com o depoimento do aluno Pedro que acha que em relação às pessoas do seu convívio, depois que entrou na faculdade, elas sentem orgulho dele. Para ele, como seus pais nunca cursaram uma faculdade e os quatro irmãos que moram com ele serem menores, ele acha que todos eles, sentem orgulho dele. Com os olhos vibrantes ele afirma que para ele todo o esforço que ele faz, está direcionado para que possa “conseguir manter mais conhecimentos e poder ter uma vida melhor”.

A IMPORTÂNCIA DO CAPITAL SOCIAL E CULTURAL E A REDE DE RELACIONAMENTO

CAPÍTULO 4

Para Bourdieu (1998), “cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural” e para Montaigne (1988) “para exercitar a inteligência, tudo o que se oferece aos nossos olhos serve suficientemente de livro”. Com base nestas afirmações é que trabalho a hipótese de número um, de que além de contribuir com a formação acadêmica, o Prouni está proporcionando a modificação do comportamento, aumento do capital social e cultural e criação de redes de relacionamento dos jovens por meio do convívio destes jovens de baixa renda com jovens de outras classes sociais.

Conforme afirma Featherstone, “para os grupos aspirantes como as novas classes médias, a nova classe trabalhadora e a nova classe rica ou alta, é importante o conhecimento dos novos bens, seu valor social e cultural, e como usá-los de maneira adequada” (FEATHERSTONE, 1995, p. 38). O autor defende que o tipo de consumo cultural seria uma pista de classificação das pessoas.

se ‘descermos’ às práticas cotidianas das pessoas reais envolvidas em teias de interdependências e balanças de poder com outras pessoas, podemos argumentar que persiste a necessidade de coletar pistas e informações sobre o poder potencial, status e prestígio social do outro, mediante a leitura do comportamento da outra pessoa” (*Ibidem*, p. 39).

Para ele, a cultura é corporificada. A questão não é apenas, por exemplo, que roupa é usada, mas como é usada. “Nesse sentido, o novato, o autodidata, inevitavelmente revelará o peso de sua competência cultural incompleta e adquirida com esforço”. A ascensão a uma classe superior de consumo não está associada apenas à questão financeira.

para atingir o topo das classes de consumo é preciso não somente um nível de renda mais elevado como também uma competência para julgar bens e serviços de informação que proporcione o feedback necessário do consumo para o uso, que é em si um requisito para o uso. Isso exige um investimento em capital cultural e simbólico durante toda a vida e em tempo investido na manutenção de atividades de consumo (*Ibidem*, p. 37).

Ainda segundo Featherstone, as constelações específicas de gosto, preferências de consumo e estilo de vida “estão associados a ocupações e frações de classes específicas, tornando possível mapear o universo de gosto e estilo de vida, com suas oposições estruturadas e distinções graduais sutis, que operam numa sociedade específica e num ponto determinado da história. (FEATHERSTONE, 1995, p. 39).

Neste contexto, observando a capacidade de absorção do conhecimento de cada jovem bolsista do Prouni, como afirma Todorov, (1998, p. 157), “durante uma única e mesma experiência, múltiplos mecanismos põem-se em movimento”, a convivência com um grupo muda o nível de percepção das pessoas.

As turmas nas faculdades são espaços de reconhecimento e de auto-afirmação. “O reconhecimento é necessariamente mediado pelo outro, seja um outro anônimo, impessoal ou interno; a realização é imediata, é o curto-circuito do processo de reconhecimento e contém em si mesma sua própria recompensa” (TODOROV, 1998, p. 154).

O ser humano é, de acordo com Todorov, composto das relações que mantém com seus semelhantes e, ao mesmo tempo, é capaz de intervir, sozinho, no mundo. “Ele é duplo e não apenas um” (*Ibidem*, p. 157). Na entrevista com o aluno Pedro, podemos ver claramente este aspecto. Quando relatei ao estímulo dado à educação por algum professor do ensino médio, se ele se lembrava de algum que havia lhe dado estímulo, que te dizia que era importante estudar, que era importante ele crescer e ir para a faculdade, ele me disse que sim, que do primeiro ao terceiro ano do ensino médio, quando estudava no colégio Thales de Azevedo, tinha um professor de Geografia, Antônio Carlos, que sempre conversa muito antes e depois das aulas. “Então ele era um professor que incentivava muito, mostrava que apesar de qualquer dificuldade que exista tanto a concorrência para entrar na faculdade, estava sempre estimulando a gente estudar mais e buscar aquilo que a gente quer”. De acordo com Todorov, (1998, p. 154), “a realização é ainda mais estranha ao mundo animal do que o reconhecimento pressupõe a natureza social do homem, mesmo que ele não a utiliza”, desta forma, não existe realização sem o outro, e sem o reconhecimento.

Para Bourdieu, (1987), “as necessidades culturais são o produto da educação: (...) as preferências em matéria de literatura, de pintura ou de música estão estreitamente ligados ao nível de instrução (medido pelo grau de escolaridade ou pelo número de anos de estudo) e, secundariamente, à origem social” (BOURDIEU, 1987, p.23), deste modo é possível que também este bem, seja adquirido durante a permanência dos alunos na faculdade que como afirma o autor.

a hierarquia socialmente reconhecida das artes e, no interior de cada uma delas, dos gêneros, das escolas ou das épocas, corresponde à hierarquia social dos consumidores. O que predispõe os gostos a funcionar como privilegiados demarcadores da ‘classe’ (BOURDIEU, 1987, p.23).

Para Bourdieu, o Capital Cultural é um conceito que explicita um novo tipo de capital, um novo recurso social, fonte de distinção e poder em sociedades em que a posse desse recurso é privilégio de poucos, Bourdieu (1996^a). Quando o jovem passa a absorver e desenvolver uma diversidade de novas experiências e informações de Capital Cultural, durante a passagem pelo curso superior, ele se modifica. Segundo Bourdieu, só há diferença “socialmente conhecida e reconhecida para um sujeito capaz não só de perceber as diferenças, mas também de as reconhecer como significantes, interessantes, quer dizer, para um sujeito dotado de aptidão e da inclinação fazer as diferenças que são tidas por significativas no universo social considerado” (BOURDIEU, 1998, p. 144) algumas dessas diferenças podemos perceber, nos depoimentos de seus familiares e professores, através das entrevistas, esclarecendo, para nos, o que motiva para elevação da auto-estima e autoconfiança deste jovens.

É claro que muito destes ganhos acontecem em universidades públicas também, porém, considerando que as instituições públicas possuem processos seletivos bastante acirrados, inviabilizando o acesso dos alunos de baixa renda desprovidos de preparo escolar, por falta de base escolar no ensino médio. Esse processo pode se tornar bem menor.

Segundo D’Araujo, (2003, p.9), o “capital social, que expressa basicamente, a capacidade de uma sociedade de estabelecer laços de confiança interpessoal e redes de cooperação com vistas à produção de bens coletivos”. É o mesmo capital social construído na faculdade pelo estabelecimento dos laços de amizade e coleguismo.

Esses laços de confiança estarão proporcionando em um futuro próximo grandes laços e redes de relacionamentos, construídos e formatados com a amizade e o coleguismo, que será lembrado, sentido e empurrado para que, o outro, no futuro ajude o parceiro de jornada a conseguir um trabalho ou negócios. Quem nunca teve na vida uma indicação, uma dica ou um aviso para um serviço? Um negócio ou um trabalho vindo através de um ex- colega ou amigo de jornada escolar de tempos passados?

Segundo D'Araujo (2003, p.10), para o Banco Mundial, o “capital social refere-se às instituições e normas sociais que dão qualidades às relações interpessoais em uma dada sociedade. A coesão social é vista aqui como fator crítico para prosperidade econômica e para o desenvolvimento sustentado”. Ora, a palavra sustentado expressa um sentido duradouro e, se olharmos a outra expressão do Banco, onde se afirma que o “capital social é a argamassa que mantém as instituições em contato entre si e as vincula ao cidadão visando à produção do bem comum”. (D'ARAUJO, 2003, p.10), podemos entender que esse processo também pode acontecer entre colegas de uma faculdade, na trajetória de uma luta escolar para a vitória final.

Para D'Araujo (2003, p.18), “a confiança componente básico do capital social, pode derivar, segundo Putnam, de duas fontes: regras de reciprocidade e sistemas de participação cívica”. Desta forma, vejo aqui que na faculdade o que ocorre mesmo são as regras de reciprocidade que “tem a ver, segundo Putnam, com o que dizia Cícero, no tempo de César: ‘Nenhum dever é mais importante do que retribuir um favor’”. (D'ARAUJO, 2003, p.18), e quantos favores não são trocados nos tempos de lutas da faculdade. Que o leitor entenda não como facilidades, mas como as dificuldades do dia-a-dia, no ajuste da faculdade, família e trabalho e também no coleguismo das explicações de assuntos de sala de aula que uns entendem melhor que os outros.

Ainda segundo D'Araujo, (2003, p.19) o “capital social está definido por três fatores inter-relacionados: confiança, normas e cadeias de reciprocidade e sistemas de participação cívica – sistemas que permitem às pessoas cooperar, ajudar-se mutuamente, zelar pelo bem público, promover a prosperidade”. Assim, identifico a relação professor aluno construído pelo aluno João, um tipo de sistemas de participação cívica. Ao perguntar a ele “você tem alguém em que você se espelha hoje? Existe alguém para você se espelhar?” ele respondeu claramente:

sim, hoje eu tenho. Já diz um grande antropólogo que nós precisamos de referências e, com certeza, eu tenho uma referência hoje. É um professor chamado Caio, um professor que eu tive no pré-vestibular. Ele se parecia comigo porque ele também era de um lugar muito pobre, e que, no entanto se transformou num grande professor. Então ele, além de passar o conteúdo, passava valores da vida, então se tornou uma referência para mim. Eu não tenho mais contato com ele, mas o pouco que ele me passou elevou bruscamente a minha auto-estima. Ele falava para todo mundo, mas, no entanto, parecia que era para mim. E, a partir daquele momento, me deu muito mais sede de buscar, ir à biblioteca, ir para o livro, e com certeza de participar do ENEM e graças a Deus ser selecionado.²⁴

Daqui a alguns anos, se nós fizermos a mesma pergunta a esse aluno, pode ter certeza, que ele vai lembrar de algum personagem da faculdade. Na introdução desta pesquisa, afirmei que tenho a hipótese que as figuras que servem de referência para o processo de modificação destes jovens são os professores, os colegas de faculdade, os coordenadores de curso, os diretores e o próprio ambiente da faculdade. O que eu quero dizer, é que, daqui a alguns anos quando o aluno João, já não estiver no convívio com esse conjunto de pessoas em corpo, mas vivo em sua alma, muitos desses personagens, poderão aparecer, como grandes referências para seu destino, não somente na sua mente, mas como personagem vivo de indicação da sua rede de relacionamentos construída no período da faculdade. Aqui, fica bem vista a força do capital social e a construção do novo capital cultural edificado no labor da vida estudantil. Para reafirmar minha observação, retomo a citação de D'Araujo sobre o jovem para descrever o capital social onde diz o seguinte:

em 1916, Lyda Judson Hanifan, um jovem educador, usou o conceito para descrever centros comunitários de escolas rurais, nos quais detectava que a pobreza crescente se fazia acompanhar pelo decréscimo da sociabilidade e das relações de vizinhança entre a população local. Segundo ele, a comunidade se beneficiaria da cooperação de todos e quando as pessoas criam o hábito de se relacionar, por razões sociais, de lazer ou econômicas, esse "capital social", ou seja, essa rede de relações pode ser dirigida para o bem-estar da comunidade (D'ARAUJO, 2003, p.23, 24).

D'Araujo²⁵, citando o sociólogo alemão James Coleman quando ele escreve nos fins dos anos 80, que o capital social permite a criação de certos bens e que os grupos

²⁴ Ver entrevista na íntegra no capítulo 5

²⁵ D'Araújo, Maria Celina Soares, Capital Social, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003. Páginas 23 e 24.

ricos, em capital social, fazem com que as pessoas se desenvolvam, isto é, promovam o desenvolvimento do capital humano. Desta forma, concluo que foi o rico capital social, do professor do aluno João que causou nele, na época, o impacto que o levou a dizer que “ele falava para todo mundo, mas, no entanto, parecia que era para mim”. A transformação é contínua, pois outros ricos personagens em capital social surgem durante a permanência do jovem na faculdade, conseqüentemente, vem proporcionando outras modificações no capital social e cultural deles.

Nas entrevistas com os alunos Pedro e João, podemos ver esses aspectos bem aparentes. Perguntei aos dois, se achava que estava contribuindo com a formação educacional de seus vizinhos e amigos através do seu exemplo. Para Pedro, ele achava que com os vizinhos não, mas com amigos sim, segundo ele, por ter amigos até mais novos que ele, que passam por situações semelhantes, eles vêm nele um exemplo próximo, que na verdade inspira confiança neles mostrando que também eles podem conseguir.

Para Pedro, ele é o exemplo para os amigos da possibilidade de cursar o nível superior, sem possuir condições financeiras. E como diz D’Araujo²⁶ citando o sociólogo alemão James Coleman o capital social permite a criação de certos bens e faz com que as pessoas se desenvolvam, isto é, promovam o desenvolvimento do capital humano.

Já o aluno João, questionado sobre o mesmo assunto, responde que, em relação aos vizinhos e amigos, acredita que sim e de forma direta e indireta. Para ele “indiretamente porque o fato de sair tão cedo e chegar tão tarde; No fim de semana eles dizem assim: ‘poxa, também tenho que procurar alguma coisa para fazer, também tenho procurar algum estudo. João vai abrir inscrição para alguma coisa?’ Então isso é algo indiretamente, e direto é quando me chamam para dar palestras, para falar com a minha comunidade. Tem as igrejas lá, eu moro no bairro de Santo Antônio, e quando eu vou dar alguma palestra lá é um incentivo. Eu vejo através da fé, porque eu estou em um ambiente de fé, eu posso dizer para eles: vejam o que Deus me deu, veja o que você pode ser. Veja o que você pode melhorar”.

²⁶ Araujo, Maria Celina Soares D’, Capital Social, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003. Páginas 23 e 24.

João vai mais longe e esclarece, na prática, tudo o que D'Araujo, (2003, p.19) explica, quando diz que o “capital social está definido por três fatores inter-relacionados: confiança, normas e cadeias de reciprocidade e sistemas de participação cívica – sistemas que permitem às pessoas cooperar, ajudar-se mutuamente, zelar pelo bem público, promover a prosperidade”. Não é difícil perceber que, neste momento da fala de João, a sua auto-estima e autoconfiança estavam totalmente em alta. Ele se considera o exemplo direto e indireto, não somente para os amigos, mas, para toda a comunidade que consegue ouvi-lo em palestras e ações contínuas. Acredita que, neste momento, está ajudando a comunidade, zelando pelo bem público e promovendo a prosperidade que é possível através do seu exemplo para todos. Como diz D'Araujo, (2003, p.18) “a confiança componente básico do capital social, pode derivar, segundo Putnam, de duas fontes: regras de reciprocidade e sistemas de participação cívica”.

Mais uma vez, o Prouni entra como base deste ganho de capital social e capital cultural. Além de proporcionar mixagem de conhecimento e inter-relação de companheirismo, que podemos ver na resposta do aluno Pedro em relação às dificuldades encontradas quando entrou na faculdade. Para ele não foi difícil, e como ele mesmo disse; “sempre tive apoio familiar, de amigos, de colegas logo que entrei na faculdade, todo mundo se ajudou e, no início, tive poucos problemas”. Aqui fica claro a afirmação de D'Araujo, (2003, p.9), que diz que o “capital social, que expressa basicamente, a capacidade de uma sociedade de estabelecer laços de confiança interpessoal e redes de cooperação com vistas à produção de bens coletivos”. É o mesmo capital social construído na faculdade pelo estabelecimento dos laços de amizade e coleguismo. Aqui isso se materializa completamente, em sentido e ação, quando ele diz: “logo que entrei na faculdade, todo mundo se ajudou”.

Na entrevista com o aluno João, observa-se que a faculdade criou um novo ganho de capital cultural, já que ele afirma que, o ingresso em uma IES, o modificou, vi isso quando perguntei se ele se modificou. Ele disse que agora os seus trabalhos são bons, sempre os melhores. E se esforça para chegar mais cedo para sempre assistir toda a aula do professor, relatando, como diz: “eu vi que era melhor para mim, eu tenho que aproveitar cada minuto, então foi uma mudança muito drástica na minha vida”. Aqui Bourdieu, (1987), confirma sua afirmação sobre as necessidades culturais, que para o

autor, são o produto da educação. e, secundariamente, à origem social. Ainda segundo Bourdieu, (1987), o Capital Cultural é um conceito que explicita um novo tipo de capital, um novo recurso social, fonte de distinção e poder em sociedades em que a, posse desse recurso é privilegio de poucos, Bourdieu, (1996^a). Neste caso, privilegio dos alunos que estão sendo patrocinados pela bolsa Prouni.

A mudança de João pôde ser percebida, também, por sua mãe que acredita que o filho ficou mais responsável, mais preocupado com os estudos. Apesar de nunca ter sido um mau aluno, “graças a Deus”, fala ela.

A professora Dóris Pinheiro, professora de João, já no sétimo semestre, só soube, no momento da entrevista, que João era beneficiado pelo Prouni, como declarou ao ser questionada da diferença de comportamento, dos alunos Prouni e os demais alunos. Segundo a professora, não consegue distinguir quem são os seus alunos Prouni e quem não são: “então não sei como poderia dizer isso, não consigo identificar”. Apesar disso, ela afirma que “no caso de João que foi um aluno que você entrevistou ele é um excelente aluno e se ele é Prouni, ele está aproveitando muito bem a oportunidade que foi dada”.

A fim de tornar mais clara a observação, perguntei a professora se ela conseguia perceber a diferença no grau de auto-estima e autoconfiança dos alunos Prouni. Tomando como referência João, ela respondeu que achava que eles eram mais empenhados, “se eles são os mais empenhados, eles rendem mais na faculdade, se render mais tem respostas mais positivas, tanto do ponto de vista acadêmico, quanto dos professores. Logo, eu acho que eles têm uma energia que coloca eles para dentro e a auto-estima deles vai crescendo a partir do momento que eles vão percebendo que podem sim, que podem ser bons alunos, que podem cursar uma universidade, que podem se tornar profissionais. Eu acho que sim, principalmente a respeito da auto estima ou não, eles são pessoas que querem, isso fica claro”.

Logo que entrou na faculdade, João confessa que sentiu algumas dificuldades de aprendizado e, algumas vezes, sentiu-se humilhado por estar numa instituição privada rodeado de pessoas com um poder aquisitivo maior que o dele. “Eu me sentia um pouco retraído pelo fato de ser de onde eu sou, não querendo negar minhas raízes,

mas o nível do conhecimento era baixo” (...) “no começo foi difícil, porque eu estava chegando num lugar totalmente diferente do lugar onde eu estava acostumado”.

Com Pedro também não foi diferente. Apesar de ser um rapaz mais vivido, pois mora na capital, e com mais chances de acesso ao capital cultural, respondeu quase que parecido ao aluno João. “A gente chega sempre um pouco assustado, achando que não vai conseguir aprender, muitas dúvidas, se o curso é o correto” (...) “então a gente entra inseguro, vários medos, medo de não se sentir realizado e não mostrar para os outros que sou incapaz”

Desta forma encerro este capítulo com a frase de D’Araujo, (2003, p.10), com a bela afirmativa de que o “capital social é a argamassa que mantém as instituições em contato entre si e as vincula ao cidadão visando à produção do bem comum”. Acrescento dizendo que para mim, o capital social, juntamente com o capital cultural, não é só a argamassa das instituições, mas também é o material indispensável para o crescimento de qualquer ser humano.

A HISTÓRIA DE MINHA VIDA – CONTADA PELOS BOLSISTAS PROUNI

CAPÍTULO 5

Neste capítulo, como já adiantei na Introdução, trago as duas entrevistas com os alunos João e Pedro, na íntegra, deixo os comentários, sobre as mesmas, para o final das duas entrevistas. Fiz isso para que o leitor sentisse o envolvimento e o impacto das perguntas no sentimento de vitória dos alunos. Fiz também isso porque a seqüência das perguntas teve o objetivo de mostrar o passado e o presente dos alunos. Outro fato a ser declarado é que os dois questionários apesar de iguais foram aplicados com uma diferença de um ano. João foi entrevistado em junho de 2007 e Pedro em outubro de 2008.

Considerando que a educação é o principal combustível para modificar qualquer ser humano, acredito que ela produz a força necessária para levar os jovens, cada vez mais, em direção a novos paradigmas de modelos de vida.

Não é difícil encontrar pessoas que um dia tiveram uma vida privada de necessidades básicas como alimentação, moradia, assistência médica, etc., e que usando o trampolim da educação escolar, conseguiram se inserir como cidadãos. Desse modo, puderam driblar um destino marcado pela pobreza, para chegar a um destino construído de esperança.

A análise das entrevistas com dois jovens estudantes de uma faculdade em Salvador, Bahia, Brasil, que tiveram acesso à educação de nível superior pelo Prouni demonstra que algo mais, acontece durante o curso, além da formação acadêmica.

Estes alunos são alguns daqueles que romperam a barreira do paradigma (pobre/ filho de pobre/ sem educação) e iniciaram o seu vôo rumo ao novo destino.

Mais uma vez, acredito na educação como veículo propulsor do progresso social e econômico. É oportuno citar um trecho do discurso de Marshall, do qual comungo integralmente quando este afirma que “o direito à educação é um direito social de cidadania” (MARSHALL, 1967, p.73). Como professor, nela deposito minhas esperanças para um mundo melhor.

Para Minayo (2004), “em síntese, a validade dos estudos qualitativos é concebida não como um dispositivo que espelha a realidade e sim como uma ‘produção

reflexiva', em que o observador é parte e parcela do contexto e da cultura que busca entender e representar. Para ela, as entrevistas classificam-se de acordo com sua organização e podem ser, dentre outras, qualificadas como entrevista aberta ou em profundidade. Resolvi adotar a entrevista aberta. Ainda segundo a autora, neste tipo de entrevista "o informante é convidado a falar livremente sobre um tema e as perguntas do investigador, quando são feitas, buscam dar mais profundidade às reflexões" (MINAYO, 2005, p.91). Foi o que fiz.

Elaboração das perguntas

Para elaboração das perguntas, foquei nos fatores que poderiam ter influência na formação de vida do meu entrevistado, e que de alguma forma contribuísse, interferindo nas minhas dimensões qualitativas da pesquisa. Neste sentido, escolhi as seguintes bases: educação básica, educação de nível médio, medos, família, segurança, convívio social, trabalho, pobreza, sofrimentos, convívio atual e o Prouni em sua vida.

A primeira entrevista

A entrevista foi realizada no dia 26/06/2007, às 21 horas, com o aluno João cujo nome verdadeiro foi trocado. Nesta época, com 22 anos, era aluno Prouni do 4º Semestre do curso de Jornalismo de uma faculdade de Salvador.²⁷

Início da entrevista

P. Como foi sua educação básica? O que você se lembra, dos seus professores? Eles estimularam realmente você a estudar? Deram algum incentivo? O que você poderia falar sobre isso?

R. Os meus professores, pelo fato de eu ser do interior, de Candeias, não tiveram muita vontade de dar o incentivo para que eu enfrentasse em uma faculdade. Para mim era algo muito longínquo. Eu não tinha nenhuma perspectiva de chegar num nível superior, de chegar a ser alguém. E talvez mais que os meus próprios irmãos que não tiveram

²⁷ **Observação:** Escolhi como identificação a letra "P" para a palavra "pergunta" e a letra "R" para a palavra "resposta".

essa oportunidade. Na minha família eu sou o único que faço faculdade, mas com certeza os meus professores não deram incentivos, pelo que lembro, foi algo mesmo de ouvir que eu tinha que sair daquele marasmo, e buscar algo maior, porque eu sempre confiei em mim. Então pelo fato dos professores acho que, foram poucos ou nenhum incentivo.

Analisando esta primeira resposta do aluno João, percebemos que estes acontecimentos do passado demonstram uma espécie de embrião de auto-estima e autoconfiança, “porque eu sempre confiei em mim“, vemos que não foram provenientes do berço da escola, nem de fonte religiosa, mas algo dele próprio. Aqui se vê a vontade descrita através da soma da intenção “eu tinha que sair daquele marasmo, e buscar algo maior” com a ação que ele descreve no decorrer das respostas.

P. E os seus colegas, você se lembra de algum colega, da dificuldade de seus pais de te manter na escola? Você se lembra de alguma coisa nesse sentido?

R. Lembro sim. Eu tive sorte, na alfabetização, pois tenho um tio que conseguiu pagar uma escola particular, uma escola melhorzinha lá da cidade de Candeias, mas que também foi só nesse período. Logo depois, eu entrei para a pública e aí era a pública mesmo, meu pai não tinha dinheiro para grandes coisas. Eu tinha meus amigos, mas que, no entanto, daquele tempo eu não vejo nenhum fazendo nível superior. Uns já foram embora, outros eu perdi o contato, mas que, no entanto não existia.

P. Na educação de ensino médio, você se lembra de algum professor que lhe deu estímulo, que lhe dizia que é importante estudar, que é importante você crescer, ir para a faculdade? Você se lembra de algum professor que lhe deu esse incentivo?

R. Olha incentivo assim não. Mas como todo professor, sempre fazia assim: “estudem, estudem que é melhor”, e, no entanto as pessoas que tem o poder aquisitivo baixo como eu tenho, nós não temos outra escolha a não ser o esporte ou a escola. Então não teve uma pessoa para dizer assim: “vai”. Não, foi algo próprio que veio de mim. Geralmente os professores, vão lá, dão aula, mas, no entanto eles passam o conteúdo deles, fazendo o trabalho deles. Mas foi algo meu mesmo, não teve incentivo, não.

Com base nos dados da primeira resposta e os dados que comentei, essa resposta me estimula a criar a proposição de que realmente, antes do aluno João ingressar no nível superior através do Prouni existia apenas vontade de vencer.

P. Você teve medos no período do nível médio? Você foi humilhado alguma vez? O que você se lembra disso daí?

R. Senti sim. Certa vez, pelo fato de eu ser pobre, e que, no entanto eu estava saindo do ensino médio e fui fazer um cursinho de pré-vestibular, conversei com meu pai, e ele falou “vai, talvez tenhamos condições de pagar esse que é baratinho”, na época eu lembro que era R\$ 60,00. E no cursinho existiam pessoas que tinham o poder aquisitivo muito elevado e quando os professores davam o assunto, eles sabiam e eu não sabia nada e cada vez que isso me acontecia me sentia muito mais longe da faculdade. Foi algo muito ruim, uma humilhação própria, não era deles, mas, no entanto eu me martirizava com isso. Era algo muito ruim que eu passei.

Nessa resposta aparecem novos fatos que nos dão garantia de que o aluno João entrou na faculdade com a autoconfiança balançada e com parte da auto-estima enfraquecida, principalmente quando ele diz que “foi algo muito ruim, uma humilhação própria, não era deles, mas, no entanto eu me martirizava com isso. Era algo muito ruim que eu passei”.

P. Você criou nisso algum desafio íntimo, de você passar por cima disso tudo e conseguir pensar no futuro?

R. Com certeza. Houve esse desafio porque na minha família, eu via minha mãe e meu pai fazendo tudo, tudo como eles sempre quiseram como todo mundo do interior, “meu filho, quero que você seja doutor, no entanto eu não vou ser um doutor”, mas eu estou tendo uma formação. Eles foram um grande incentivo para mim, e eu quero com isso ajudá-los, isso fez com eu enfrentasse o que eu enfrentei talvez o Brasil inteiro, para estar hoje numa instituição privada. Uma instituição de nível superior. Mas eles foram mesmo o grande incentivo para mim. Em dizer assim: - Eu posso fazer algo por eles, eu posso fazer a diferença na família, já que eles sempre colocaram a confiança em mim porque não tiveram condições de colocar os outros.

Neste ponto evidenciamos uma realidade social “não tiveram condições de colocar os outros” que não é o tema central dessa dissertação.

P. Eles quem?

R. Meus pais. Eles sim colocaram confiança em mim.

P. Agora eu vou falar de moradia. Você acha que o nível educacional vai melhorar as condições de moradia que vocês têm atualmente?

R. Com certeza. Eu deposito, desde pequeno eu sempre depusitei, no estudo algo que poderia revolucionar minha vida. Eu já consegui muita coisa, com o que eu sou hoje, mas com a questão da moradia, eu creio que daqui a algum tempo eu já vou poder construir a minha própria casa. Hoje eu já compro as coisas que preciso, então são coisas que o estudo me proporcionou. São coisas que eu posso melhorar na minha casa e, com certeza, a moradia hoje é muito diferente do que era antes. Eu não contribuo com muito, mas o pouco já é com que o estudo me proporcionou. E em minha casa hoje as pessoas podem ir tranqüilas porque lá é um ambiente muito agradável.

P. Sobre segurança: o estudo lhe dá mais segurança de vida? Quero dizer, futuro de vida? Por quê?

R. Ele me dá esse futuro de vida porque ele é de graça. E ele tem uma intenção, que é a que todos se dêem bem. O conhecimento está aí para todo mundo e ele liberta, então o estudo dá isso, não só para mim, João, mas para todas as pessoas que o buscam. Então, com certeza, no estudo eu vou encontrar os meus objetivos. É neles que estou me baseando, é neles que eu estou esperando algo bom, como diz o ditado dos mestres dos mestres, “faça por ti que eu te ajudarei”. Então eu estou fazendo pelos meus estudos mesmo, eu saio muito cedo de casa, volto muito tarde, mas que, no entanto, eu tenho uma finalidade. Eu tenho um fim único, que é chegar ao final dos meus estudos e com eles ser um grande homem, ser um homem bem sucedido na vida.

Esta resposta do aluno João relatando o presente e pensando no futuro, me deixa a vontade para associar com a definição de autoconfiança, citada por MINAYO (2004), “ter amor próprio, gostar de si mesmo (sentimento positivo). Falar com entusiasmo da própria experiência. Reconhecer as próprias potencialidades e limitações. Ter uma idéia positiva sobre si mesmo. (...). Acreditar em si mesmo, confiar no seu potencial. Defender suas idéias na família, na escola e entre os pares” (MINAYO, 2004, p.128).

P. Sobre convívio social: algum amigo, ou outro parente, lhe estimulou a estudar, também?

R. Pelo fato do meu meio lá do interior, como era distante para mim era distante para eles também. Então não teve aquele que dissesse assim, “vá lá fazer a faculdade porque todos os que estavam crescendo, crescendo junto comigo, estavam fazendo a mesma coisa, ir trabalhar no quintal, na roça, plantar alguma coisa, era pegar feira, porque lá a feira é muito grande, pegar a feira de carro de mão, ser um cobrador de Kombi. São pessoas que não têm muitas perspectivas pelo fato de ter uma escola degradada, ter uns professores com pouca boa vontade, não estou dizendo todos, mais a maioria é assim. Então, eu creio que eles também precisavam de um incentivo, mas que, no entanto, não tiveram essa vontade em si, mas eu também fico na esperança que eles tenham e venham experimentar o que eu estou experimentando hoje.

P. Você tem alguém em que você se espelha hoje? Existe alguém para você se espelhar?

R. Sim, hoje eu tenho. Já diz um grande antropólogo que nós precisamos de referências e, com certeza, eu tenho uma referência hoje. É um professor chamado “Caio”, um professor que eu tive no pré-vestibular. Ele se parecia comigo porque ele também era de um lugar muito pobre, e que, no entanto se transformou num grande professor. Então ele além de passar o conteúdo, passava valores da vida, então se tornou uma referência para mim. Eu não tenho mais contato com ele, mas o pouco que ele me passou elevou bruscamente a minha auto-estima. Ele falava para todo mundo, mas, no entanto, parecia que era para mim. E, a partir daquele momento, me deu muito mais sede de buscar, ir à biblioteca, ir para o livro, e com certeza de participar do ENEM e graças a Deus ser selecionado.

P. Então ele foi um estímulo para você entrar na faculdade?

R. Sim, creio que sim. Ele foi um grande estímulo porque geralmente quando nós estamos no cursinho é para entrar na faculdade, mas se não fossem as palavras que ele dizia, não só as palavras do conteúdo para você passar, e sim os valores, o que você era. Ele passava para mim, ele falava para todos, mas para mim ele falava assim, “olhe João, você é muito mais do que você pensa de você mesmo, você pode tais coisas”. E aquilo me deu uma grande força, algo que eu não consigo explicar. Foi para todos, mas para mim eu fui à fonte.

Esta resposta insinua que João estava vivenciando, desde aquela época, um incremento no seu capital cultural, considerando as bases da família que, para Bourdieu (1998), “cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural” e todo aquele incentivo do exemplo de vida vivida pelo seu professor de pre-vestibular denota uma certa dosagem de capital social. Como minha proposição Montaigne (1988) também descreve que “para exercitar a inteligência, tudo o que se oferece aos nossos olhos serve suficientemente de livro”. Naquele momento, João bebia a teoria da possibilidade de um novo horizonte de vida.

P. Trabalho. Como foi seu primeiro emprego?

R. Meu primeiro emprego foi graças ao estudo, no Bompreço. Eu consegui lá como caixa geral e aí eu fiquei lá só o período de experiência, porque eu consegui entrar na faculdade. Eu estava estudando, fiz uma redação... É bom eu contar esta história. A maneira que eu entrei no Bompreço foi muito bonita para mim, porque foi bem diferente dos critérios de hoje. Sempre no caixa do Bompreço tem “dê sua sugestão”, e aí eu fiz uma redação naquele caixa, dizendo o que eu achava que a loja poderia mudar, e o que os funcionários poderiam fazer, o que poderia dar mais atratividade, apesar de não conhecer muito sobre o comércio, e a vontade de fazer parte daquela família Bompreço. Então o gerente leu aquilo e achou interessante e diferente e me contratou na hora. Ele falou assim: “olha só a sua vontade fez com que você entrasse aqui, eu não quero que você nem faça seleção”. Então a maneira que eu entrei, tudo isso graças aos estudos e ao dom que Deus me deu de escrever, escrever assim coisas que eu gosto, e que, no entanto eu investi nisso e, a partir desse momento, também foi algo que eu disse: é realmente vou para minha área. Essa foi a forma do meu primeiro emprego.

P. E o seu salário lhe estimula a estudar mais? O que é que você acha?

R. O meu salário me estimula muito a estudar mais. Hoje eu faço parte de um projeto da Arquidiocese de Salvador, um projeto chamado projeto EVA. Nós tomamos formação durante quatro meses com professores da UFBA de Biologia e Psicologia e nós passamos para instituições credenciadas da Igreja Católica ou então qualquer colégio que nos contrate para passar estas informações que nós tomamos, e hoje eu já sou um professor. Hoje eu já dou aula de biologia, dou aula sobre educação sexual,

sobre fecundação e toda essa questão, e hoje eu já me sinto um professor, eu já sou muito mais do que eu pensava antes, mesmo assim meu salário é muito pouco, é um salário mínimo, mas que, no entanto é algo meu. Tem algo meu aí, tem algo do meu talento, o meu estudo me fez ser hoje, talvez eu já posso dizer um professor, porque eu estou sempre dando aula, todos os dias, dou aulas as quartas e sextas-feiras, e dou aula também para estas pessoas novas que estão entrando no projeto. Eles estão entrando no projeto para ser como eu, mas que, no entanto, eu estou passando informações para eles. Então hoje eu me sinto já um professor.

P. E o seu salário lhe estimula em que sentido? Porque você acha que é muito pouco? Que você pode ganhar mais? Ou que realmente não é isso que você merecia?

R. Uma vez eu vi uma reportagem no Fantástico que disse que: “nunca o empregado aceita o seu salário e nunca quem emprega admite que paga pouco” (risos).

Mas que, no entanto é assim, é o estímulo para eu querer estudar mais, porque eu ganho muito pouco mesmo, um salário mínimo, e eu vejo que não dá pra nada porque eu gasto muito de passagem já que eu moro no interior. Então é muito caro eu ter que pagar a passagem de lá pra cá e ainda os ônibus daqui de salvador. Então se torna muito difícil pra mim. Eu faço mais é por causa do conhecimento mesmo, tudo em prol do estudo. Eu estou na esperança e na expectativa de que o estudo possa me dar muitas coisas. Mas que, no entanto, o salário não é estimulador. Eu só tenho a esperança mesmo do conhecimento. Ganho pouco.

P. Vamos falar de pobreza. É ruim ser pobre? Por quê?

R. Com certeza não. Não é ruim ser pobre. Ser pobre não é ser doente. Ser pobre depende de como você vive sua pobreza. Eu sempre fui pobre, mas no entanto, eu recebi muitos valores. Então tem duas dimensões a palavra pobreza. Eu sempre fui pobre de poder aquisitivo, mas que, no entanto eu sempre tive o que todo jovem tem que ter, que é a família, dizer o que é certo e o que é errado, e seguir sempre na sua integridade. Então ser pobre não é ruim. Ser pobre é algo bom. Mas que, no entanto você venha com seus valores. Agora miséria, sim, é diferente. Eu não quero viver isso, pobreza é diferente. A palavra pobreza é muito ampla e depende de como você vive, eu sou pobre, mas no entanto, eu tenho valores.

P. Bom, então aí eu perguntei sobre a pobreza e você me falou. Você não vê pobreza como algo ruim e a pobreza te estimulou a estudar?

R. Para ter uma melhor condição, sim. Porque o homem tem a sede do novo, mesmo aqueles que tem um poder aquisitivo, ele querem buscar mais, e nós que somos pobres queremos buscar porque nós precisamos de verdade. Então a pobreza de aquisição me estimulou a buscar o estudo em relação a ajudar, como o senhor falou, a ajudar em minha habitação na casa, e também melhorar para comprar as minhas coisas que eu gosto, as coisas que eu gosto de fazer, hoje eu posso comprar o que eu quero com o pouco que eu ganho. Então a pobreza sim, ela me estimulou a estudar. Porque você sempre tem que ter uma referência e a minha referência foi essa de você estudar, dizer assim por causa de tal coisa, eu vou ser o que eu quero ser. O que o estudo pode me proporcionar.

P. Fale sobre o sofrimento de família, dificuldade de dinheiro de seus pais. Se isso te estimula. Como você vê isso?

R. Teve um momento muito difícil, porque só tem meu pai para trabalhar lá em casa, então chegou um momento em que eu consegui passar em uma universidade particular, e ele ganhava uma margem de R\$ 700,00 e a faculdade era R\$ 500,00. Então esse foi um momento de muito sofrimento de minha vida, porque eu via que ele tirava do que a casa precisava, tirava todo mês aquilo, e eu vi que aquilo não era legal, aquilo não estava me fazendo bem e eu via o que minha família passava, deles falarem assim: “nós não vamos fazer tal coisa porque João é que precisa, vamos investir nele”. Então foi um momento de muito sofrimento. Alegria por parte dos meus pais, mas um sofrimento para mim, porque eu sabia que no fundo eles não iriam conseguir bancar. Era muito difícil, só lá do interior, não sei bem falar da capital, lá os pais dão o máximo que eles podem, para ver o filho melhor. Com os meus pais não foi diferente. Isso estava se tornando um sofrimento em minha vida. Isso era como mais um estímulo, estudar mais, mas que, no entanto tirasse eles dessa vida, porque isso estava fazendo com que nós ficássemos limitados lá em casa, em não poder talvez comer, como o humano precisa comer, comprar talvez um lençol, arrumar um quarto...Então por causa disso.

P. E vizinhos? Teve alguma situação com vizinhos que você não gostaria de ter passado?

R. Muito, professor, muita situação com vizinhos. Tinha um lá mesmo, que ele ia para o quintal pegar alguma fruta para comer, via o que sobrava de resto de comida. Candeias não é um lugar que tem muitas misérias, mas é um lugar que tem muita pobreza. No entanto a fé lá é muito grande e eu me sentia filho de Deus e via que aquilo me machucava demais, como poderia ajudar, casas, água, quando chovia era aquela catástrofe, tudo isso foram formas de dizer: “por que o mundo é desse jeito?” Qual seria a minha contribuição? Então eu já sofri muito com meus vizinhos tirando lama de dentro de casa. São situações que estão gravadas em minha mente. Eu nunca vou esquecer o que nós passamos lá. O bom é que nós éramos unidos nessas coisas. Nós compartilhávamos as mesmas coisas. As mesmas mazelas. Então os meus vizinhos hoje têm orgulho de mim em eu ser o que eu sou hoje. Eu dou isso também como um presente pra eles. Em querer sempre o melhor e ser sempre uma pessoa de integridade. Eles sempre honram pela integridade.

P. E você acha que tem contribuído com a formação educacional de seus vizinhos ou a auto-estima deles, melhorando a comunidade com seu exemplo?

R. Creio que sim, direta e indiretamente. Indiretamente porque o fato de sair tão cedo e chegar tão tarde. No fim de semana eles dizem assim: “poxa, também tenho que procurar alguma coisa para fazer, também tenho procurar algum estudo. João vai abrir inscrição para alguma coisa?” Então isso é algo indiretamente, e direto é quando me chamam para dar palestras, para falar com a minha comunidade. Tem as igrejas lá, eu moro no bairro de Santo Antônio, quando eu vou dar alguma palestra lá é um incentivo, eu vejo através da fé, porque eu estou em um ambiente de fé, eu posso dizer para eles: “vejam o que Deus me deu, veja o que você pode ser. Veja o que você pode melhorar. Então são esses parâmetros assim, eu creio que posso ajudar muito mais, mas que, no entanto, pelo que tenho é o que eu posso dar ainda. Mas creio que eu posso expandir muito mais, eu tenho grandes projetos para a minha cidade. Eu quero escrever sobre lá, eu tenho alguns projetos para o ano que vem. Então é algo que, com certeza, vai ser preliminar em minha vida”.

P. E dentro da faculdade, João? Me fale das suas dificuldades do aprendizado, no início. O que você pode falar sobre isso?

R. Essa também me lembrou o tempo do cursinho. Porque eram pessoas que vinham de boas escolas e minha escola era muito fraca e era muito difícil. O professor dizia assim: “isso aqui é assunto de 5ª série”, e eu lá totalmente perdido, a única coisa que eu podia fazer era resgatar, ir para o livro, porque eu não poderia acompanhar tais coisas. Então, na faculdade, existe um pouquinho de humilhação por estar numa instituição privada. As pessoas tem o poder aquisitivo maior, isso é fato. E eu me sentia um pouco retraído pelo fato de ser de onde eu sou, não querendo negar minhas raízes, mas o nível do conhecimento era baixo. Mas pelo fato de o conhecimento ser de graça, hoje eu posso debater um tema, hoje eu posso dar uma palestra, tudo isso graças aos estudos. Mas, no começo, foi difícil, porque eu estava chegando num lugar totalmente diferente do lugar onde eu estava acostumado.

P. Você se sentiu inferior em algum momento? E se depois disso melhorou sua auto-estima, se você se sente mais confiante? Mais importante?

R. Com certeza. Eu me sinto mais importante depois que eu consegui passar na seleção do projeto, projeto da Arquidiocese, algo selecionado, teve prova, tanto escrita quanto prática, então, a partir daquele momento, eu senti que eu estava sendo diferente. Eu me sinto uma pessoa importante porque hoje eu me sinto procurado, as pessoas me procuram: “João, você entendeu bem desse assunto? João, você pode falar sobre isso hoje? Você pode substituir aquela aula?” Então “João” não é mais o que era antes.

P. Então, dentro da faculdade, você sentiu que mudou, como você chegou e como você está agora?

R. Com certeza mudei. Mudei porque eu impus a minha forma de conhecimento aqui. Eu quero sempre os meus trabalhos bons, sempre os melhores, estar sempre chegando mais cedo para sempre assistir toda a aula do professor. Então isso fez com que as pessoas estejam olhando também, e isso era uma forma que eu vi que era melhor pra mim, eu tenho que aproveitar cada minuto, então foi uma mudança muito drástica na minha vida.

P. E as pessoas do seu convívio, depois de você estar na faculdade, elas sentem orgulho de você disso?

R. Com certeza. Eu sou o único da família que está na faculdade. Então elas depositam tudo em mim. Com isso, também eu carrego mais uma responsabilidade, porque eles não admitem que eu erre, então isso está sendo difícil, mas que, no entanto, hoje eu me tornei uma referência na família pelo fato de hoje só eu ter conseguido entrar em um nível superior, ou melhor, ter conseguido entrar pelo Prouni. Então pra eles “João é agraciado por Deus”, tem todo esse processo, e eu quero sempre honrá-lo, sempre passando de primeira, sempre querendo estudar mais, não dar preocupação em relação aos estudos aos meus pais.

P. João, tem gente que critica muito o Prouni, acha que o governo investe um dinheiro no Prouni que poderia estar criando novas faculdades. Você acha que o Prouni modificou sua vida? Como você se sente no Prouni?

R. O Prouni mudou totalmente a minha vida. Eu posso falar abertamente que o Prouni tirou toda aquela carga de dizer que meu pai tirava todo dinheiro dele pra investir em uma faculdade, com toda aquela dificuldade. O Prouni me deu oportunidade de eu ir buscar fundo, de eu conhecer pessoas com maior profundidade de conhecimentos para passar. Tudo isso o Prouni me trouxe. O Prouni me trouxe um novo estilo de vida, eu posso dizer assim: “olha você foi selecionado, pra você entrar e estudar, por conta do governo. O governo agora tem uma responsabilidade com você”. Tudo isso foi por causa do Prouni. O Prouni é justo porque eu sou do interior, eu não tenho condições talvez de “debater” com as pessoas que estudaram no Colégio Antônio Vieira, ou Marista, eu que vim de uma escola polivalente, fraquíssima de lá, mas que é a melhor escola de Candeias, porém ela é muito fraca, eu não posso “debater” com outras pessoas. O Prouni é justo em dizer que “você pode, de igual para igual, debater, que você pode entrar porque foi com seus esforços”. O Prouni não me pegou lá porque eu sou coitadinho, o Prouni me pegou porque ele viu que meu nível de conhecimento também está compatível. Então o Prouni é algo justo ele mudou não só a minha vida, mas também de toda a minha família, e de tantos outros colegas que tiveram a oportunidade de hoje está cursando o nível superior.

P. E aqui dentro da faculdade tem gente que não gosta de dizer que é aluno do Prouni, porque sente vergonha, porque tem uma referência de pobre. Você sente alguma coisa tipo vergonha, orgulho, o que você sente?

R. Orgulho, totalmente. Como diz uma canção “eu vou gritar pra todo mundo ouvir que eu sou Prouni”. Eu sinto muito orgulho, professor, porque o Prouni não é para todos. Eles estão sentindo o quanto é pesado não ser Prouni, então eu creio que essas pessoas que tem vergonha de falar talvez tenham escutado discursos que são falsos, porque todo mundo queria ser Prouni no fundo, que está na faculdade particular. Eu queria ser um Prouni e hoje eu sou um Prouni. Então, com muito orgulho, eu sou Prouni, porque não foram me buscar por ser um coitadinho e sim porque eu consegui passar no critério de seleção, não só na Bahia, mas no Brasil todo pelo ENEM, que está aí para todos. Então o Prouni seleciona aqueles que se saem melhor, aqueles que estão bem. Então porque esconder se foi algo meu, uma vitória, de poucas que eu tive, essa foi uma das maiores, eu não posso me calar diante disso. Então posso falar abertamente que eu sou Prouni, graças ao governo e graças aos meus esforços.

P. Se você tivesse que deixar uma declaração final para a sociedade, para o governo, em relação ao Programa Universidade para Todos - Prouni, o que você diria?

R. Eu diria que, diante de tantas coisas, que a nossa política está enfrentando, de tanta corrupção, mas que eles dêem a oportunidade de estudar, que algo que é direito nosso. Então o Prouni lhe dá essa oportunidade de você ser alguém, de você talvez um dia poder chegar na política e fazer tudo diferente. Então o que eu queria dizer talvez se eu encontrasse o Lula, primeiramente obrigado, e faria um pedido para continuar com o Prouni, para dar oportunidade a outras pessoas, porque realmente está muito difícil, professor. Os ricos cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. E essa é uma forma democrática de dizer que todos nós somos iguais.

Observação em relação ao entrevistado

Em relação ao entrevistado, percebi certo orgulho do jovem de estar podendo ter acesso a uma bolsa do Prouni e poder estar cursando uma faculdade.

Porém, percebi também uma interferência religiosa na personalidade do jovem. Para poder ter maior precisão das conclusões finais, fiz outra entrevista com outro aluno, sem a interferência da religiosidade, diferente da que apresentei nesta entrevista.

A segunda entrevista

A entrevista foi realizada no dia 29/10/2008, às 19 horas, com o aluno Pedro cujo nome verdadeiro foi trocado. Nesta época, com 21 anos, era aluno Prouni do 8º Semestre do curso de administração de uma faculdade de salvador. Formou-se na turma de 2008.

Início da segunda entrevista

P. Como foi sua educação básica? O que você se lembra dos seus professores? Eles estimularam realmente você a estudar? Deram algum incentivo em sua mente? O que você poderia falar sobre isso?

R. Na minha educação básica a maior parte do tempo estudei em escola pública. Estudei quatro anos em escola particular e a dificuldade da escola pública é referente ao nível educacional, nível dos professores. Claro que existiam um ou outro professor que estimulava a gente, mostrava a importância dos estudos, mas apesar de ter estudado em colégio público, estudei em colégios bons, colégio de referência do ensino público. Mas houve professores que incentivam bastante, mas com dificuldade no nível educacional, nível dos professores.

P. E os seus colegas, você se lembra de algum colega, da dificuldade de seus pais de te manter na escola? Você se lembra de alguma coisa nesse sentido?

R. Não, com relação a colega não. Estudei em vários colégios diferentes, então conheci muita gente, não peguei muita afinidade, muita aproximação com colegas. Em relação à dificuldade de me manter na escola, não tive não. No período em que estudei em colégio particular, nunca teve problema. E na escola pública, também não teve dificuldade neste sentido, não. Meu pai tinha condições. Somente no início da

educação, alfabetização, primeira série, que estudei em colégio particular. A partir daí o nível médio todo foi em colégio público.

P. Na educação de ensino médio, você se lembra de algum professor que lhe deu estímulo, que lhe dizia que era importante estudar, que era importante você crescer e ir para a faculdade? Você se lembra de algum professor que lhe deu esse incentivo?

R. Lembro que do meu primeiro ao terceiro ano do ensino médio, estudava no colégio Thales de Azevedo. Tinha um professor meu de Geografia, Antônio Carlos, sempre tinha muito afinidade com geografia, gostava muito das aulas dele agente conversava muito antes e depois das aulas. Então ele era um professor que incentivava muito, mostrava que apesar de qualquer dificuldade que exista tanto a concorrência para entrar na faculdade, estava sempre estimulando a gente estudar mais e buscar aquilo que a gente quer.

P. Você teve medos no período do nível médio? Você foi humilhado alguma vez? O que você se lembra disso daí?

R. Nunca tive medo não. Também nunca passei uma situação de humilhação, que eu lembre, que tenha marcado não, talvez uma brincadeira ou outra, mas nada marcante assim.

P. Você criou nisso algum desafio íntimo, de você passar por cima disso tudo e conseguir pensar no futuro?

R. Bom eu nunca tive, como eu falei nenhum problema de humilhação ou algum tipo de medo. Mas eu sempre tive a vontade de superar, por não ter tido muitas oportunidades em estudar em colégios melhores, mas não colocava para baixo. Pelo contrário, sempre estimulava mais, na verdade poderia mostrar que eu poderia ser melhor dos aqueles que estão em outros colégios.

P. Agora eu vou falar de moradia. Você acha que o nível educacional vai melhorar as condições de moradia que vocês têm atualmente?

R. Acho que sim, quanto mais você evolui educacionalmente, você adquire mais conhecimentos, abre mais o leque de oportunidades de emprego, a renda aumenta. Então a expectativa em relação à moradia são boas, são óbvias, podem melhorar sim.

P. Sobre segurança: o estudo lhe dá mais segurança de vida? Quer dizer, futuro de vida? Por quê?

R. De certa forma sim, porque já é complicado com estudo, com conhecimento, imagine sem ele. Então, não diria a segurança, uma ferramenta que você tem que ter, não te assegura nada, tem que ficar sempre aprimorando buscando sempre outros caminhos, mas acho que é uma coisa básica que qualquer um tem que ter para conseguir sucesso profissionalmente. A educação é importante.

P. Sobre convívio social: algum amigo, ou outro parente, lhe estimulou a estudar, também?

R. Tem um irmão meu, irmão mais velho. Ele também passou por algumas dificuldades para entrar na Faculdade, não dificuldade financeira, em outro contexto da família dele, ele é meu irmão por parte de pai, então, como ele não teve irmão para aconselhar, pelos menos eu tive isso. Agente conversava bastante e ainda conversamos hoje. Estava sempre me estimulando, me mostrando os caminhos que deveria seguir, aquilo que seria viável ou não fazer. Então esse irmão meu foi fundamental nesta parte.

P. Você tem alguém em que você se espelha hoje? Existe alguém pra você se espelhar?

R. Justamente, esse irmão meu. Hoje eu vejo que ele conseguiu tudo que ele queria, que ele sempre se esforçou para alcançar. Hoje eu diria que ele está no auge na carreira dele. Então é um referencial meu, pretendo conseguir tão rápido quanto ele alcançar aquilo que ele desejou.

P. Ele foi um estímulo para você entrar na faculdade?

R. Com certeza, quando eu terminei meu ensino médio, como meus pais estavam com dificuldade financeira, foi inclusive quem pagou meu cursinho pré-vestibular. Então é uma pessoa que apostou muito em mim, ele via que eu tinha potencial para entrar numa faculdade, então, do apoio moral vamos dizer assim, inclusive o apoio financeiro foi importante da parte dele.

P. Trabalho. Como foi seu primeiro emprego?

R. Meu primeiro emprego foi num escritório de advocacia. Tinha acabado de entrar na faculdade, procurando estágio. Na verdade, tudo novo quando a gente entra na faculdade, dá de cara com um mundo totalmente diferente, até porque também entrei na faculdade novo, com 17 anos. Então, meu primeiro emprego foi importante nesse sentido. Não agregou muito conhecimento, justamente por esse choque de mundos que

teve, mas foi importante para quebrar essa barreira de começar a enxergar o que verdadeiramente espera a gente lá fora no mercado.

P. E o seu salário lhe estimula a estudar mais? O que é que você acha?

R. Estimula no sentido de querer melhorar, de nunca está satisfeito. Por mais que a gente ganhe bem, a gente vai está sempre querendo outras coisas, vai estar sempre querendo aumentar a renda. Então, o salário estimula neste sentido, de estudar mais, para encontrar outras oportunidades melhores, para melhorar o salário.

P. E o seu salário lhe estimula em que sentido? Porque você acha que é muito pouco? Que você pode ganhar mais? Ou que realmente não é isso que você merecia?

R. Entendo que estou começando a minha carreira profissional, estou saindo da faculdade este semestre agora. É uma questão de um passo de cada vez . Acho que as coisas vão acontecer gradativamente, nunca é como a gente quer, mas não tenho nenhum sentimento, no sentido de merecer ou deveria estar numa posição melhor agora. A gente está sempre buscando uma posição melhor, mas as coisas estão acontecendo no seu tempo devido

P. Vamos falar de pobreza. É ruim ser pobre? Por quê?

R. É ruim ser pobre no sentido de quando você vê que existem outras pessoas que têm outras condições e que na verdade você não tem as oportunidades. Mas quando existem as oportunidades para você melhorar, você deve focar seus esforços apenas nisso em tentar melhorar e não ficar se preocupando na situação atual.

P. Bom, então aí eu perguntei sobre a pobreza e você me falou que você não vê pobreza como algo ruim. E a pobreza te estimulou a estudar?

R. Acho que sempre qualquer coisa que atrapalha o que você quer alcançar estimula você mudar aquela situação. A pobreza realmente, infelizmente, é uma situação que muita gente passa, então me estimula a estudar sim e até quando sair deste estágio de pobreza, como classificado, mesmo assim vou me estimulando a estudar mais ainda para estar sempre melhorando.

P. Fale sobre o sofrimento de família, dificuldade de dinheiro de seus pais. Se isso te estimula. Como você vê isso?

R. Eu venho de uma família que, pouquinho antes de eu nascer estava num patamar financeiro diferente do de hoje. Então pude ver uma queda. Minha família foi sempre

uma família de classe média até meus dois a três anos de idade, depois devido à separação de meus pais, depois voltaram, então houve algumas dificuldades neste sentido. E isso, na verdade, para mim hoje, até antes de entrar na faculdade não vejo como uma revolta, mas sim de tentar recuperar, me sentir responsável, de tentar voltar a situação de antes que eu nem existia ainda, eu via muitos as conversas, inclusive brigas, me sinto responsável a resgatar a situação de antes .

P. E vizinhos? Teve alguma situação com vizinhos que você não gostaria de ter passado?

R. Com vizinhos não. Morei em vários lugares aqui em Salvador, sempre tive relacionamentos bons com vizinhos, meus pais também. Nunca tivemos problemas neste sentido não.

P. E você acha que tem contribuído com a formação educacional de seus vizinhos ou a auto-estima deles, melhorando a comunidade com seu exemplo?

R. Não propriamente com vizinhos, mas com amigos sim, tenho amigos até mais novos que eu, que passam por situações semelhantes. Então eles, quando tem um exemplo próximo, na verdade, eles vêem que podem conseguir, não só nos campos das idéias, mas tem um exemplo prático perto termina estimulando.

P. E dentro da faculdade, Pedro? Me fale das suas dificuldades do aprendizado no início. O que você pode falar sobre isso?

R. Igual a questão do primeiro emprego. Sai do colégio, três meses depois entrei na faculdade. É um mundo completamente diferente, são conhecimentos adquiridos, pessoas novas, objetivos diferentes. Então, em relação a aprendizado, não tive muita dificuldade. Com relação a você mudar um pouco a sua forma de pensar, com relação a estudo e família muda bastante, mas com relação ao aprendizado eu teria tudo para ter, por ter estudado em colégios, apesar de serem bons, mas colégios públicos sempre são inferiores aos particulares. Sempre tive apoio familiar, de amigos, de colegas, logo que entrei na faculdade, todo mundo se ajudou e, no início tive poucos problemas.

P. Você se sentiu inferior em algum momento? E depois disso, melhorou sua auto-estima? Você se sentiu mais confiante? Mais importante?

R. Me sentir inferior, acredito que não. Eu presenciei muitas situações de outros colegas, que tanto se sentiram inferior, quanto outras que passaram por cima. Comigo, graças a Deus, nunca tive esse problema, mas é algo que acontece bastante.

P. Então, dentro da faculdade, você sentiu que mudou, como você chegou e como você está agora?

R. A gente chega sempre um pouco assustado, achando que não vai conseguir aprender, muitas dúvidas, se o curso é o correto. Mas hoje já estou confiante tanto da escolha que fiz quanto daquilo que posso fazer, daquilo que preciso aprender ainda, então a gente entra inseguro, vários medos, medo de não se sentir realizado e não mostrar para os outros que sou incapaz. E hoje isso já não acontece, depois de quatro anos de academia, a gente consegue adquirir tanto conhecimento quanto confiança, consegue mostrar para a gente e também os outros aquilo que a gente pode fazer realmente.

P. E as pessoas do seu convívio? Depois de você estar na faculdade, elas sentem orgulho de você disso?

R. Com certeza, até porque meus pais nunca cursaram uma faculdade e eu tenho mais cinco irmãos: quatro que moram comigo e os mais velhos também já entraram na faculdade, já se formaram. É um orgulho sim, porque a gente conseguiu manter esse esforço, esse nível, essa importância de você estar agregando mais conhecimentos para poder ter uma vida melhor.

P. Ainda tem gente que critica muito o Prouni, acha que o Governo investe um dinheiro no Prouni que poderia estar criando novas faculdades. Você acha que o Prouni modificou sua vida? Como você se sente no Prouni?

R. Modificou, com certeza. Acho que é muito fácil a gente criticar alguma coisa quando a gente não tem nada para oferecer. Até então, nada tinha sido feito neste sentido e o Prouni tem dado oportunidade, sim, melhores para aqueles que não tiveram chances de uma educação melhor. Mas eu acho que não é a única forma de ser resolvido, tem que ser resolvido desde a educação básica, como também criando uma mudança para você entrar na faculdade, o nível de prova do ENEM, a forma como é colocada, a importância que é dada pelos próprios alunos que ainda não é significativa, mas,

com certeza, modificou minha vida. Me sinto bastante realizado neste sentido, mas acredito que algumas mudanças devem ser feitas para que venha melhorar a cada dia.

P. E aqui dentro da faculdade, tem gente que não gosta de dizer que é aluno do Prouni, porque sente vergonha, porque tem uma referência de pobre. Você sente alguma coisa tipo vergonha, orgulho, o que você sente?

R. Não sinto vergonha não. Também não é questão de orgulho, até brinco com meus colegas que pagam a mensalidade, eles estão gastando dinheiro e estão no mesmo lugar que eu, mas conheço algumas pessoas que têm vergonha de dizer, não falam. Também desde a época do colégio, tiravam a camisa do colégio para não dizer que era aluno da rede pública. Mas não sinto vergonha, constrangimento não, acho que, inclusive, de você entrar na faculdade pelo Prouni é muito mais difícil do que algum processo seletivo da faculdade particular, onde você faz a prova e no outro dia já é aprovado, a faculdade já entra em contato, interesse apenas no financeiro.

P. Se você tivesse que deixar uma declaração final para a sociedade, para o Governo, em relação ao Prouni, o que você diria?

R. Para a sociedade eu tenho a dizer que o Prouni é uma oportunidade para aqueles que não tiveram chances iguais. A desigualdade educacional é muito grande no Brasil é para o Governo que o Prouni é uma ferramenta importantíssima, mas que pode ser melhorada, podem existir outras formas paralelas junto a ele que ofereça novas oportunidades para os alunos, que também exista algo nos sentido da educação básica, no nível fundamental. Acho que seria o foco principal no problema educacional do País.

Comentários em relação às entrevistas

Na introdução desta dissertação, afirmei que, durante um período de tempo, percebi detalhes mais evidentes em alguns alunos, como: maior dedicação, comprometimento com os estudos, humildade, *alegria e otimismo* e que, certo dia, conversando com um destes jovens, descobri que eles, e a maioria dos que evidenciavam essas características, eram bolsistas do Programa Universidade para Todos – Prouni. Nas várias respostas que lemos, não é difícil perceber que as

modificações destes jovens se deram principalmente no que diz respeito à preocupação com seu futuro e o futuro de suas famílias como podemos ver nesta resposta do aluno João: “Eu sou o único da família que está na faculdade. Então eles depositam tudo em mim. Com isso também eu carrego mais uma responsabilidade, porque eles não admitem que eu erre. Então isso está sendo difícil. Mas que, no entanto, hoje, eu me tornei uma referência na família pelo fato de hoje só eu ter conseguido entrar em um nível superior, ou melhor, ter conseguido entrar pelo Prouni. Para eles “João agraciado por Deus”, tem todo esse processo e eu quero sempre honrá-lo, sempre passando de primeira, sempre querendo estudar mais, não dar preocupação em relação aos estudos a meus pais”. Neste momento, o aluno destaca o seu ajuste de capital cultural, com o “novo mundo”, idéia afirmada por Gadamer, quando diz que o homem “simplesmente tem mundo”. “Ter mundo quer dizer comportar-se para com o mundo. Mas comportar-se para com o mundo exige, por sua vez, que nos mantenhamos tão livres, face ao que nos vem ao encontro, a partir do mundo, que consigamos pô-lo ante nós tal como é” (GADAMER, 1998, p.643). É a mudança de atitude ou adaptação à nova realidade destes jovens.

Em relação à Autoconfiança, Minayo, (2004, p.128), explica que ter autoconfiança é “falar com entusiasmo da própria experiência. Reconhecer as próprias potencialidades e limitações. Ter uma idéia positiva sobre si mesmo (racionalização de auto-estima). Acreditar em si mesmo, confiar no seu potencial. Defender suas idéias na família, na escola e entre os pares”. Quando perguntei ao aluno Pedro sobre a modificação dentro da faculdade, com a pergunta de como ele se sentiu e o que mudou. “Como você chegou e como você está agora?” Ele respondeu bastante seguro e com ar de vencedor: “A gente chega sempre um pouco assustado, achando que não vai conseguir aprender, muitas dúvidas, se o curso é o correto. Ma hoje já estou confiante tanto da escolha que fiz quanto daquilo que posso fazer, daquilo que preciso aprender ainda, então a gente entra inseguro, vários medos, medo de não se sentir realizado e não mostrar para os outros que sou incapaz e hoje isso já não acontece. Depois de quatro anos de academia, a gente consegue adquirir tanto conhecimento quanto confiança, consegue mostrar para a gente e também os outros, aquilo que a gente pode fazer realmente”.

Quando perguntei ao aluno João sobre o sofrimento da comunidade que vive, ele respondeu; “então eu já sofri muito com meus vizinhos, tirando lama de dentro de casa. São situações que estão gravadas em minha mente. Eu nunca vou esquecer o que nós passamos lá. O bom é que nós éramos unidos nessas coisas. Nós compartilhávamos as mesmas coisas. As mesmas mazelas. Então, os meus vizinhos hoje têm orgulho de mim em eu ser o que eu sou hoje. Eu dou isso também como um presente pra eles”. Com base nesta resposta, consigo entender a manutenção de uma auto-estima e autoconfiança sempre em alta e a origem do brilho dos olhos destes alunos em sala de aula. Imagino também o percentual de ganho de capital cultural e capital social que é adquirido, diariamente, nas conversas e palestras que o aluno tem em seu meio familiar e comunitário. Não somente para João, mas para os parentes, amigos, vizinhos e todos que o conhecem e vêem nele a possibilidade de uma realidade até então apenas vistas nas novelas de televisão, mas que, saindo agora da tela, pôde viver com o personagem viva, no meio em que eles vivem.

Ainda em relação à autoconfiança, duas respostas me deram uma direção: com o aluno Pedro, foi a clareza em relação às limitações da pobreza e a autoconfiança na possibilidade de transformar o que está feito. Com esta frase é possível perceber o estado de confiança dele: “acho que sempre, qualquer coisa que atrapalha o que você quer alcançar estimula você a mudar aquela situação, a pobreza realmente, infelizmente, é uma situação que muita gente passa. Então me estimula a estudar sim e até quando sair deste estágio de pobreza, como classificado, mesmo assim vou me estimulando a estudar mais ainda para estar sempre melhorando”. E aí é preciso trazer Kant²⁸ e entender o porquê da frase “o homem é a única criatura que precisa ser educada” e que esse “homem não se define como tal no próprio ato de seu nascimento, pois nasce apenas como criatura biológica que carece se transformar, se re-criar como Ser Humano. Esse ser deverá incorporar uma natureza em tudo distinta das outras criaturas”. E essa natureza distinta neste momento só está sendo possível porque

²⁸ KANT, J. *Réflexions sur L'Éducation*. Introduction, traduction et notes par Alexis Philonenko. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1993. In RODRIGUES, Neidson. *Educação: da formação humana à construção do sujeito ético*. Educ. Soc., Campinas, v. 22, n. 76, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302001000300013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 Nov 2006.

alguém teve a idéia de criar um programa educacional chamado Prouni que possibilita esta realidade.

Em relação ao aluno João, quando ele fala do sentimento de inferioridade que sentiu no período antes da faculdade e o depoimento da autoconfiança adquirida dentro da faculdade, ele faz um reflexão segura dizendo: “essa também me lembrou o tempo do cursinho. Porque eram pessoas que vinham de boas escolas e a minha escola era muito fraca e por isso era muito difícil. O professor dizia assim: “isso aqui é assunto de 5ª série”, e eu lá totalmente perdido, a única coisa que eu podia fazer era resgatar, ir para o livro, porque eu não poderia acompanhar os assuntos. Então, na faculdade, existe um pouquinho de humilhação, por que numa instituição privada as pessoas têm o poder aquisitivo maior, isso é fato. E eu me sentia um pouco retraído pelo fato de ser de onde eu sou, não querendo negar minhas raízes, mas o nível do conhecimento era baixo. Mas, pelo fato de o conhecimento ser de graça, hoje eu posso debater um tema, hoje eu posso dar uma palestra, tudo isso graças aos estudos. Mas, no começo, foi difícil, porque eu estava chegando num lugar totalmente diferente do lugar onde eu estava acostumado”. O que entendo dessa resposta é como se ele dissesse: agora eu sou igual aos outros porque aprendo igual a todos, acredito em mim.

Ainda referindo-me à autoconfiança, podemos destacar que quando João fala de si mesmo afirmando que “... o Prouni não me pegou lá porque eu sou coitadinho, o Prouni me pegou porque ele viu que meu nível de conhecimento também está compatível. Então o Prouni é algo justo, ele mudou não só a minha vida, mas também de toda a minha família e de tantos outros colegas que tiveram a oportunidade de hoje está cursando o nível superior..”. Dessa resposta, tiro a idéia de que existe um futuro melhor, diferente do de seus pais, e usando a frase de Dwight D. Eisenhower “A história do homem livre nunca é escrita pela sorte, mas pela escolha – a escolha dele”. (COVEY, 2005, p.41)

Na luz do inestimável Freire (1997, p.102), “na percepção dialética, o futuro com que sonhamos não é inexorável. Temos de fazê-lo, de produzi-lo, ou não virá da forma como mais ou menos queríamos”. Foi o que percebi quando perguntei aos dois alunos sobre o salário que ganhavam. Vejamos primeiro com o aluno Pedro:

P. E o seu salário lhe estimula a estudar mais? O que é que você acha?

R. Estimula no sentido de querer melhorar, nunca estar satisfeito, por mais que a gente ganhe bem, a gente ganhe mais, a gente vai esta sempre querendo outras coisas, vai estar sempre querendo aumentar a renda. Então o salário estimula, neste sentido, de estudar mais, para encontrar outras oportunidades melhores, para melhorar o salário. Neste contexto, o aluno Pedro segue as mesmas diretrizes de Freire, (1997, p.102) “temos de fazê-lo, de produzi-lo, ou não virá da forma como mais ou menos queríamos. É bem verdade que temos de fazê-lo não arbitrariamente, mas com os materiais, com concreto de que dispomos e mais com o projeto, com o *sonho* por que lutamos”.

O aluno João não é muito diferente, apesar do *plus* religioso que trás consigo, estimulando-o naturalmente através da fé a esperança de dias melhores, mas que, por sua vez, poderia levar ao conformismo de muitos crentes. Eu perguntei o mesmo:

P. E o seu salário lhe estimula a estudar mais? O que é que você acha?

“R. O meu salário me estimula muito a estudar mais. Hoje eu faço parte de um projeto da Arquidiocese de Salvador, um projeto chamado projeto EVA. Nós tomamos formação, durante quatro meses, com professores da UFBA de Biologia e Psicologia e nós passamos para instituições credenciadas da Igreja Católica ou então qualquer colégio que nos contrate para passar estas informações que nós tomamos, e hoje eu já sou um professor. Hoje eu já dou aula de Biologia, dou aula sobre educação sexual, sobre fecundação e toda essa questão, e hoje eu já me sinto um professor, eu já sou muito mais do que eu pensava antes. Mesmo assim, meu salário é muito pouco, é um salário mínimo, mas que, no entanto é algo meu. Tem algo meu aí, tem algo do meu talento, o meu estudo me fez ser hoje, talvez eu já possa dizer um professor, porque eu estou sempre dando aula, todos os dias, dou aulas às quartas e sextas-feiras, e dou aula também para estas pessoas novas que estão entrando no projeto. Eles estão entrando no projeto para ser como eu, mas que, no entanto, eu estou passando informações para eles. Então hoje eu me sinto já um professor”. Neste caso, para João, o orgulho vale mais que o salário. A satisfação de se sentir importante, de ser reconhecido pela sociedade, de ser “um” Professor, como ele diz “tem algo meu aí, tem algo do meu talento” que soma contribui na sociedade. Continuando lhe perguntei: P - E o seu salário lhe estimula em que sentido? Porque você acha que é muito pouco? Que

você pode ganhar mais? Ou que realmente não é isso que você merecia? E aí ele me respondeu:

“R - Uma vez eu vi uma reportagem no Fantástico que disse que: ‘nunca o empregado aceita o seu salário e nunca quem emprega admite que paga pouco’ (risos).

Mas que, no entanto é assim, é o estímulo para eu querer estudar mais, porque eu ganho muito pouco mesmo, um salário mínimo, e eu vejo que não dá para nada porque eu gasto muito de passagem, já que eu moro no interior. Então é muito caro eu ter que pagar a passagem de lá pra cá e ainda os ônibus daqui de salvador. Então se torna muito difícil para mim. Eu faço mais é por causa do conhecimento mesmo, tudo em prol do estudo. Eu estou na esperança e na expectativa que o estudo possa me dar muitas coisas. Mas que, no entanto, o salário não é estimulador. Eu só tenho a esperança mesmo do conhecimento. Ganho pouco”. Aqui me permito o uso com todo respeito de uma citação de JOANA D’ARC “Agora sei isto. Todo homem dá sua vida pelo que acredita. Toda mulher dá sua vida pelo que acredita.” Segundo Covey “Às vezes, as pessoas acreditam em pouca coisa ou em nada e então dão sua vida por pouco ou nada..”. (COVEY, 2005, p.306). Quando João luta, ele luta como ele mesmo diz: “eu faço mais é por causa do conhecimento mesmo, tudo em prol do estudo”. E esta é sua luta e ela tem infra no Prouni. Porque foi o programa educacional que acreditou que eles, os pobres estudantes, poderiam também ter ideais e sonhos. Sem o Prouni, neste momento, ele não poderia estar aqui dando se depoimento.

São alunos que conseguem uma boa pontuação no exame do ENEM, que não foram maus alunos, apenas não tiveram uma boa preparação para passar em um concurso de uma universidade pública, por que não tiveram uma boa preparação educacional para isso. Mas que sonharam com uma vida melhor e lutaram para estar onde estão.

Continuando a conversa sobre salário com João, perguntei:

P. Trabalho. Como foi seu primeiro emprego?

R. Meu primeiro emprego foi graças ao estudo, no Bompreço. Eu consegui lá como caixa geral e aí eu fiquei lá só o período de experiência, porque eu consegui entrar na faculdade. Eu estava estudando, fiz uma redação... É bom eu contar esta história. A maneira com que eu entrei no Bompreço foi muito bonita para mim, porque foi bem

diferente dos critérios de hoje. Sempre no caixa do Bompreço tem, dê sua sugestão, e aí eu fiz uma redação naquele caixa, dizendo o que eu achava que a loja poderia mudar, o que os funcionários poderiam fazer o que poderia dar mais atratividade, apesar de não conhecer muito sobre o comércio, e a vontade de fazer parte daquela família Bompreço. Então o gerente leu aquilo e achou interessante e diferente, e me contratou na hora, ele falou assim: “olha, só a sua vontade fez com que você entrasse aqui, eu não quero que você nem faça seleção”, então a maneira que eu entrei tudo isso graças aos estudos e ao dom que Deus me deu de escrever, escrever assim coisas que eu gosto, e que, no entanto, eu investi nisso e a partir desse momento também foi algo que eu disse: é realmente vou para minha área. Essa foi a forma do meu primeiro emprego.

Quando Covey (2005, p.179) fala de confiança, e afirma que “a confiança não é apenas fruto da confiabilidade, é também raiz da motivação. É a mais alta forma de motivação”. Lembro quando João, no mercado, todo motivado pensou e fez “uma redação naquele caixa, dizendo o que eu achava que a loja poderia mudar, o que os funcionários poderiam fazer”. João existia algo a mais, a fé religiosa, para ele, a maneira como ele entrou em tudo isso, foi graças aos estudos e ao dom que Deus lhe deu de escrever.

Quando perguntei ao aluno Pedro da influência dele em relação a sua comunidade, ele também demonstrou uma clara autoconfiança dizendo “Então eles quando tem um exemplo próximo, na verdade eles vêem que podem conseguir, não só nos campos das idéias, mas a tem um exemplo prático perto termina estimulando” ele se autodenomina o exemplo prático.

Como comecei essa dissertação com a pergunta ao aluno João, da influência do Prouni em sua vida, vou usar a resposta do aluno Pedro para comentar um pouco:

P. Ainda tem gente que critica muito o Prouni, acha que o governo investe um dinheiro no Prouni que poderia estar criando novas faculdades. Você acha que o Prouni modificou sua vida? Como você se sente no Prouni?

R. Modificou, com certeza. Acho que é muito fácil a gente criticar alguma coisa quando a gente não tem nada para oferecer. Até então, nada tinha sido feito neste sentido e o Prouni tem dado oportunidade, sim, melhores para aqueles que não tiveram chances de

uma educação melhor, mas eu acho que não é a única forma de ser resolvido, tem que ser resolvido desde a educação básica, como também criando uma mudança para você entrar na faculdade, o nível de prova do ENEM, a forma como é colocada, a importância que ele é dada pelos próprios alunos que ainda não é significativa, mas com certeza, modificou minha vida. Me sinto bastante realizado neste sentido. Mas acredito que algumas mudanças devem ser feitas para que venha melhorar a cada dia.

Aqui, me permito utilizar a clareza das observações de Teixeira, (1997, p.14), no seu livro “Educação não é Privilégio”, quando ele diz que “a ciência experimental, com efeito, nasce quando o homem do conhecimento racional resolve utilizar dos meios e processos do homem da oficina, não para fazer outros aparelhos ou petrechos, mas para elaborar o ‘saber’, para produzir outros conhecimentos”. Apenas a título de lembrança, Anísio Teixeira, usa esta observação quando se referencia a resistência do conceito de especialização, que, na época, era palco de crítica, mas, como diz o aluno Pedro “acho que é muito fácil a gente criticar alguma coisa quando a gente não tem nada para oferecer”. Em referência ao Prouni, o aluno continua, “com certeza modificou minha vida, me sinto bastante realizado neste sentido”. Penso que talvez, mesmo com novas universidades públicas, esse aluno não tivesse base educacional suficiente para passar no vestibular e ter acesso ao ensino superior público, subsidiado pelo estado da mesma forma como é subsidiado no Prouni.

Para fechar esses comentários, como pesquisador, afirmo que, não sou contra ou a favor de tal programa educacional, apenas também vejo como uma solução que vem sendo utilizada na democratização da educação no Brasil. Aqui Teixeira, (1997, p.179), no momento em que discute o capítulo de “Democracia e Educação no Brasil”, e faz um breve histórico da educação na Europa e no Brasil conclui que “a igualdade de oportunidade manifesta-se pelo direito à educação e pela continuidade do sistema de educação, organizado de forma a que todos, em igualdade de condições, possam dele participar e nele continuar até os níveis mais altos”..

Então, como diz o aluno Pedro, “acredito que algumas mudanças devem ser feitas para que venha melhorar a cada dia”.

Anísio Teixeira, que sempre acreditou nessas mudanças, me ajuda a finalizar esse capítulo com a seguinte frase: “**o galgar de um degrau abre sempre acesso ao degrau superior, até a Universidade..**”.²⁹ (TEIXEIRA, 1997, p.179).

²⁹ A opção de negrito na frase não consta na obra do autor. É opção do autor desta dissertação para enfatizar o discurso.

A VISÃO DOS PAIS E PROFESSORES

CAPÍTULO 6

Neste Brasil tão grande e tão desigual, não podemos esquecer que existem jovens bastante diferentes, que vivem de forma muito difícil e que, na maioria das vezes, tiveram muito pouco acesso a uma boa formação educacional básica. Situação geralmente ocasionada por falta de recursos financeiros. Outras questões como humilhação e fome podem fazer parte das suas histórias, que com muita luta e esperança, conseguem concluir o ensino médio, para, em seguida, chegar ao nível superior.

Neste contexto, não posso deixar de citar as palavras do “cientista humano”, também pós-graduado pela escola da vida, que é nosso querido educador Paulo Freire, quando ele conta uma lição que recebeu de um homem pobre com pouca instrução que, segundo ele, “me deu a mais clara e contundente lição que já recebi em minha vida de educador” (FREIRE, 1997, p.25). E é por essa via que gostaria de repetir para meus colegas que criticam o Prouni, exatamente o que o homem disse para o “Doutor”: nas suas palavras:

Dr. Paulo, o senhor sabe onde a gente mora? O senhor já esteve na casa de um de nós?’ Começou a descrever a geografia precária de suas casa. A escassez de cômodos, os limites ínfimos dos espaços em que os corpos se acotovelam. Falou das falhas de recursos para as mais mínimas necessidades. Falou do cansaço do corpo, da impossibilidade dos sonhos com um amanhã melhor. Da proibição que lhe era imposta de ser felizes. De ter esperança”. [...] “Doutor nunca fui à sua casa, mas vou dizer ao senhor como ela é” [...] “... deve ter um quarto só para o senhor e sua mulher. Outro quarto grande, é pras três meninas”. Descreveu toda casa em sua imaginação e que “Não havia nada a acrescentar nem retirar”. Ao final acrescentou: “... o senhor deve ter ainda um quarto onde bota os livros – sua livreria de estudo. Ta se vendo, por sua fala, que o senhor é homem de muitas leituras, de boa memória”. [...] “- Agora, veja, doutor, a diferença. O senhor chega em casa cansado”. [...] “... e encontrar as crianças tomadas banho, vestidinhas, limpas, bem comidas, sem fome, e a outra é encontrar os meninos sujos, com fome, gritando, fazendo barulho. E a gente tendo que acordar às quatro da manhã do outro dia pra começar tudo de novo, na dor, na tristeza, na falta de esperança” (FREIRE, 1997, p.26-27).

Para Paulo Freire, este relato foi como um despertar para uma realidade que até então estava encoberta por seus paradigmas da sociedade que ele conhecia. Realidade essa que cegava-o para a verdadeira realidade do Brasil que ele não conseguia enxergar devido a sua visão míope na época. Alguns anos depois, em Santiago do Chile, ele escreve “não há educação fora das sociedades humanas e não

há homem no vazio” (FREIRE, 1983, p.35). A realidade de um homem é bem diferente da realidade de outros homens e como nós naturalmente somos mais preocupados com nós mesmos por sermos humanos, muitas vezes nos fechamos em nosso próprio mundo e esquecemos de olhar para o nosso lado e enxergar que esse nosso mundo são mundos e não apenas o nosso mundo.

Olhando a resposta da professora do aluno João em relação a ele, quando ela diz: “não sei quem são meus alunos Prouni e quem não são meus alunos Prouni, então não sei como poderia dizer isso, não consigo identificar”. Esta frase leva-me a concluir que, nós educadores, vivemos tão fechados em nosso mundo que, muitas vezes, passamos um semestre inteiro com um aluno e não sabemos sequer se ele tem pai.

Não é a toa que Dewey (1979, p.18), em seu livro “Democracia e Educação”, já trazia, nessa época, a preocupação e associava a prática do convívio do dia a dia, discursando que “o modo por que nosso grupo ou classe faz as coisas tende a determinar quais os objetos que necessitam de atenção e a tratar assim as direções e limites da observação e da memória”

Desta forma, como fiz no capítulo anterior, trago as entrevistas com os pais e professores na íntegra, para podermos entender a seqüência das perguntas e faço alguns comentários após as entrevistas.

A entrevista com a mãe de João

A entrevista foi realizada no dia 05/11/2008, às 10 horas da manhã, com a Sra. Maria, mãe do aluno João. O nome da mãe do aluno também foi trocado. Nesta época, João já estava no 7º semestre do curso de Jornalismo da IES escolhida, com formatura prevista para o 1º semestre de 2009.

P - Como foi a educação básica de seu filho? A senhora se lembra de algum professor exemplo? Eles estimularam alguma vez seu filho estudar? Deram algum incentivo? O que a senhora poderia falar sobre isso?

R - A professora Lúcia, Graça e Nalva foram professores que pegavam no pé de meu filho. Naquele tempo o professor se preocupava em ensinar o aluno. A professora dava

talbada e bolo de palmatória. Na escola quem era a mãe era a professora. Em casa, era eu.

P – Sobre as dificuldades de mantê-lo ele na escola: a senhora se lembra de alguma coisa nesse sentido?

R- Não, porque meu filho estudou em escola pública. O Governo dava livro e caderno, lápis, borracha... Só não dava o fardamento.

P - Na educação de ensino médio (ginásio e segundo grau), a senhora se lembra se algum professor dava estímulo para seu filho, que dizia que era importante entrar para a faculdade? Você se lembra de algum professor marcante?

R - Isso nunca escutei de ninguém. Sempre diziam que pobre não fazia faculdade. Lembro que um médico falou para o meu filho que ele era inteligente e poderia fazer uma faculdade, foi à única pessoa.

P - A senhora acha que a faculdade modificou alguma coisa no comportamento de seu filho? Comente as modificações.

R - Achei que meu filho ficou mais responsável, se preocupou mais com os estudos. Apesar que ele nunca foi um mal aluno, graças a Deus!!!

P - Agora eu vou falar de moradia. A senhora acha que o nível educacional dele pode ajudar a melhorar as condições de moradia que vocês têm atualmente?

R - Com os estudos ele poderá ter mais chances de conseguir um emprego. Mas isso só Deus sabe. O que eu sei é que com os estudos isso pode ajudar bastante.

P - Após a entrada dele na faculdade, seu exemplo vem contribuindo com o maior interesse em relação aos estudos de seus vizinhos bem como o orgulho e a auto-estima maior deles.

R - Com certeza. Pelo seguinte, João é um menino esforçado. Então outro pode também conseguir um lugar melhor, sair um pouco dessa história de trabalhar para ganhar dinheiro. Isso é culpa das mães que também não incentivam os filhos a estudarem.

P - Depois de entrar na faculdade, os irmãos, parentes e amigos, se modificaram. Ficaram mais confiantes? Melhoraram os assuntos das conversas e as atitudes?

R - Conheço pouco os amigos dele. Em relação aos irmãos, ele é a pessoa que ajuda nas lições e nos deveres de casa de sua sobrinha Luana.

P - Se não existisse o Prouni, o seu filho teria a oportunidade de cursar uma faculdade? O que a senhora acha?

R - Começar sim, mas terminar não. Se não fosse o Prouni ele já teria parado, pois não temos dinheiro. Mas, graças ao Prouni, ele está quase se formando.

P - Se a senhora tivesse que deixar uma declaração final para a sociedade, para o Governo, em relação ao Programa Universidade para Todos - PROUNI, o que a senhora diria?

R - Eu diria que Deus abençoe, porque ajudou as pessoas que não tinha condições de pagar. Eu agradeço muito a Deus e segundo a Lula, porque isso é caridade, e ele ajudou muito meu filho com esse programa.

A entrevista com a professora de João

A entrevista foi realizada no dia 06/11/2008, às 19h00min horas, com a professora Madalena, professora do curso de jornalismo, do aluno João. Nesta época, o aluno João já estava no 7º semestre do curso de Jornalismo da IES escolhida.³⁰

P - Você acha que os seus alunos Prouni se diferenciam em interesse, acompanhamento da disciplina e assiduidade em sala de aula, considerando outros alunos? Comente sua resposta.

R - Não sei quem são meus alunos Prouni e quem não são meus alunos Prouni. Então não sei como poderia dizer isso, não consigo identificar. No caso de João, que foi um aluno que você entrevistou, ele é um excelente aluno e se ele é Prouni, ele está aproveitando muito bem a oportunidade que foi dada.

P - Você percebe medo ou insegurança nesses alunos, de fracassar e de perder a bolsa Prouni? Comente sua resposta.

R - Acho que João é muito empenhado e qualquer medo e insegurança que tenha tido na minha disciplina Telejornalismo II, em que ele foi meu aluno, acho que se deve muito ao fato de ele estar experimentando essa mídia em televisão e que no imaginário das pessoas é muito poderosa. Mas ele é muito bom aluno de qualquer jeito, vendo outros

³⁰ Mais uma vez utilizei a letra “P” para a palavra “pergunta” e a letra “R” para a palavra “resposta”.

alunos conversando a respeito do Prouni, acho que sim, que eles tenham receio de ficar abaixo da média e perder o Prouni.

P – Professora, a senhora vê nos alunos Prouni algum processo de modificação do comportamento, hábitos, maneira de vestir e falar, etc. durante o período que estão cursando a faculdade? Digo; desde o ingresso até a saída? Poderia comentar sua resposta, em particular especificando sobre seu horizonte de observação (quando seria o antes, e quando seria o depois do Prouni)?

R – Sim. Há muita modificação nos alunos desde que eles chegam até o meio do curso, que é mais ou menos quando eu pego eles com Tele II e quando eles estão saindo do curso, que já pego eles no sétimo semestre com RT e vou pegar este semestre e vou pegar com eles até o oitavo. Pego os primeiros alunos em oficina de áudio visual em publicidade. Sem dúvida nenhuma, eles se modificam, eles amadurecem, eles se tornam pessoas que se cuidam melhor, se tornam pessoas mais ligadas na coisas importantes que a academia pode oferecer, mais ligados na realidade lá fora e acho que isso notadamente acontece com os alunos com nível de renda mais baixo. Talvez sejam os alunos do Prouni, acho que com a entrada da faculdade um mundo novo se abre para eles, um mundo de possibilidades, um mundo novo mesmo, de gente muito diferente e eles mudam sim, amadurecem, melhoram, crescem.

P - A senhora acha que o convívio dos alunos Prouni com a comunidade da faculdade (colegas, professores, funcionários, etc.) pode influenciar no destino de alguns alunos, em atitudes e aumento da rede de relacionamentos que possam contribuir com a inserção no mercado de trabalho? Por quê? E como?

R - Eu acho que sim, porque o mundo deles aumenta. Eles passam a conhecer muito mais gente, passam a se relacionar com pessoas muito diferentes. O aluno de Prouni tem que, necessariamente, ter um rendimento para está dentro do programa. Eles, muitas vezes, se destacam juntos aos professores e isso é, sem dúvidas nenhuma, uma porta aberta, no mínimo, para o estágio.

P - Comparando os alunos do Prouni e os demais alunos: a senhora consegue perceber diferença no grau de auto-estima e autoconfiança deles? Comente.

R - Eu acho que eles são mais empenhados, se eles são os mais empenhados, eles rendem mais na faculdade, se render mais têm respostas mais positivas, tanto do ponto

de vista acadêmico, quanto dos professores. Logo, eu acho que eles tem uma energia que coloca eles para dentro e a auto – estima deles vai crescendo, a partir do momento que eles vão percebendo que podem sim, que podem ser bons alunos, que podem cursar um universidade, que podem se tornar profissionais. Eu acho que sim, principalmente a respeito da auto-estima ou não, eles são pessoas que querem, isso fica claro.

P – Professora, agora é pessoal. A senhora ensina há quantos anos? Qual sua avaliação em relação aos alunos do Prouni e ao programa Prouni?

R - Eu não ensino há muitos anos, eu sou profissional de televisão há muitos anos. Mas eu não ensino há muitos anos, eu ensino desde 2006, tem três anos que ensino. Tenho 25 anos de jornalismo, esse é um dos motivos que quis ensinar, que acumulei experiência suficiente e que gostaria de passar. Na televisão e na rádio sem saber nada de ambos. Quanto à avaliação dos alunos do Prouni, como disse, acho que eles se empenham mais, eles querem e precisam dar mais certo e a necessidade é uma confirmação. Então, são alunos que considero mais empenhados. E com relação ao programa, eu acho como todo programa tem seu lado positivo e negativo, não o conheço para fazer uma avaliação mais profunda, se ele consegue colocar na universidade uma parcela da população que não teria condição de conseguir isso se não fosse através de um programa especial. Se uma parcela da população reage de maneira positiva e transforma essa oportunidade em coisas positivas para o seu futuro da construção de sua cidadania, da sua família, melhor condição de vida, para ter uma família mais tarde, criar seus filhos de maneira melhor é sempre uma programa sempre positivo.

A entrevista com a mãe de Pedro

Pedro é um rapaz fechado, de poucas palavras, e aparentemente bastante amadurecido para sua idade. Tentei fazer contato várias vezes com seus pais, através dos telefones que Pedro me havia fornecido, em vão. Os números não atendiam hora alguma e o celular ficava em caixa. Por fim, o aluno concluiu o curso e perdi o acesso a ele, impossibilitando a entrevista com seus familiares. A título de informação, conversei em particular com o professor dele sobre o comportamento dele em sala de aula. Ele

me disse que conhece Pedro, há muito tempo em outras disciplinas e que apesar de ter melhorado bastante, ele sempre foi assim, meio fechado, mas que sempre foi um excelente aluno.

A entrevista com o professor de Pedro

A entrevista foi realizada no dia 18/11/2008, às 18h35min horas, com o Professor André, professor de Jogos de empresa II, do aluno Pedro. Nesta época, já estava concluindo o 8º Semestre do curso de Administração de Empresas da IES escolhida.

P - Você acha que os seus alunos Prouni se diferenciam em interesse, acompanhamento da disciplina e assiduidade, em sala de aula, considerando outros alunos? Comente sua resposta?

R - Vejo que alguns alunos se destacam, mas não todos. Alguns são bons alunos, como é o caso de Pedro, que o senhor citou como aluno Prouni. Porém, em alguns vejo lamúrias, dessas como: “pelo amor de Deus me ajude. Não, posso perder a matéria senão perco o crédito”. Existe isso, mas não posso afirmar se é um aluno Prouni ou não.

P - Você percebe medo ou insegurança nesses alunos de fracassar e de perder a bolsa Prouni? Comente sua resposta.

R – Como disse antes, não reconheço aluno Prouni. Durante o semestre, alguns deles, ficam loucos, querem informações e ajudas como provas fáceis ou trabalhos infantis, mas não posso afirmar se são alunos Prouni. No caso de Pedro não percebo isso. É um aluno responsável e, no final do curso, já está com boas notas.

P – Professor, o senhor vê nos alunos Prouni algum processo de modificação do comportamento, hábitos, maneira de vestir e falar, etc. durante o período, que estão cursando a faculdade, digo; desde o ingresso até a saída? Poderia comentar sua resposta, em particular, especificando sobre seu horizonte de observação (quando seria o antes, e quando seria o depois do Prouni).

R – Sim. Observo em alguns alunos que eles se distanciam da sua comunidade, do grupo em que conviviam, no início, e passam a participar de outros grupos. Percebo também na vestimenta. Mesmo mais simples procuram adequar-se ao seu novo status, penteados, maquiagem nas mulheres e cabelo nos homens. É interessante. Percebo

isso desde o início do curso que ensino matéria de introdução até essa matéria que dou no oitavo semestre. Realmente é uma grande modificação.

P - O senhor acha que o convívio dos alunos Prouni com a comunidade da faculdade (colegas, professores, funcionários, etc.) pode influenciar no destino de alguns alunos, em atitudes e aumento da rede de relacionamentos que possam contribuir com a inserção no mercado de trabalho? Por quê? E como?

R – Eu acho que, dentro de uma faculdade, todos percebem um novo mundo. Conhecem o poder de barganha, sabem ou passam a ter noção de como o mercado cobra. Acho também que eles aprendem o suficiente para crescer e seguir em frente. Lamento que alguns desistiram e voltem a sua vidinha de antes, mas vejo claramente que eles se modificam e de forma explícita.

P - Comparando os alunos do Prouni e os demais alunos. O senhor consegue perceber diferença no grau de auto-estima e autoconfiança deles? Comente.

R - Normalmente são alunos responsáveis, pelo menos é o que noto em Pedro. Percebo também segurança no que fala e faz. Se isso está relacionado com a auto-estima, acho que a deles vive em alta.

P – Professor, agora é pessoal. O senhor ensina há quantos anos? Qual sua avaliação em relação aos alunos do Prouni e o programa Prouni?

R - Como todo professor das últimas gerações, ensino há apenas seis anos em Faculdade, apesar de ter sido instrutor no Pólo Petroquímico onde trabalhei parte da minha vida. Para mim, o Prouni é uma boa oportunidade de vida para um jovem que não teve formação para passar em um vestibular em uma universidade federal e poder estar participando em igualdade de conhecimentos de uma formação de nível superior, que poderá lhe dar ou ajudar a ter uma oportunidade de vida melhor.

Comentários das entrevistas com pais e professores.

Iniciando com o comentário da entrevista realizada com os pais, apresento os comentários de Miriam A., Castro M., Pinheiro L. Lima F., Martinelli C., (2000; p.33), no seu livro de Juventude, Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina, a vulnerabilidade social. Para os autores, as dificuldades encontradas pelas famílias pobres, entre outras coisas, estão associadas a fatores como:

a escassa disponibilidade de recursos materiais ou simbólicos a indivíduos ou grupos excluídos da sociedade. O não acesso a determinados insumos (educação, trabalho, saúde, lazer e cultura) diminui as chances de aquisição e aperfeiçoamento desses recursos que são fundamentais para que os jovens aproveitem as oportunidades oferecidas pelo estado, mercado e sociedade para ascender socialmente” (MIRIAM, A.; CASTRO, M.; PINHEIRO, J. , LIMA, F. ,MARTINELE, C., 2000; p.33).

Podemos até arriscar a dizer que a fala dessa mãe é semelhante à grande parte da fala das mães do nosso continente e de muitos países pobres do mundo. Justamente por isso, é que esse depoimento vem contribuir com a minha hipótese de número 2 em que, no processo de modificação dos alunos contemplados pelo Prouni, inicia-se outro processo, de menor mudança, junto aos parentes e amigos que convivem em suas comunidades. Segundo os autores, a educação é um dos principais meios de bem-estar de jovens e adolescentes, além de promover a construção de relações sociais, cria redes de amigos e podem trazer benéficos no futuro.

Logo no início da entrevista com a mãe de João, perguntei sobre a educação básica dele, queria saber se ela se lembrava de algum professor que tivesse estimularam alguma vez seu filho estudar, dando algum incentivo. Ela, na sua simplicidade, lembrou o nome de algumas professoras e com um ar de alegria me disse que para ela naquele tempo o professor se preocupava em ensinar o aluno e que, além disso, assumia o papel de mãe na escola, isto é, lhe substituíva podendo até, como ela usou, “dar taboada”. Quando Dewey, (1979, p.26), em seu livro Democracia e Educação, Introdução à Filosofia da Educação, fala de estímulo na educação, ele ressalta que “há uma recíproca da adaptação do estímulo e da resposta”. Procurando entender na expressão dessa mãe quando ela responde que, para ela o estímulo se traduzia na responsabilidade e seriedade que aquelas professoras se dedicavam a seu filho de forma natural chegando ao ponto de ser uma mãe na escola, podendo até punir com força se fosse necessário. Associando a Dewey, (1979, p.26), em que “todo estímulo dirige a atividade, não somente a suscita ou excita, como também a dirige para um objeto”. Vemos que este outro tipo de estímulo, identificado pela mãe de João e que associo ao estudo de Dewey (1979, p.26), fica claro, quando lhe perguntei sobre as dificuldades de manter o filho na escola e ela disse que não as teve. Para ela, como o

rapaz havia estudado em escola pública e o “governo dava livro e caderno, lápis, borracha... só não dava o fardamento” eliminava sua dificuldade. Confirmando o que Dewey (1979, p.27) visualizou como: “cada ato não só corresponde a seu imediato estímulo, como também prepara os atos que se seguem” a mãe de João, como vemos em outras partes da entrevista, traduz novamente esses atos, agora para o Prouni, que apesar de não dar material escolar e farda dá educação e esperança para seu filho.

Ainda em relação ao estímulo, há uma fase em que a mãe de João, não viu nenhum estímulo, quando perguntei a ela sobre a fase do ensino médio, se ela se lembrava de algum professor que tivesse estimulado seu filho a ingressar em uma faculdade. Ela disse que o que ela ouvia dos professores era sempre que pobre não fazia faculdade. Segundo ela, se lembrava apenas de um médico que falou para o seu filho que, como ele era um rapaz inteligente, poderia fazer uma faculdade. Com um ar de desgosto na lembrança do período, alterou a voz e disse: nesse período “foi a única pessoa”. Voltarei a argumentar sobre esse assunto no capítulo 7.

Sobre a modificação no comportamento de seu filho, após o ingresso na faculdade, perguntei a ela se tinha notado alguma diferença. Ela me respondeu com uma fisionomia de reflexão e com segurança do que falava: me disse, com bastante convicção, “mudou sim”. Ela disse que seu filho ficou mais responsável, se preocupava mais com os estudos. Apesar de ele nunca ter sido um mau aluno. Neste momento, apresento minha hipótese de número 1, de que, “além de contribuir com a formação acadêmica, o Prouni está proporcionando a modificação do comportamento, desenvolvimento do capital social e cultural e criação de redes de relacionamento dos jovens de baixa renda, por meio do convívio com pessoas de outras classes sociais”. Para respaldar essa minha observação, trago a observação de Dewey (1979, p.36).

A direção social dos indivíduos repousa em sua tendência instintiva a imitar ou reproduzir os atos alheios. Estes atos lhes servem de modelo. Tão forte é o instinto imitativo, que as pessoas mais novas se esforçam a aceitar os moldes de ação criados pelas mais velhas e a reproduzi-los em seu próprio modo de proceder. Conforme nossa teoria, chamar-se a isto imitação é dar nome errôneo à co-participação com outras pessoas do uso de coisas conducentes a conseqüências de interesse comum (DEWEY, John, 1979, p.36).

Quando perguntei à professora de João sobre como ela via os alunos Prouni no processo de modificação do comportamento, hábitos, maneira de vestir e falar, etc. durante o período que estão cursando a faculdade, sua resposta foi bastante afirmativa “sim há muita modificação nos alunos, desde que eles chegam até o meio do curso, que é mais ou menos quando eu pego eles com Tele II e quando eles estão saindo do curso, que já pegam eles o sétimo semestre com RT e vou pegar este semestre e vou pegar com eles até o oitavo. Pego os primeiros alunos em Oficina de Áudio Visual em Publicidade. Sem dúvida nenhuma, eles se modificam, eles amadurecem, eles se tornam pessoas que se cuidam melhor, se tornam pessoas mais ligadas nas coisas importantes que a academia pode oferecer, mais ligados na realidade lá fora e acho que isso notadamente acontece com os alunos com nível de renda mais baixo. Talvez sejam os alunos do Prouni, acho que com a entrada da faculdade um mundo novo se abre para eles, um mundo de possibilidades, um mundo novo mesmo de gente muito diferente e eles mudam sim, amadurecem, melhoram, crescem”.

Fiz a mesma pergunta ao professor do aluno Pedro. E ele me respondeu também que sim. Segundo ele, alguns alunos se distanciam da sua comunidade do grupo em que conviviam no início, e passam a participar de outros grupos. Ele disse que percebe também que “na vestimenta, mesmo mais simples procuram adequar-se ao seu novo status, penteados, maquiagem nas mulheres e cabelo nos homens”. E finaliza a resposta dizendo que “realmente é uma grande modificação”.

Com essas respostas, eles confirmam a minha observação e a observação de Dewey (1979, p.36), em que realmente os jovens acompanham, observam e assimilam comportamento ao seu redor. A comunidade da faculdade atua, como chama Dewey, (1979, p.36) como “co-participador”, isto é: ao redor dos alunos, existe, usando um termo de Marx uma “mão invisível” co-participadora da formação deles. Não podemos, no entanto, generalizar todos os alunos e personagens, considerando que cada ser é um indivíduo e traz consigo o seu Capital Cultural, como Dewey (1979, p.37) diz: “o simples fato de serem diferentes os costumes significa serem também diferentes os estímulos que atuam no procedimento”.

Como já relatei no capítulo 4, sobre a influência da família, onde Bourdieu (1998), cita que “cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas,

um certo capital cultural”. Nesta resposta da mãe de João sobre o exemplo de seu filho para a comunidade, parentes e amigos ela responde que, com certeza, o exemplo de seu filho vem contribuindo com o maior interesse em relação aos estudos de seus vizinhos bem como o orgulho e a auto-estima maior deles. Com uma expressão de orgulho e olhos vibrantes, complementa: “João é um menino esforçado. Então outro pode também conseguir um lugar melhor” (...), e desabafa, “isso é culpa das mães que também não incentivam os filhos a estudarem”. Dewey coloca de forma clara a fala dessa mãe, quando ela culpa as pessoas mais próximas, “parentes”, de influenciarem na derrota e na vitória de jovens ainda desprovidos de personalidade própria. Para Dewey “um tom de voz áspero e autoritário pode ser eficaz para mantê-la arredada do fogo, produzindo-se o mesmo desejável efeito material de um empuxão violento” (DEWEY, 1979, p.29). Quando a mãe de João diz “isso é culpa das mães”, por si só ela está dizendo, “João é também resultado meu”. Dewey confirma dizendo que “o meio social em que o indivíduo vive move-se e manifesta sua atividade, esse é o agente constante e eficaz para orientar-lhe a atividade” (DEWEY, 1979, p.30), e eu permito-me lembrar a minha hipótese de número 1, sobre a influência da comunidade da IES na formação destes jovens.

Voltando a entrevista com os professores, perguntei ao professor de Pedro se ele percebia diferença entre o comportamento dos alunos Prouni e seus outros alunos em sala de aula. Ele me respondeu que alguns alunos se destacavam, como era o caso de Pedro que eu havia citado como aluno Prouni. Mas ele não podia afirmar se existiam outros que eram alunos Prouni ou não, pois não sabia quem eram os alunos Prouni. Como obtive resposta semelhante da professora do aluno João, permito-me lembrar da citação de Russel (1982, p.11) “somos todos cidadãos e a educação tem de ter consideração esse facto”. Para ele, “a educação da juventude de toda uma comunidade é uma actividade dispendiosa que, na generalidade, terá de ser custeada pelo estado” (RUSSEL, 1982, p.12). Com estas duas citações de Russel, me incluo como professor na vergonha de não reconhecer os cidadãos Prouni de nossa comunidade, simplesmente porque nos professores deveríamos nos esforçar mais para poder conhecer melhor nossos alunos. Ao mesmo tempo, me alegro em poder, com este trabalho, acompanhar alguns resultados do custeio do estado citado pelo autor.

NEM TUDO É UM MAR DE ROSAS, O PERIGO MORA AO LADO

CAPÍTULO 7

Sinto-me na obrigação, como profissional da educação, de manifestar a minha preocupação a respeito dos velhos problemas existentes. Apesar de não ser objeto direto desta pesquisa, como pesquisador tenho, também, a obrigação de mostrar outros problemas na educação que envolve diretamente esse programa. Para começar, mais uma vez faço uso do discurso de Marshall (1967), no qual ele diz que “o objetivo da educação durante a infância é moldar o adulto em perspectiva” (MARSHALL, 1967, p.73). O que mais me preocupa, entre outras coisas, é o tamanho do problema que estaremos enfrentando em um futuro bem próximo, devido ao que se segue.

o obstáculo ao crescimento do ensino superior no Brasil está no ensino médio. “Aumentou a evasão e a repetência, estagnou o número de concluintes do ensino médio há alguns anos. Os meninos de 15 anos estão abandonando a escola porque não há uma política que olhe para eles”, diz.

O censo mostra que 1,8 milhões de alunos se formaram no ensino médio em 2005 - menos de 1 milhão do que o total esperado. O ensino superior já oferece 2,4 milhões de vagas, uma situação que era inversa há cinco anos. Em 2000, havia mais concluintes do ensino médio do que vagas no ensino superior. “O estoque represado de concluintes de outros anos está acabando”, diz o diretor de Avaliação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep/MEC), Dilvo Ristoff.

Além disso, há 42,6% de vagas ociosas nas universidades e faculdades - mais de 1 milhão do total. Segundo o especialista da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Abílio Baeta Neves, as instituições oferecem vagas a mais do que na verdade prevêem para manter sua rentabilidade ou mesmo para inibir a concorrência. “Se não fosse assim, a crise seria ainda maior”, diz.

De qualquer modo, cai a cada ano a relação candidato-vaga nos vestibulares. Pelo censo 2005, cada vaga é disputada por 2,1 candidatos; em 1994, era por 3,9. Nas universidades públicas, a concorrência ainda é mais difícil, com 7,4 candidatos por vaga.³¹

A obstinação do Plano Nacional de Educação (PNE) em atingir a meta de 30% da população jovem de 18 a 24 anos³², com a formação de nível universitário, pode estar comprometida devido ao mau desempenho do ensino fundamental e médio.

Desde a década de 60 que Anísio Teixeira chama a atenção para problemas no ensino primário e que, agora, esta se alastrando para o ensino médio. Naquela época, Teixeira, (1977, p.35) argumentava que a escola primária estava perdendo a função “de ser a escola comum da nação, a escola de base, em que se educa a grande maioria

³¹Paraguassú, Lisandra.

http://www.unicamp.br/unicamp/canal_aberto/clipping/dezembro2006/clipping061213_estado.html

Acesso em 10/04/2008

dos seus filhos para se constituir simples escola de acesso, preparatória ao ginásio”, hoje com o “bolsa família”, “merenda escolar” entre outros, as crianças estão cursando a escola. Não a escola primária sonhada por Anísio Teixeira, mas pelo menos não estão abandonando-as. O problema agora está no ensino médio. O governo precisa descobrir a forma de manter os jovens nas escolas para poder criar o contingente de jovens necessário, para acessar o nível superior, já que estes jovens estão abandonando as escolas.

Para Estevão (2004, p.43), “na verdade, segundo Bourdieu (1998), a cultura escolar como cultura dominante dissimulada e naturalizada trata formalmente de modo igual, em direitos e deveres, quem é diferente, exigindo dos alunos qualidades que são desigualmente distribuídas”. Minha hipótese é que, desta forma, muitos alunos que estão cursando o ensino médio, por possuírem formação básica e familiar distinta, ficam impossibilitados de acompanhar o curso, fazendo com que fiquem desestimulados, levando-os ao abandono da escola. É preciso agir de forma rápida para diminuir essas deficiências Estevão usa o seguinte argumento:

a relação de comunicação pedagógica, que é para P. Bourdieu “uma relação formalmente igualitária, que reproduz e legitima, no entanto, desigualdades anteriores” (Nogueira & Nogueira, 20220: 29), torna-se um campo de análise imprescindível para se captar a “violência simbólica” que se exerce sobre os alunos culturalmente não identificados com as definições da cultura dominante, designadamente a que tem a ver com a definição de justiça escolar oficial (ESTEVÃO, 2004, p.44).

O problema, sobretudo, talvez não esteja na política pública adotada e sim na forma com foi implementada. Muitas vezes sem o acompanhamento necessário é difícil corrigir as arestas que normalmente se faz em presente em qualquer plano ou ação. Com isso, quero dizer que a minha hipótese é que o governo não está omissa à realidade escolar no ensino médio e sim que, talvez, esteja usando as ferramentas de forma errada, apenas faltando um melhor acompanhamento dos resultados.

Com objetivo de analisar a ação pública na educação, Estevão, (2004, p.47), argumenta este assunto da seguinte forma:

na ação pública, onde se insere a educação, podemos distinguir várias “visões do mundo” ou vários “referenciais de políticas públicas”, que se instituem, num

³² <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,AA1385704-5598,00.html> Acesso em 20-07-2008

primeiro nível, como “um conjunto de crenças, de valores e de técnicas que estruturam a cena das políticas públicas” e, num segundo nível, “como um conjunto de receitas testadas que se crêem permitir responder aos problemas até aqui não resolvidos” (Jobert, 1992, p.221) (ESTEVÃO, 2004, p.47).

Se olharmos a história iremos ver que as “políticas sociais, como processo social, elas se gestaram na confluência dos movimentos de ascensão do capitalismo com a revolução Industrial, das lutas de classe e do desenvolvimento da intervenção estatal”. (BEHRING, ELAINE ROSSETI, 2006, p.47), é claro que aqui não estamos falando de política educacional, mas se faz necessário entendermos as origens dos atos para podermos compreender os fatos atuais. Por outro lado, se analisarmos os ganhos indiretos adquiridos no passado, e o crescimento das políticas sociais, principalmente nas relações trabalhistas, poderemos chegar a algum caminho. Neste sentido, como a afirma Machado, (2003, p.19), o conhecimento é uma verdade.

o conhecimento é um processo de transformação, de trans-figuração, de metamorfose da realidade. Acaba sempre por ser uma interpretação da realidade, um processo que a submete a uma tradução – como realmente se faz de uma linguagem a outra; no caso vertente, da linguagem do ser à linguagem do conhecer (MACHADO, 2003, p.19).

O que quero dizer com isso é que se faz necessário conhecer ou interpretar a realidade atual das escolas de ensino médio para poder aplicar o remédio correto para o mau que está se manifestando nela. Não adianta inserir uma série de políticas sociais paliativas como: estender merenda escolar ao ensino médio, a fim de manter os alunos em sala de aula, entre outras. É preciso, antes de mais nada, fazer uma análise pedagógica para entender o novo perfil dos alunos e, com isso, aplicar uma política social que venha a diminuir o problema de evasão escolar.

Acho que essa preocupação não é nenhuma novidade, pois Anísio Teixeira, desde a década de 70, já discursava claramente que era preciso haver uma mudança na pedagogia do ensino, para poder se ajustar a cada nova realidade. Podemos ver isso claramente nestas palavras:

com os progressos da observação e da experimentação científicas, passamos a uma nova teoria do conhecimento. (...) Não só a teoria do conhecimento, mas também o seu objeto foram modificados, pois, o material e não apenas o mental, o mutável e não apenas o imutável, o temporal e não apenas o eterno

passaram a ser os novos verdadeiros objetos do conhecimento humano (TEIXEIRA, 1997, p.32).

Outra preocupação, que também acredito não ser nenhuma novidade, e que Teixeira (1997, p.33) chamou de “A arte de educar” e que associou, “como a medicina, a educação é uma arte. E arte é algo de muito mais complexo e de muito mais completo que uma ciência”. E que também, segundo ele, a “arte consiste em modos de fazer. Modos de fazer implicam no conhecimento da matéria com que se está lidando, em métodos de operar com ela e em um estilo pessoal”. Talvez seja um dos pontos importantes que vem contribuindo com a repetência e evasão escolar, são os nossos professores do ensino médio, que precisam estar melhores preparados na “arte de educar”, para poderem convencer seus alunos a aprender.

Desta forma, é que trabalho minha hipótese de número 4, em que, considerando que o ensino é válvula propulsora de mudança da sociedade. O Prouni contribui para acelerar essa transformação ou o dinheiro utilizado no Prouni poderia ser destinado para outro programa educacional mais urgente? Não posso afirmar que sim ou que não. Apenas vejo que existem problemas graves na educação do país e que, apesar do Programa Universidade para Todos – Prouni ter produzido impactos benéficos, diretos e indiretos na vida dos jovens que foram analisados nesta pesquisa, impactos, que como vimos se estenderam as suas famílias e comunidade, não é possível afirmar que após a faculdade, a vida deles vá melhorar e se isto é uma realidade para todos os bolsista Prouni. Usando o pensamento de Dewey (1979, p.31), “a diferença entre a adaptação a um estímulo físico e um ato *mental* corresponde a que o último importa na resposta a uma coisa em sua significação”. Para mim, neste momento, um depende do outro, pois é desleal a concorrência entre os alunos das escolas públicas e escolas particulares para ingressar nas universidades públicas, por isso atualmente é preciso existir o Prouni. Em contrapartida, se continuar aumentando o abandono do ensino médio, em breve tempo, não haverá sequer aluno para entrar nas universidades. Conclusão: os dois precisam de atenção, pois ambos têm grandes significações no futuro da vida dos nossos jovens.

Como diz John Dewey “**os atos dos outros são sempre influenciados se escolhermos os estímulos que lhes provoquem ‘respostas’**” (DEWEY, 1979, p.42).³³ O que precisamos agora é encontrar esses estímulos.

³³ A opção de negrito na frase não consta na obra do autor. É opção do autor desta dissertação para enfatizar o discurso.

CONCLUSÃO

CAPÍTULO 8

Para chegar as minhas conclusões, me baseei nas seguintes premissas: a primeira de Karl Mannheim, em que o trabalho de interpretação está ligado a experiências conjuntivas. Para ele, “a veracidade dos fatos narrados ou mesmo a índole do informante não constituem objeto de preocupação da análise documentária: a tarefa do pesquisador consiste no questionamento daquilo que está documentado nas descrições dos entrevistados sobre suas atitudes, seus hábitos e padrões de orientação (Bohnsack, 2002)” (Sociologias, Porto Alegre, ano 7, n. 13, jan/jun 2005, p. 270). Para Mannheim, “nem tudo que capturamos significa a verdade se não a observamos” (*ibidem*, p.270).

Em relação à segunda premissa, me apoio em Estevão, onde “as desigualdades sociais e econômicas só serão justas se delas resultarem os maiores benefícios possíveis para os mais desprotegidos da sociedade (Rawls, 1993:239)” (ESTEVÃO, 2004, p.18).

Além dessas premissas, é bom lembrar que esta pesquisa tem apenas o objetivo de mostrar que o Programa Universidade para Todos – Prouni, proporciona para os jovens de baixa renda, além da educação acadêmica, a elevação da auto-estima e autoconfiança desses jovens, em comportamento, dando uma clara demonstração de desenvolvimento de amor próprio e confiança em um futuro melhor, além do ganho de capital social e cultural e a criação de novas redes de relacionamentos. Com isso, quero esclarecer que, em nenhum momento, tive a intenção de defender ou criticar o Prouni e sim de trazer fatos e argumentos que demonstrassem os ganhos que este tipo de programa traz na vida de jovens pobres.

Na introdução, relatei que a idéia de fazer esta pesquisa partiu do que escutava, em 2006, época em que muitos colegas professores criticavam o programa, argumentando que o recurso que era destinado para o Prouni deveria ser utilizado na construção de novas faculdades públicas. Acho que, em qualquer assunto, devemos avaliar as coisas antes de sair criticando, pois como disse o aluno Pedro “é muito fácil a gente criticar alguma coisa quando a gente não tem nada para oferecer, até então nada

tinha sido feito neste sentido e o Prouni tem dado oportunidade sim melhores para aqueles que não tiveram chances de uma educação melhor” (fala do aluno Pedro na entrevista).

Por esse motivo, resolvi analisar os impactos do programa, para aí então poder expor as minhas conclusões que, neste caso se restringem apenas ao âmbito da pesquisa com a comunidade pesquisada e o Prouni.

Gostaria de repetir nesta Conclusão, como já expliquei no capítulo 3, o motivo que me levou a não perguntar aos alunos, se algum dos personagens que citei no segundo parágrafo da página 32 as influenciou. Não fiz estas perguntas, porque, como afirma Bourdieu (1998), se referenciando a influência que exerce as famílias para o aumento de Capital cultural de seus filhos, que segundo ele, *essa transmissão ocorre mais por vias indiretas do que diretas*. É fato que o mesmo ocorre com os alunos dentro das faculdades. Quero dizer: o processo de transmissão do Capital Cultural, subsidiado por comportamento e ações, é tão sutil, que se você perguntar a um desses alunos se algum desses personagens (professores, colegas, coordenadores, diretores e o próprio ambiente da faculdade), lhes influenciou em mudanças de comportamento em sua vida, é bem capaz de não saberem responder “*quem, o que e como*”, por se tratarem de um resultado do produto do meio e estarem no meio da construção. Mas se, daqui a alguns anos, lhes fizer a mesma pergunta, se lembrarão de vários desses personagens. Por esse motivo, afim de não desviar o foco da minha investigação, evitei nas perguntas utilizadas conteúdo nesse sentido.

Na primeira hipótese, afirmei que “além de contribuir com a formação acadêmica, o Prouni está proporcionando a modificação do comportamento, desenvolvimento do capital social e cultural e criação de redes de relacionamento dos jovens de baixa renda por meio do convívio com pessoas de outras classes sociais”. Para Bourdieu (1998), “cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo, capital cultural” e para Montaigne (1988), “para exercitar a inteligência, tudo o que se oferece aos nossos olhos serve suficientemente de livro”. Juntando as explicações de Bourdieu e Montaigne, concluo que tudo que se oferece aos olhos destes jovens dentro da IES, que é transmitido por vias indiretas, gera um ganho de capital cultural absolvido por eles. Surge também, nesse período, o capital social que D’Araujo, (2003, p.9),

conceitua como “a capacidade de uma sociedade de estabelecer laços de confiança interpessoal e redes de cooperação com vistas à produção de bens coletivos”.

Em respeito à mudança de comportamento dos alunos, é possível identificar que estas ocorrem, através das seguintes respostas:

Resposta do aluno João: “com certeza, mudei. Mudei porque eu impus a minha forma de conhecimento aqui. Eu quero sempre os meus trabalhos bons, sempre os melhores, estar sempre chegando mais cedo para sempre assistir toda a aula do professor”.

Resposta do aluno Pedro: “a gente chega sempre um pouco assustado, achando que não vai conseguir aprender. Muitas dúvidas, se o curso é o correto. Mas hoje já estou confiante tanto da escolha que fiz quanto daquilo que posso fazer, daquilo que preciso aprender ainda”.

Resposta da mãe do aluno João: “achei que meu filho ficou mais responsável, se preocupou mais com os estudos”.

Resposta da professora do aluno João: “sim há muita modificação nos alunos desde que eles chegam até o meio do curso, que é mais ou menos quando eu pego eles com Tele II e quando eles estão saindo do curso, que já pegam eles o sétimo semestre com RT e vou pegar este semestre e vou pegar com eles até o oitavo. Pego os primeiros alunos em oficina de Áudio Visual em Publicidade. Sem dúvida nenhuma eles se modificam, eles amadurecem, eles se tornam pessoas que se cuidam melhor, se tornam pessoas mais ligadas nas coisas importantes que a academia pode oferecer, mais ligados na realidade lá fora e acho que isso notadamente acontece com os alunos com nível de renda mais baixo. Talvez sejam os alunos do Prouni, acho que com a entrada da faculdade um mundo novo se abre para eles, um mundo de possibilidades, um mundo novo mesmo de gente muito diferente e eles mudam sim, amadurecem, melhoram, crescem”.

Resposta do professor do aluno Pedro: “sim. Observo em alguns alunos que eles se distanciam da sua comunidade do grupo em que conviviam no início, e passam a participar de outros grupos. Percebo também na vestimenta, mesmo mais simples procuram adequar-se ao seu novo status, penteados, maquiagem nas mulheres e cabelo nos homens. É interessante. Percebo isso desde o início do curso que ensino a

matéria de introdução até a matéria que dou no oitavo semestre. Realmente é uma grande modificação”.

Com essas respostas, podemos confirmar que, além da mudança de comportamento, ocorre o ganho de capital cultural. No processo de observação das pessoas que convivem com os jovens dentro da IES, ocorre e ganho de capital social que começa a se evidenciar desde o início do curso, pela relação de amizade e afeto com colegas, funcionários e professores. Através do depoimento do aluno Pedro onde ele diz que “logo que entrei na faculdade, todo mundo se ajudou e, no início, tive poucos problemas”. Vê-se esse ganho.

Minha segunda hipótese foi que no processo de modificação dos alunos contemplados pelo Prouni, inicia-se outro processo, de menor mudança, junto aos parentes e amigos que convivem em suas comunidades. Novamente apresento, através das respostas coletadas nas entrevistas, os argumentos para defender essa hipótese.

Desta forma, utilizo as respostas da pergunta sobre a contribuição deles, para a formação educacional de seus vizinhos, ou a auto-estima deles.

Resposta do aluno Pedro: “não propriamente com vizinhos, mas com amigos sim, tenho amigos até mais novos que eu, que passa por situações semelhantes. Então eles, quando têm um exemplo próximo, na verdade eles vêem que podem conseguir, não só nos campos das idéias, mas tem um exemplo prático perto. Termina estimulando”.

Resposta do aluno João: “creio que sim, direta e indiretamente. Indiretamente porque o fato de sair tão cedo e chegar tão tarde; No fim de semana eles dizem assim: ‘poxa, também tenho que procurar alguma coisa para fazer, também tenho que procurar algum estudo”’.

Resposta da mãe do aluno João: “com certeza. Pelo seguinte, João é um menino esforçado, então outro pode também conseguir um lugar melhor, sair um pouco dessa história de trabalhar para ganhar dinheiro. Isso é culpa das mães que também não incentivam os filhos a estudarem”.

Nesta hipótese de número 2, é algo menor que acontece, o início de um processo de menor mudança. Começando com o aluno Pedro, ele acha que está

influenciando seus amigos e seus irmãos menores. Para o aluno João, ele acha que influência os vizinhos, a família e toda a comunidade da igreja. Para a mãe de João, que já está contaminada pelo entusiasmo do filho, seu filho influência os vizinhos. Enfim, pode realmente estar ocorrendo a influência dos jovens em suas comunidades. Os depoimentos deles demonstram essa contribuição. Mesmo que pequena, pode estar ocorrendo o processo de elevação da auto-estima e autoconfiança das pessoas que convivem com estes jovens em suas comunidades. Como não entrevistei a comunidade, não posso afirmar a veracidade destas informações, apenas insinuar. Desta forma, essa hipótese não pode ser totalmente provada.

Minha hipótese de número 3 é que o Prouni, como um programa social de incentivo à educação de nível superior para jovens de baixa renda, influência direta e indiretamente nos planos destes jovens universitários e fornece motivação para a transformação de suas vidas. Falando da situação de pobreza para eles, com o objetivo de ver se o estudo lhes dava a esperança de uma vida melhor, perguntei se essa situação de pobreza os estimulava a estudar.

Resposta do aluno João: “a pobreza de aquisição me estimulou a buscar o estudo em relação a ajudar, como o senhor falou, a ajudar em minha habitação na casa e também a melhorar para comprar as minhas coisas que eu gosto, as coisas que eu gosto de fazer. Hoje eu posso comprar o que eu quero com o pouco que eu ganho. Então, a pobreza, sim, ela me estimulou a estudar. Porque você sempre tem que ter uma referência e a minha referência foi essa de você estudar, dizer assim: ‘ por causa de tal coisa, eu vou ser o que eu quero ser.’ O que o estudo pode me proporcionar”.

Resposta do aluno Pedro: “acho que sempre, qualquer coisa que atrapalha o que você quer alcançar estimula você mudar aquela situação. A pobreza realmente, infelizmente, é uma situação que muita gente passa. Então me estimula a estudar, sim, e até quando sair deste estágio de pobreza, como classificado, mesmo assim vou me estimulando a estudar mais ainda para estar sempre melhorando”.

Resposta da mãe do aluno João: “com os estudos ele poderá ter mais chances de conseguir um emprego. Mas isso só Deus sabe. O que eu sei é que com os estudos isso pode ajudar bastante”.

Para mim, que fiz as entrevistas, a resposta para essa hipótese é que o estudo para eles é o passaporte de saída da pobreza.

Finalmente, a minha hipótese de número 4, considerando que o ensino é válvula propulsora de mudança da sociedade. O Prouni contribui para acelerar essa transformação ou o dinheiro utilizado no Prouni poderia ser destinado para outro programa educacional mais urgente? Essa pergunta já foi respondida no capítulo 7 onde cheguei à conclusão através dos fatos, de que a educação do modo geral precisa de atenção. Um depende do outro, sendo desleal a concorrência entre os alunos das escolas públicas e escolas particulares para ingressar nas universidades públicas, é preciso existir o Prouni. Em contrapartida, se continuar aumentando o abandono do ensino médio, que é o problema imediato, em breve, não haverá se quer, aluno para entrar nas universidades.

Após todo este trabalho, gostaria de finalizar com dois pensamentos: o primeiro sobre a vida em grupo, em que **“a vida de um grupo humano dentro da perspectiva interrelacionista representa um vasto processo de formação, sustentação e transformação de objetos, na medida em que os sentidos se modificam, modificando o mundo das pessoas”** (HAGUETTE, 2005, p.37). O segundo sobre a cidadania, mostrando que **“o direito a educação é um direito social de cidadania genuíno”** (MARSHALL, 1967, p.73), independente do programa educacional utilizado.

BLOGRAFIA

ASSIS, S.; DESLANDES, S.; MINAYO, M. C.; SANTOS, N. **Avaliação por Triangulação de Métodos**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

BAUER, M. W. & GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som**. Um manual pratico. Petrópolis: Vozes, 2003.

BEHRING, Elaine Rossetti, BOSCHETTI, Ivone. **Política Social: fundamentos e história**. São Paulo: Cortez, 2006.

BHABHA, Homi K. **A Questão do “outro”. O local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOBBIO, Norberto. **O Futuro da Democracia**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

BOSI, Ecléa. **Sugestões para um jovem pesquisador: O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê, 2003.

BOOTH, W.C.; COLOMB, g.; WILLIAMS, J. Pesquisa, Pesquisadores e leitores. **A Arte da Pesquisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BOURDIEU, P, CHAMBOREDON, JC, PASSERON, **Ofício de Sociólogo**, Petrópolis: Vozes, 2002.

BOURDIEU, Pierre, **A Economia das Trocas Simbólicas**, São Paulo: Perspectiva, 1987.

BOURDIEU, Pierre, **O Poder Simbólico**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, J.C. **Razões Práticas: Sobre a teoria da ação**, Campinas: Papyrus, 1996a.

CASTRO, M. G., ABRAMOVAY. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na America latina: Desafios para políticas publicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

CASTRO, M. G., ABRAMOVAY, M., SILVA, B. **Juventudes e sexualidades**. Brasília: UNESCO, 2004.

CASTRO, M. G., ABRAMOVAY, M., LEON, A. **Juventude: tempo presente ou tempo futuro? Dilemas em propostas de políticas de juventudes**. São Paulo: GIFE, 2007.

CASTEL, Robert, **As metamorfoses da questão social**. Petrópolis: Vozes, 1998.

COHEN, Ernesto, Rolando Franco, **Avaliação de Projetos Sociais**, Petrópolis: Vozes, 2004.

COLOMBO, Enzo. **Por uma sociologia reflexiva: Busca de qualidade, Ação e cultura.** Petrópolis: Vozes, 2005.

COVEY, Stephen. **O 8º hábito: Da deficiência à grandeza.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

D'ARAUJO, Maria Cecília. **Capital Social.** Rio de Janeiro: Jorge Zaher, 2003.

DEWEY, John, **Democracia e Educação,** Introdução à Filosofia da Educação, São Paulo: Nacional, 1979.

ECO, Umberto. **Como fazer uma tese.** São Paulo: Perspectiva, 2003.

ESTEVÃO, Jose Carlos. **Educação, Justiça e Democracia: Um estudo Sobre as Geografias da Justiça em Educação.** São Paulo: Cortez, 2004.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de Consumo e Pós-Modernismo.** São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança.** Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Educação como pratica da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREITAS, M., PAPA, F., organização, **Políticas públicas,** Juventudes em pauta, São Paulo: Cortez, 2003.

GADAMER, H. G. **Verdade e método.** Trad. de Flávio Paulo Meurer. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

GIL, Antonio Carlos, **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social,** 5 ed. - São Paulo: Atlas, 1999.

GOHN, Maria da Glória, **Conselhos Gestores e Participação Sóciopolítica,** 2 ed. - São Paulo: Cortez, 2003.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota, **Metodologias Qualitativas na Sociologia,** 10 ed. – Petrópolis: Vozes, 2005.

HAROCHE, Claudine, **Da Palavra ao Gesto,** Campinas: Papirus, 1998.

HOZ, Víctor García. **Pedagogia visível: educação invisível**. São Paulo :Nerman, 1988.

IOSCHPE, Gustavo. **A ignorância custa o mundo: O valor da educação no desenvolvimento do Brasil**. São Paulo: Francis, 2004.

JODELET, Denise. **As representações sociais: Um domínio em expansão**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

KANT, J. **Réflexions sur L'Éducation**. Introduction, traduction et notes par Alexis Philonenko. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1993. In RODRIGUES, Neidson. **Educação: da formação humana à construção do sujeito ético**. Educ. Soc., Campinas, v. 22, n. 76, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302001000300013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 Nov 2006.

LAKATOS, E.M. & MARCONI, M. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2003.

MARSHALL, T. H. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1967.

MELUCCI, A. **Por uma sociologia reflexiva: Busca de qualidade, Ação e cultura**. Petrópolis: Vozes, 2005.

MESZAROS, Istvan. **O poder da ideologia: Da modernidade a crise da pós modernidade**. São Paulo: Boi tempo, 2004.

MONTAIGNE, M. E. **Ensaio**. 3 vols. Trad. Sérgio Millet, 2ª ed. São Paulo: Editora da UnB/Hucitec, 1988.

NÉRICI, Imídio. **Introdução à Didática Geral**, São Paulo: Científica, 1985.

NÉRICI, Imídio. **Educação e Ensino**, São Paulo: Ibrasa, 1985.

NÉRICI, Imídio. **O Homem e a Educação**, São Paulo: Atlas, 1985.

OLIVEIRA, Marco Antonio. **O novo mercado de trabalho: Guia para Iniciantes e Sobreviventes**. Rio de Janeiro: SENAC, 2000.

PROGRAMA PROUNI. Disponível em <<http://PROUNI-inscricao.mec.gov.br/PROUNI/Oprograma.shtm>>

POLANYI, Karl. **A grande transformação, as origens de nossa época**. Rio de Janeiro; Campos, 2000.

RUSSEL, Bertrand. **Educação e Sociedade**. Lisboa: Livros Horizonte, 1982.

SAVATER, Fernando. **Haz lo que quieras: Éticas para amador.** Barcelona: Ariel, 2003.

SANTOS, Wanderley G. Dos. **Cidadania e justiça. A política na ordem brasileira.** Rio de Janeiro: Campos, 1979.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação e o mundo moderno.** São Paulo: Nacional, 1977.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é Privilégio.** São Paulo: Nacional, 1977.

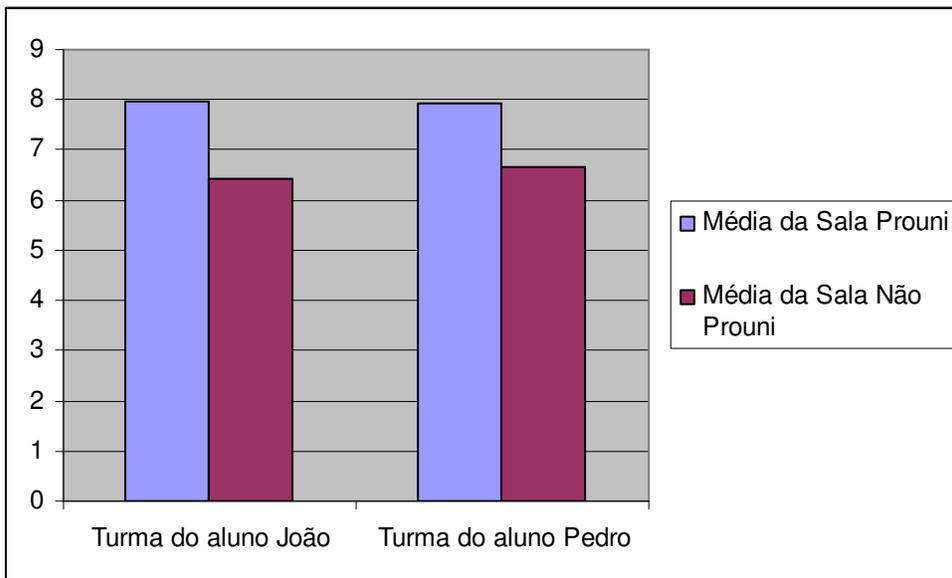
TODOROV, Tzevan. **A Vida em Comum.** São Paulo: Papiros, 1998.

VALLADARES, Licia. **Cem anos pensando a pobreza (urbana) no Brasil.** Rio de Janeiro: Fundo Editora, 1991.

Anexo 01

Estes dados foram fornecidos pela Coordenação do Prouni da IES pesquisada, com base no sistema de controle acadêmico da Faculdade. Os originais estão guardados com o Autor, podendo ser validados a qualquer momento.

Média da Sala ³⁴		
	Prouni	Não Prouni
Turma do aluno João	7,96	6,41
Turma do aluno Pedro	7,93	6,68

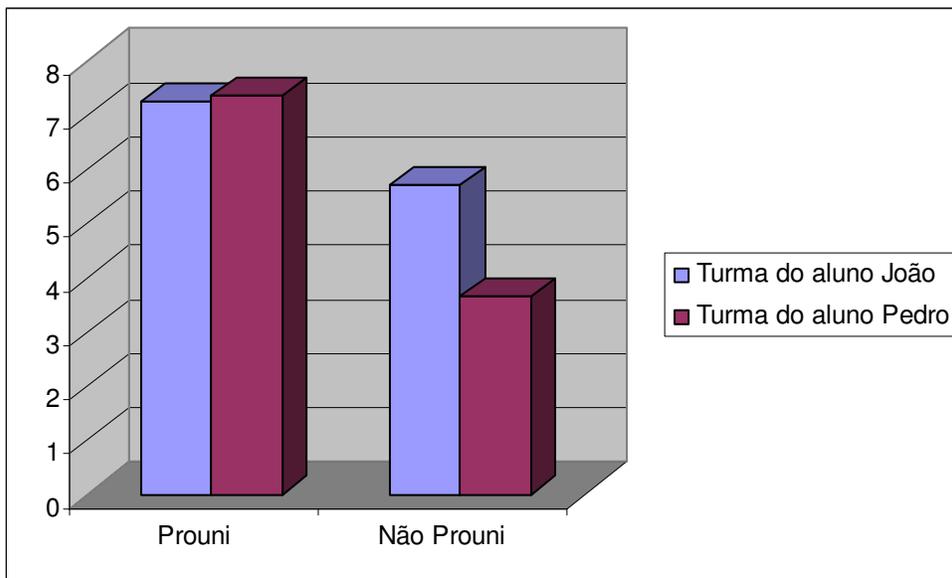


³⁴ A Média apresentada aqui refere-se à média geral do curso, com base no histórico escolar dos alunos, até o último semestre concluído.

Anexo 02

Estes dados foram fornecidos pela Coordenação do Prouni da IES pesquisada, com base no sistema de controle acadêmico da Faculdade. Os originais estão guardados com o Autor, podendo ser validados a qualquer momento.

Menor Nota Alunos da Sala ³⁵		
	Prouni	Não Prouni
Turma do aluno João	7,25	5,7
Turma do aluno Pedro	7,35	3,64

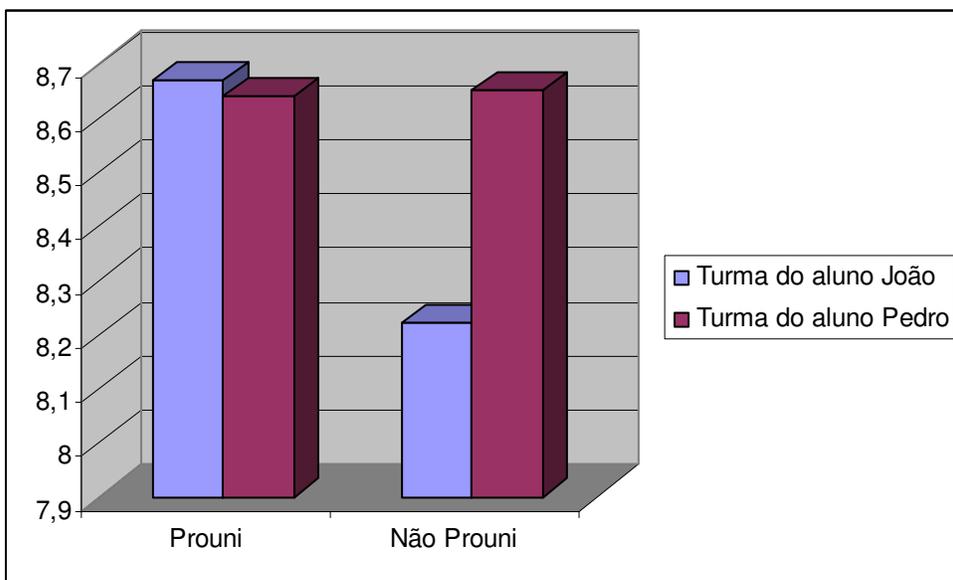


³⁵ A Média apresentada aqui refere-se à média geral do curso, com base no histórico escolar dos alunos, até o último semestre concluído.

Anexo 03

Estes dados foram fornecidos pela Coordenação do Prouni da IES pesquisada, com base no sistema de controle acadêmico da Faculdade. Os originais estão guardados com o Autor, podendo ser validados a qualquer momento.

	Prouni	Não Prouni
Turma do aluno João	8,67	8,22
Turma do aluno Pedro	8,64	8,65



³⁶ A Média apresentada aqui refere-se à média geral do curso, com base no histórico escolar dos alunos, até o último semestre concluído.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)